



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO PARA PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA NO NAMORO**

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Orientadora: Prof.^a Dra. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO PARA PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA NO NAMORO**

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Orientadora: Prof.^a Dra. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Tese para Defesa como
parte dos requisitos necessários
para obtenção do grau de
Doutor em Psicologia do
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade
Federal de São Carlos.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA DA TESE DE DOUTORADO

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

São Carlos, 24/03/2017

Prof.ª Dr.ª Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Orientadora e Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Prof.ª Dr.ª Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro
Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

Certifico que a sessão de defesa foi realizada com a participação à distância da Prof.ª Dr.ª Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro e, depois das arguições e deliberações realizadas, o participante à distância está de acordo com o conteúdo do parecer da comissão examinadora redigido no relatório de defesa do aluno **Sidnei Rinaldo Priolo Filho**.

Prof.ª Dr.ª Sheila Giardini Murta
Universidade de Brasília/UnB

Certifico que a sessão de defesa foi realizada com a participação à distância da Prof.ª Dr.ª Sheila Giardini Murta e, depois das arguições e deliberações realizadas, o participante à distância está de acordo com o conteúdo do parecer da comissão examinadora redigido no relatório de defesa do aluno **Sidnei Rinaldo Priolo Filho**.

Prof.ª Dr.ª Paloma Pegolo de Albuquerque
UFTM

Prof.ª Dr.ª Maria de Jesus Dutra dos Reis
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Submetida à defesa em sessão pública
realizada às 14:00h no dia 24/03/2017.

Comissão Julgadora:
Prof.ª Dr.ª Lucia Cavalcanti de Albuquerque
Prof.ª Dr.ª Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro
Prof.ª Dr.ª Sheila Giardini Murta
Prof.ª Dr.ª Paloma Pegolo de Albuquerque
Prof.ª Dr.ª Maria de Jesus Dutra dos Reis

Homologada pela CPG-PPGpsi na
_____ª Reunião no dia ____/____/____

Prof.ª Dr.ª Elizabeth Joan Barham
Coordenadora do PPGpsi

Extracto de Proverbios y cantares (XXIX)

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.

Antonio Machado (1933)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à Marina pelo amor e dedicação nesses mais de doze anos em que estamos juntos. O processo para concluir um doutorado nunca é fácil, mas ter você ao meu lado fez com que nunca me faltasse motivação e interesse em chegar até aqui! Que o final dessa etapa seja o princípio de novas conquistas em nossa vida!! Te amo!

Agradeço à Lúcia pela orientação e cuidado com meu trabalho nesses nove anos de parceria e por tantas oportunidades que me ofereceu. A ideia desse trabalho surgiu em uma disciplina sua do Mestrado e fico contente de poder encerrar um ciclo que se iniciou no Laprev há 9 anos com esse trabalho.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo que, através do processo 2013/01611-3, fez com que esse trabalho se tornasse realidade e possibilitou a minha total dedicação à minha formação.

À Mônica, Marcelo e Malu por nos ajudarem em nossa caminhada e estarem sempre próximos aconselhando e amparando.

À minha mãe, irmã, cunhado e meu sobrinho por estarem ao meu lado e celebrarem as vitórias comigo. Ao meu pai e minha avó, que não puderam ver o desfecho dessa etapa, mas tenho certeza que estão felizes por mim.

Vi e Django por terem sido fundamentais para que esse processo todo começasse!

Ao Henrique, Guilherme e Felipe pela amizade duradoura e que a distância física continue a nos aproximar!

À Jéssica pela disposição e interesse com que conduziu as sessões com as adolescentes e possibilitou esse trabalho. Obrigado por ser a “dona” favorita das

participantes. À Sheila e Chayene pela amizade durante as épocas difíceis do trajeto. Aos meus colegas de Laprev: Nahara, Marina e Jéssica pelo companheirismo nestes anos. Rachel e Sabrina, obrigado pelos conselhos e pela amizade!

Agradeço à Marinéia pela paciência e disposição para me ajudar em todos os problemas burocráticos! À Débora pela amizade e carinho com minhas ideias e textos.

Agradeço também às Professoras Jesus, Paloma, Sheila e Rosineide pela disponibilidade e atenção e por me auxiliarem a aperfeiçoar esse trabalho.

Por fim, meu agradecimento aos adolescentes que participaram desse projeto e possibilitaram que ele ocorresse e por permitirem que esse trabalho fosse da maneira como eu gosto: leve e com bom-humor.

Índice

Resumo.....	08
Abstract.....	09
Apresentação.....	10
Prevenção de violência no namoro entre adolescentes: Um estudo piloto.....	12
Avaliação de intervenção em escola pública para prevenir violência no namoro com adolescentes brasileiros.....	32
O que eles querem saber sobre sexo e relacionamentos? Análise qualitativa de perguntas de adolescentes em uma intervenção sobre violência no namoro.....	58
Efeitos de uma intervenção escolar para prevenção da violência no namoro ao longo de um ano.....	71
Considerações finais.....	94

Lista de Anexos

Anexo I - Parecer Comitê de Ética

Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Anexo III - Questionários piloto

Anexo IV - Versão do questionário após adaptações

Priolo-Filho, S. R. (2017). *Avaliação de uma intervenção para prevenção da violência no namoro* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, Brasil.

RESUMO

Essa tese elaborada sob a forma de quatro artigos apresenta a trajetória de desenvolvimento de uma intervenção para prevenir a prática de violência no namoro entre adolescentes brasileiros. Primeiramente, foi realizado um estudo piloto com 34 adolescentes, divididos em grupo controle e experimental, que avaliou os temas, duração e quantidade de sessões da intervenção. Os resultados do piloto apontaram uma diminuição da violência praticada pelos adolescentes, mensurada pela Escala de Tática de Conflitos (CTS-2). A partir do piloto, os instrumentos tiveram suas instruções adaptadas e um questionário de crenças sobre a violência foi adicionado. Após essa etapa foi realizado o estudo definitivo consistindo numa intervenção com 94 adolescentes divididos aleatoriamente em grupo controle e experimental com coletas de pré e pós-teste. Os participantes responderam ao Critério de Classificação Econômico Brasil, ao *Alcohol Use Identification Test - AUDIT*, a Escala de Tática de Conflitos (CTS-2) e ao Questionário de Crenças sobre a Violência. O grupo experimental depositava questões em urnas lacradas em sala de aula de forma a aumentar a participação dos adolescentes. Tais questões foram analisadas e categorizadas de maneira qualitativa. Sessões sobre sexualidade ocorriam com separação entre homens e mulheres, sendo o facilitador dessas sessões do mesmo gênero do grupo. O grupo experimental foi acompanhado durante 12 meses após a intervenção, com coletas de dados 3, 6 e 12 meses após o término das sessões. Os adolescentes fizeram 117 perguntas durante a intervenção depositadas em urnas, sendo que a maior parte das questões estava relacionada à sexualidade, seguida por resolução de problemas sociais e relacionamentos amorosos. Os homens fizeram um maior número de perguntas relacionadas à sexualidade, comparados às meninas. Os resultados do pós-teste apresentam uma diminuição da frequência de comportamentos violentos praticados e sofridos para o grupo experimental, bem como do número de participantes que eram agressivos. O grupo experimental também apresentou diminuição significativa da violência sexual praticada e sofrida no pós-teste, bem como no número de adolescentes que consumia álcool. Contudo, após um ano o grupo experimental não apresentava diferenças em relação ao pós-teste, porém todas as frequências eram numericamente inferiores quando comparadas a esse período inicial. A violência sexual continuou significativamente baixa após 12 meses da intervenção para o grupo experimental. Entretanto, em relação ao consumo de álcool houve um aumento significativo após 12 meses, com destaque para o aumento entre as mulheres. Os resultados da intervenção apontam em direções promissoras para futuras pesquisas com adolescentes brasileiros ao apresentar diminuições importantes em comportamentos violentos praticados e sofridos, em especial, para a violência sexual. Dessa forma, pesquisas futuras devem considerar a organização apresentada neste trabalho das temáticas e atividades, contudo buscando maneiras de envolver a escola e famílias para uma manutenção mais efetiva dos comportamentos agressivos após a intervenção.

Palavras-chave: adolescentes, prevenção, violência contra o parceiro.

Priolo-Filho, S. R. (2017). *Evaluation of an intervention to prevent dating violence*. (Doctoral Thesis). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, Brasil.

ABSTRACT

This thesis is developed with four articles presenting the trajectory and development of an intervention to prevent dating violence among Brazilian adolescents. At first, a pilot study was conducted with 34 adolescents, divided into control and experimental group, evaluating their behaviors and the themes, duration and number of sessions of the intervention. The results of this pilot indicated a decrease in the violence practiced by the adolescents, measured by the Conflict Tactics Scale - Revised (CTS-2). After the pilot, the instruments had their instructions adapted and a questionnaire about attitudes on violence was added. The definitive study was performed consisting of an intervention with 94 adolescents randomly divided into control and experimental groups with pre and post-test collections. Participants responded to the standardized Brazilian Socioeconomic Status (SES), the Alcohol Use Identification Test (AUDIT), the Conflicts Tactics Scale – Revised (CTS-2), and a questionnaire on beliefs about violence. The experimental group placed questions about the themes in a sealed ballot boxes in the classroom to increase the participation of adolescents. These questions were analyzed and categorized qualitatively. Sessions on sexuality occurred with separation between males and females, with the facilitator of these sessions of the same gender of the group. The experimental group had follow-up data collections 3, 6 and 12 months after the intervention. Participants asked 117 questions during the intervention, and most part of those questions were related to sexuality, followed by social problem-solving and relationships. Males asked a greater number of questions related to sexuality, compared to the girls. Post-test results show a decrease in frequency of aggressive behaviors practiced and suffered for the experimental group, as well as the number of participants who were aggressive. The experimental group also showed a significant decrease in sexual violence practiced and suffered in the post-test, as well as in the number of adolescents who consumed alcohol. However, after one year the experimental group did not show differences in relation to the post-test, but all the frequencies were numerically inferior when compared to the pretest. Sexual violence remained significantly lower after 12 months of intervention for the experimental group. However, there was a significant increase in alcohol consumption after 12 months, especially among women. The results of the intervention point in promising directions for future research with Brazilian adolescents by presenting important decreases in violent behaviors practiced and suffered, especially for sexual violence. Therefore, future research should consider themes and presentation of this work, however, looking for ways to involve the school and families in a more effective maintenance of the aggressive behaviors after the intervention.

Keywords: adolescents, prevention, violence against the partner.

Apresentação

Os relacionamentos amorosos entre os jovens têm sido analisados com maior rigor pela Psicologia nos últimos anos. Em especial, as mudanças nas configurações dos relacionamentos e as dinâmicas desenvolvidas pelos jovens tem despertado o interesse dos pesquisadores quanto as consequências positivas e negativas dessas interações. Uma das interações com consequências negativas que impactam a vida dos adolescentes é a violência no namoro. Investigar e compreender a natureza e maneiras de prevenção da violência no namoro é de relevância para nossa sociedade devido às diversas consequências negativas a curto, médio e longo prazo para adolescentes que sofrem ou praticam. Este trabalho busca contribuir para a construção de conhecimento sobre um tema atual e importante de nossa sociedade: a violência no namoro entre adolescentes

Compreender maneiras de prevenção dessa violência não envolve apenas os aspectos diretos da intervenção, mas também as variáveis que estão associadas ou mediam os comportamentos agressivos. Buscando analisar estratégias efetivas de prevenção da violência em relacionamentos amorosos na adolescência, esse trabalho foi realizado em etapas descritas em quatro artigos.

A primeira etapa envolveu a realização de um piloto que é apresentado no primeiro artigo. Esse piloto envolveu a avaliação de uma intervenção para prevenção de violência no namoro com adolescentes de uma classe de uma escola pública e buscou identificar necessidades de alterações nos temas e instrumentos utilizados. Foram investigados os comportamentos em relacionamentos amorosos e o consumo de álcool entre os adolescentes, de maneira a verificar se tal consumo seria uma estratégia de enfrentamento (*coping*) adotada por esse grupo. Adicionalmente, o projeto piloto também buscou analisar a utilidade dos

instrumentos para a coleta de dados com adolescentes, bem como limitações dos mesmos e possibilidades de alterações para o projeto.

Após o piloto, os instrumentos passaram por adaptações em relação às instruções fornecidas e sua apresentação. Ademais, foi adicionado um instrumento que avalia crenças dos participantes quanto à violência intrafamiliar.

Após essa etapa, foi realizada a intervenção final (segundo artigo) que contou com dez sessões com 94 alunos do ensino médio de uma escola pública do interior de São Paulo, divididos aleatoriamente em grupo controle e experimental com coletas de dados pré e pós-teste para ambos os grupos. São apresentados os temas da intervenção, os resultados e suas implicações, bem como as limitações do estudo.

Durante a intervenção, o grupo experimental depositava dúvidas e questionamentos em urnas que permaneciam na sala de aula e eram esvaziadas ao final de cada dia. O terceiro artigo apresenta uma análise qualitativa baseada nas perguntas elaboradas por escrito pelos adolescentes do grupo experimental sobre os diversos temas apresentados durante a intervenção, buscando subsidiar argumentos para os temas de interesse a jovens em futuras intervenções.

O grupo experimental foi acompanhado após a intervenção pelo período de um ano, com coletas de dados aos 3, 6 e 12 meses após o término das sessões. O quarto e último artigo apresenta os dados do follow-up que ocorreu aos três, seis e 12 meses após a intervenção para o grupo experimental buscando compreender o desenvolvimento longitudinal da violência no namoro para esse grupo de adolescentes, bem como implicações e discussões para pesquisas e intervenções futuras. Finalmente, a última sessão da tese apresenta as considerações finais do trabalho.

ARTIGO 1

Prevenção de violência no namoro entre adolescentes: Um estudo piloto

Sidnei R. Priolo-Filho & Lúcia C.A. Williams

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (LAPREV)

Artigo a ser submetido para Revista Científica

RESUMO

Relacionamentos amorosos na adolescência são de interesse de diversas áreas da sociedade devido as respectivas consequências negativas para a vida adulta. Esse artigo descreve um projeto piloto de prevenção da violência no namoro entre adolescentes do primeiro ano do ensino médio de uma cidade do interior de São Paulo. Participaram do estudo 34 adolescentes com média de 15,2 anos (DP=0,4), distribuídos aleatoriamente entre grupo controle e experimental. Foram aplicadas questões sociodemográficas, a Escala de Tática de Conflitos – Revisada (CTS-2) e o *Alcohol Use Identification Test* (AUDIT). Testes de covariância mostraram que a violência praticada pelos participantes contra os parceiros apresentou uma diminuição significativa, contudo a vitimização não apresentou diferença entre o pré e pós-teste. Apesar das limitações do tamanho da amostra e caráter preliminar do estudo revelando necessidade de adaptação de alguns dos instrumentos, os presentes. Resultados sugerem a possibilidade de se realizar intervenções preventivas com adolescentes brasileiros.

Palavras-chave: adolescentes, prevenção, violência contra a mulher.

ABSTRACT

Different areas of society are interested in romantic relationships during adolescence due to its detrimental consequences on adult life. This study presents a pilot program to prevent dating violence among High School freshmen in a city of São Paulo State, Brazil. Participants were 34 adolescents with a mean age of 15.2 years (SD=0,4) who were randomized among control and experimental groups. Participants answered demographic questions, the Conflict Tactics Scale – Revised (CTS-2) and the AUDIT. Covariance analysis showed lower frequencies of aggression on the experimental group, although victimization did not have differences on pre and post-test. Despite limitations due to the sample size and preliminary aspects of the pilot indicating need to adapt some of the instruments, present results suggest that it is possible to conduct prevention interventions with Brazilian adolescents.

Keywords: adolescents, prevention, violence against woman.

Introdução

Relacionamentos amorosos entre adolescentes têm obtido grande atenção das áreas da Psicologia e da Saúde Coletiva nos últimos anos. Tal fato se deve aos avanços na compreensão da dinâmica dos relacionamentos nessa etapa da vida, bem como às diferentes expressões da violência entre os adolescentes. Adicionalmente, é na adolescência que se iniciam os relacionamentos amorosos, o que aumenta a chance de sucesso de intervenções (Avery-Leaf, Cascardi, O'Leary & Cano, 1997). O objetivo desse trabalho é descrever um projeto piloto de prevenção da violência no namoro adequado à realidade dos adolescentes brasileiros.

Os relacionamentos amorosos dos adolescentes brasileiros apresentam características próprias conforme observado por Minayo, Assis & Njaine (2011). Essas características consistem em maior número de parceiros em um menor espaço de tempo quando comparados aos adultos brasileiros e adolescentes norte-americanos (Minayo et al., 2011). Considerando essa análise podemos hipotetizar que um adolescente brasileiro que pratica violência em relacionamentos amorosos pode vitimizar diversos parceiros em um curto período de tempo, indicando a necessidade de ações urgentes que extingam ou ao menos diminuam a violência no namoro em adolescentes.

A característica distintiva da violência no namoro como categoria diferenciada de violência entre parceiros íntimos (VPI) é a não existência de coabitação entre perpetrador e vítima das agressões (Avery-Leaf et al., 1997; Foshee, Reyes, Gottfredson, Chang & Ennett, 2013; Miller et al., 2013). Essa característica implica que a prevenção deve ser diferenciada dos programas típicos de VPI, que buscam, em sua maioria, a resolução de problemas dentro do ambiente residencial da família. Os programas internacionais de prevenção da violência no namoro se concentram em dois grupos principais: a) intervenções que lidam com a

resolução de problemas exclusivamente dentro de relacionamentos amorosos; b) intervenções que buscam aprimorar a resolução de problemas sociais dos adolescentes, com o objetivo de que ocorra uma generalização desses comportamentos para além dos relacionamentos amorosos (Davis, 2008; Foshee et al., 2013; Miller et al., 2013). Os programas de prevenção da violência no namoro, em sua maioria, são realizados diretamente em escolas, em atividades fora do horário letivo ou em aulas sobre saúde (Avery-Leaf et al., 1997; Davis, 2008; Foshee et al., 2013; Miller et al., 2012; Murta et al., 2013). Dessa maneira, os mesmos conseguem abranger a maior quantidade possível de adolescentes com diferentes experiências e histórias, tendo a prevenção primária como alvo (Foshee et al., 2013). A violência no namoro, assim como outras modalidades de violência tem sido primordialmente estudada sob o prisma da abordagem cognitiva-comportamental, como o foco nas crenças, pensamentos e comportamentos dos indivíduos em situações que facilitem ou evitem tal violência.

O trabalho pioneiro de intervenção dessa área foi realizado nos Estados Unidos por Avery-Leaf, Cascardi, O'Leary e Cano (1997). Esse estudo atuou com 193 estudantes de 9º ao 12º ano apontando para mudanças positivas quanto a justificativas das agressões de homens contra as mulheres, ou seja, os participantes não justificavam a agressão baseados no comportamento da vítima. Contudo, os pesquisadores não observaram mudanças comportamentais significativas entre os participantes. Em especial, não foram observadas diminuições, tanto em frequência, quanto em severidade, dos relatos de comportamentos violentos.

Em outra pesquisa avaliando uma intervenção, nos Estados Unidos, Miller et al. (2012) tiveram como participantes atletas do sexo masculino que cursavam o ensino médio, sendo que após a mesma observou-se resultados positivos com diminuição da violência psicológica, em especial do abuso verbal por parte dos participantes. Contudo, em follow-up um ano após a intervenção muitos dos benefícios imediatos do programa não foram

encontrados, talvez pela falta de consequências positivas durante o tempo transcorrido, ou seja, os comportamentos violentos acabaram recebendo benefícios em outros contextos para os participantes (Miller et al., 2013).

A diminuição de comportamentos agressivos tem sido um dos desafios dos programas de prevenção, e buscando obter sucesso frente a esse desafio Antle, Sullivan, Dryden, Karan e Barbee (2011) aplicaram um programa de intervenção, em dois dias, com 12 horas de duração, ao invés de cerca de dez sessões espaçadas em intervalos de meses como Miller et al. (2012) e Avery-Leaf et al. (1997) haviam realizado. Os resultados apontaram melhoras no conhecimento sobre violência, bem como na área de comunicação com o parceiro e resolução de conflitos. Contudo, os relatos de comportamentos agressivos não apresentaram alterações, mesmo com a carga horária dada de modo intenso.

Intervenções com a população brasileira são escassas, sendo a o trabalho de Murta et al. (2013) o pioneiro. Essas pesquisadoras aplicaram um programa com sete sessões com 60 adolescentes de Brasília divididos em grupo controle e experimental, buscando avaliar crenças sexistas e homofóbicas e a aplicação dos conhecimentos fora do ambiente das sessões. Os adolescentes afirmaram, ao final da intervenção, que possuíam mais intenções de resolução de conflitos de forma não agressiva, sugerindo a necessidade do ensino de técnicas não violentas de resolução de conflitos entre adolescentes brasileiros. Esse trabalho apresenta aspectos interessantes de engajamento para mudanças no ambiente real, contudo medidas de comportamentos praticados pelos adolescentes poderia complementar essa informação de forma a compreender se a motivação se tornou ação na vida real desses adolescentes.

Outro trabalho relevante da produção nacional foi realizado por D´Affonseca, Santini, Laurenti, e Williams (2015) narrando um estudo de caso atendido em atividade de estágio do Laboratório de Análise e Prevenção de Violência (Laprev) de uma cliente com alta

escolaridade que havia sofrido grave violência do namorado, com cárcere privado. Trabalhos pioneiros como os de Murta et al. (2013) e D´Affonseca et al. (2015) indicam caminhos importantes para intervenções com a população brasileira.

Em relação as intervenções é importante destacar que temas distintos foram trabalhados em cada programa. Foshee et al. (2013) apontam que programas com maiores possibilidades de sucesso em relação às mudanças comportamentais são os que ensinam a resolução não violenta de problemas para todas as situações potencialmente agressivas, dentro e fora de relacionamentos amorosos, incluindo a violência psicológica, que usualmente é negligenciada pelas pesquisas. Davis (2008), por sua vez, aponta que entre as mulheres vítimas de violência no namoro, 41% também sofre outra forma de violência, ou seja, há uma combinação de violência física e psicológica em relacionamentos amorosos na adolescência. Portanto, intervir em somente uma modalidade de violência não atingirá todas as formas de violência às quais as vítimas estão expostas. Visão semelhante é apresentada por Foshee et al. (2011), que argumentam que as formas de violência no namoro compartilham fatores de risco e proteção, sendo que o ideal seria ensinar a lidar com todas as situações potencialmente agressivas e não somente aquelas envolvidas nos relacionamentos amorosos.

Concluindo, a prevenção deve considerar aspectos genéricos da violência e suas especificidades, devemos nos atentar para os fatores de risco da mesma. Em relação à violência no namoro, um dos principais fatores de risco é o consumo de álcool (Foshee et al. 2011; Swahn, Bossarte & Sullivent, 2008). Pode-se hipotetizar que uma diminuição do consumo está associada a uma melhor resolução de problemas e conseqüente diminuição da violência entre adolescentes se considerarmos o uso de álcool como uma estratégia de enfrentamento dos problemas pelos adolescentes (Swahn et al., 2008; Priolo-Filho & Williams, 2016). A partir das informações apresentadas, o presente estudo teve como objetivo principal conduzir e avaliar um programa piloto de prevenção à violência no namoro

visando a diminuição dos comportamentos violentos em relacionamentos amorosos, bem como do consumo de álcool e um aumento dos comportamentos de resolução de problemas sociais pelos participantes. Dessa forma, o estudo busca auxiliar na compreensão sobre as práticas comportamentais dos jovens em relacionamentos, bem como fornecer um modelo buscando mudanças comportamentais não violentas.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 34 adolescentes do primeiro ano do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior do estado de São Paulo, sendo 18 do sexo feminino e 16 do masculino. A média de idade dos participantes foi de 15,2 anos (DP = 0,4). Desses participantes, 18 participaram da intervenção (GE) e 16 do grupo de comparação (GC).

A adesão dos participantes do GE nas sessões foi de 81,25%, sendo que na sala deste grupo haviam 42 alunos matriculados, contudo apenas 23 frequentavam a escola. Dentre os 23 alunos apenas 18 apresentaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais e, portanto, puderam participar da pesquisa.

Coleta de dados

A intervenção foi realizada na escola dos participantes, localizada em bairro com população em situação de vulnerabilidade social de uma cidade do interior de São Paulo. A sala utilizada durante a intervenção e a coleta de dados possuía cadeiras e mesas para todos os alunos, lousa e ventiladores, sendo adequada aos propósitos da pesquisa. Foi utilizado um notebook e um datashow para apresentação dos slides, e lousa e giz para aprofundamento e explicações de questões citadas pelos adolescentes.

Procedimento da Intervenção

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos (parecer 549.184). Todos os pais e adolescentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes do início da coleta de dados. A intervenção foi dividida em 8 sessões de 50 minutos que ocorriam duas vezes durante a semana no período de aulas com a autorização dos professores, contudo estes não permaneciam na sala durante as sessões. Os seguintes temas foram abordados durante as sessões de intervenção na ordem em que foram apresentados: definição e tipos de violência; aspectos positivos e negativos de um relacionamento; papéis de gênero; resolução pacífica de conflitos; sexualidade e violência sexual; plano de segurança em relacionamentos violentos; notificação e busca por ajuda em situações de violência. A intervenção foi realizada pelo primeiro autor e as sessões sobre sexualidade e violência sexual ocorriam com uma separação dos adolescentes em grupos do mesmo sexo, ou seja, o primeiro autor atuou como facilitador para o grupo dos meninos e uma psicóloga do mesmo laboratório atuou com as meninas. O primeiro autor também distribuía papéis para que os participantes escrevessem dúvidas e aspectos que gostariam de se informar sobre o tema da sessão, sendo tais perguntas dos participantes entregues de maneira anônima e depositadas em uma urna que estava disponível durante toda a sessão.

As sessões foram organizadas de maneira que a participação dos adolescentes fosse ativa, sendo que no início da sessão era apresentado o tema geral do dia, sendo requisitada a percepção dos participantes sobre aquela temática. Por exemplo, os participantes deveriam escrever individualmente em folhas distribuídas uma característica envolvendo aspectos positivos e negativos de um relacionamento amoroso, sendo tais respostas também anônimas depositadas em um envelope. O pesquisador, então, lia em voz alta a primeira resposta sorteada de um aluno e, a partir desse conteúdo era iniciada a discussão da temática na sessão. Todas as percepções e perguntas eram lidas pelo pesquisador em ordem aleatória de forma a contemplar todas as visões dos alunos na sessão. Nos cinco minutos finais de cada

sessão o pesquisador solicitava que caso alguma questão ou tema não tivesse sido contemplado os adolescentes o escrevessem de maneira anônima, depositando tais comentários em uma urna.

Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos na coleta de dados pré e pós-intervenção:

- a) *Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT)* criado por Babor, Higgins-Biddle, Saunders & Monteiro (2001) e validado com adolescentes brasileiros por Martins et al. (2008). Esse instrumento contém 10 questões que avaliam consumo danoso e dependência de álcool. Esse instrumento de fácil aplicação foi utilizado para verificar se uma intervenção focada em violência no namoro teria como resultados uma diminuição do consumo, conforme sugerido por Wekerle et al. (2009);
- b) Escala de Táticas de Conflito Revisada (CTS-2) (Strauss, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996) em sua versão validada para o português por Alexandra & Figueiredo (2006). Esse instrumento contém 78 afirmações as quais o participante deve apontar se pratica ou sofre diferentes formas de violência e comportamentos de resolução de problemas adequados, bem como a frequência em que ocorrem em seu relacionamento.

O preenchimento dos questionários ocorreu nas salas de aulas com ambos os grupos, sendo realizado ao mesmo tempo por todos os participantes. Caso algum participante tivesse alguma dúvida, era requisitado que levantasse a mão e o pesquisador se encaminhava até o participante para saná-la individualmente, sendo que dúvidas mais frequentes eram sobre o preenchimento do CTS-2. Cada participante preenchia sua idade e sexo nos questionários, mas não incluía o respectivo nome de maneira a manter o anonimato. Após o preenchimento,

os participantes colocavam seus questionários dentro de um envelope para evitar a identificação. O preenchimento dos questionários teve uma duração média de uma hora, tanto no pré quanto no pós-teste. (Todos os instrumentos são apresentados no Anexo III na ordem em que foram distribuídos aos adolescentes).

Resultados

A Tabela 1 apresenta as porcentagens de vitimização física, psicológica e sexual, bem como de resolução de problemas praticada pelos participantes no CTS-2 durante a coleta do pré e pós-teste. Podemos observar uma maior porcentagem de violência psicológica em relação à física e sexual em ambos os grupos, bem como uma maior porcentagem de violência física no grupo controle no pré-teste comparado ao grupo experimental. Em ambos os grupos, mais de 60% dos participantes relataram ter sofrido ao menos uma forma de violência no pós-teste.

Tabela 1

Frequência relativa quanto à vitimização dos participantes no CTS-2.

Categoria de comportamento	Controle		Experimental	
	Pré	Pós	Pré	Pós
Física	33,3	33,3	23,7	33,3
Psicológica	58,3	50	53,8	58,3
Sexual	25,0	25,0	23,1	25,0
Resolução de problemas	84,0	83,3	84,0	84,6
Violência geral	66,6	63,6	53,8	61,5

Uma análise de covariância (ANCOVA) foi realizada para verificar diferenças nos escores de frequência entre os grupos controle e experimental sobre as categorias do instrumento, a saber, resolução de problemas, violência física, sexual e psicológica e violência geral que consiste na somatória das três anteriores. Os dados do CTS-2 foram

analisados de acordo com a frequência da violência relatada pelos participantes, com isso a análise está focada nas diferenças de frequência dos comportamentos.

A violência geral praticada pelos participantes do grupo experimental apresentou uma diminuição significativa comparada ao grupo controle [$F(1,8) = 0,11, p = 0,16$], enquanto a violência geral sofrida não apresentou diferenças [$F(1,8) = 0,44, p = 0,52$]. Entretanto, não foram observadas diferenças significativas nas medidas pré e pós-teste do grupo controle e experimental entre: a) violência física sofrida [$F(1,3) = 0,29, p = 0,88$] e praticada [$F(1,3) = 3,11, p = 0,22$]; b) violência psicológica perpetrada [$F(1,8) = 1,48, p = 0,26$] e vitimização [$F(1,7) = 1,17, p = 0,32$]; c) resolução de problemas em relacionamentos amorosos praticada pelo participante [$F(1,16) = 2,55, p = 0,13$] e pelos parceiros [$F(1,17) = 3,48, p = 0,08$].

Em relação à perpetração de violência sexual, nenhum participante do grupo controle afirmou ter praticado essa forma de violência e, apenas 3 participantes do grupo experimental afirmaram ter sofrido alguma forma de violência sexual no pós-teste. A baixa frequência impede a realização dos testes de homogeneidade do ANCOVA, impossibilitando essa análise. Com isso foram realizados testes t em pares para comparar a frequência da violência sexual reportada pelos participantes do grupo experimental. Não houve uma diferença significativa na frequência entre pré e pós-teste do grupo experimental para vitimização ($t(13) = 1,14, p = 0,27$) e perpetração ($t(13) = 0,87, p = 0,39$). Contudo, como a amostra para essa forma de violência é reduzida foi realizada uma análise com menor poder preditivo, mas necessária para o grupo que foi vitimizado sexualmente com apenas os participantes que relataram ter sofrido violência sexual no pré e pós-teste. Esses participantes mostraram uma diminuição da frequência da vitimização da violência sexual de maneira significativa a partir de um teste t de amostras pareadas para o GE [$t(2) = -8,00, p = 0,01$].

Para analisar as médias de pontuação do AUDIT para ambos os grupos foi utilizada uma análise de variância (ANCOVA) para avaliar diferenças entre as médias, com o grupo controle mostrando variação de 3,92 no pré-teste para 3,35 no pós-teste e o grupo experimental variou de 3,71 para 1,85 respectivamente. Contudo apesar da diferença numérica entre os grupos, essa variação não é significativa [$t(26) = 1,96$, $p = 0,17$].

As perguntas dos participantes durante e ao final das sessões foram analisadas de acordo com o conteúdo e divididas em três categorias: sexualidade, resolução de problemas e violência. A categoria sexualidade foi a que apresentou um maior número de perguntas (10), variando de aspectos biológicos (“*A primeira vez da mulher, o corpo acaba mudando?*”); comportamentais [“*Qual o sexo seguro*” [(sic)] e emocionais (“*Como saber a pessoa certa para o sexo*”). A categoria de resolução de problemas apresentou oito questões que variavam de aspectos românticos (“*Como saber se é amor?*”) a sociais (“*Como lidar com os colegas de classe que são estúpidos?*”). Finalmente, a categoria violência apresentou duas questões escritas relacionadas à violência sexual (“*A mulher quando é estripada [sic], ela fica com trauma?*”) e “*Crianças quando sofrem estupro correm o risco de engravidar?*”).

Discussão

Esse estudo piloto teve como objetivo avaliar potencialidades e dificuldades em intervir com adolescentes para prevenir a violência no namoro. O principal resultado obtido consistiu na diminuição observada da frequência da violência praticada pelos participantes mensurada pelo CTS-2. Ao verificar que mais de 60% dos participantes sofreram ao menos uma forma de violência tanto no pré quanto no pós-teste, esse resultado se torna ainda mais importante. Contudo, apesar dessa diminuição geral, não houve uma diminuição significativa ao observar as categorias de física e psicológica separadamente.

Os resultados obtidos nesta pesquisa em relação aos comportamentos violentos sem diminuições significativas após a intervenção apresentam-se em consonância com dados de outras pesquisas realizadas em outros países (Avery-Leaf, Cascardi, O'Leary & Cano, 1997; Miller et al., 2012). A diminuição de comportamentos violentos sofridos tem sido uma dificuldade enfrentada nos estudos recém citados, em especial, pelo fato de uma intervenção sensibilizar os adolescentes para a temática da violência, fazendo com que diversos comportamentos comecem a ser analisados sob uma ótica diferenciada. Contudo, um aspecto que o presente trabalho não avaliou foram as crenças dos participantes sobre a violência, que devem ser avaliadas em pesquisas futuras por meio de instrumentos específicos. Espera-se com uma avaliação das crenças será possível analisar com maior precisão se os comportamentos não ocorrem ou não são considerados violentos pelos adolescentes no início das intervenções. Essa diferenciação é fundamental para compreender o fenômeno da violência em relacionamentos amorosos para os adolescentes, por exemplo, ao considerar que gritar com um parceiro um aspecto neutro ou positivo de um relacionamento, pode afetar a frequência das respostas sobre as práticas violentas.

Em relação à violência sexual, a separação em grupos por gênero indicada por Teten et al. (2009) mostrou-se acertada, em especial pela participação ativa dos adolescentes durante as sessões e por permitir um enfoque mais direto à temática, bem como pela alta frequência de questões elaboradas pelos adolescentes sobre a mesma. A criação desse espaço privado para questionamentos promoveu maior liberdade para diversas questões para ambos os sexos. Esse resultado modesto, porém positivo, obtido neste trabalho reforça a necessidade de as sessões sobre a sexualidade se configurarem fundamentais para uma mudança positiva na vida dos adolescentes. Apesar do poder preditivo do teste t ser menor, os resultados apontam para uma diminuição da frequência da violência sexual para o grupo experimental

que foram, possivelmente, maximizados pela estratégia utilizada, indicando que essa deve ser melhor explorada em futuros programas de prevenção.

Miller et al. (2012) apontam que alguns alunos que são modelos de comportamento para os outros, como os atletas das escolas norte-americanas, teriam grande influência sobre o comportamento dos outros indivíduos do grupo. Contudo, na ausência destes modelos, os autores reforçam que a prevenção deve ter como alvo homens que possuem crenças e comportamentos danosos, bem como o ambiente social em que estão inseridos. Dessa maneira, a separação nas sessões sobre sexualidade se mostram acertadas, tendo em vista que permitem um aprofundamento de algumas questões com os homens, criando um ambiente de resolução pacífica de conflito em diferentes esferas. Os dados relativos à diminuição da frequência da violência sexual sofrida corroboram essa ideia.

Para a violência no namoro havia a hipótese anterior de que uma possível diminuição do consumo de álcool seria um indicativo da possível eficácia desse programa com a população adolescente para a resolução de problemas sociais gerais conforme defendido por Foshee et al. (2011) e Swahn et al. (2008). Contudo, os resultados não indicaram uma diminuição significativa do consumo, possibilitando duas interpretações desse resultado: a) o programa focado em violência no namoro não foi capaz de generalizar os comportamentos de resolução de problemas para o consumo de álcool; b) a escola estava localizada em um bairro de classe média baixa caracterizada, portanto, pelo baixo consumo de álcool na população brasileira (Sanchez, Locatelli, Noto & Martins, 2013), ou seja, a linha de base dos participantes indicava um consumo baixo.

As análises de conteúdo das perguntas feitas de forma anônima pelos participantes apontam um interesse relacionado à sexualidade e à resolução de problemas sociais. É importante destacar que as questões sobre sexualidade não eram somente direcionadas a

aspectos do ato sexual em si, mas sim a uma ampla gama de informações de conteúdo emocional e comportamental. Essas perguntas indicam que os adolescentes não teriam como única preocupação o ato sexual exclusivamente, mas têm indagações sobre diferentes antecedentes e consequências do comportamento sexual. As questões sobre resolução de problemas também apresentaram aspectos qualitativamente distintos com foco nas relações amorosas e sociais dos adolescentes, indicando necessidades do ensino de estratégias para resolver problemas. Apenas duas questões foram feitas com temática na violência e ambas com foco na violência sexual. Tais questões sugerem que os adolescentes buscavam compreender consequências físicas e psicológicas desse tipo grave de violência, indicando que tal tema deve também estar presente em intervenções futuras.

Outro aspecto relacionado à intervenção que merece destaque são as altas taxas de evasão escolar e faltas dos alunos. Apesar de o grupo experimental possuir 42 alunos matriculados em sua turma, somente 23 alunos frequentavam as aulas com uma frequência mínima de 75%, ou seja, a evasão escolar nessa sala de aula era de aproximadamente 45%. Entre os 23 alunos que frequentavam a escola, 18 entregaram o TCLE e participaram da intervenção. Estes alunos apresentaram uma frequência média de presença em 7 das 8 sessões da intervenção, isto é, os alunos que participaram do programa efetivamente o acompanharam do início ao fim. A boa frequência dos alunos durante a intervenção demonstra que houve adesão dos mesmos ao programa, contudo os alunos que evadem a escola devem ser foco de intervenções específicas que atendam às suas necessidades para que eles retornem à escola. Adicionalmente, os alunos que evadem a escola apresentam maior risco para comportamentos agressivos e taxas de consumo de álcool mais elevadas (Foshee et al., 2011). Dessa forma, não foi possível verificar se o consumo desses alunos que não frequentavam a escola seria maior que o apresentado pelos alunos que compareceram as sessões do programa, sendo essa

uma questão fundamental para uma compreensão mais completa do fenômeno da violência no namoro.

Uma das características das intervenções que têm sido discutidos é a duração das sessões e dos programas (Antle et al, 2011; Miller et al., 2013). Mais especificamente, se intervenções curtas teriam o mesmo efeito que as intervenções com maior duração, devido a aspectos como faltas às sessões e evasão escolar de adolescentes em situação de risco (Antle et al., 2011). O número de sessões do projeto apresentado se mostrou adequado, em especial, por ter ocorrido duas vezes durante a semana. Dessa maneira, os participantes estavam, com frequência, em contato com a temática e as atividades propostas, diminuindo a possibilidade de esquecimento das atividades e aumentando a participação efetiva. Esses fatores estão ligados a um maior sucesso das intervenções sobre essa temática com adolescentes, e também a participação de maneira ativa dos participantes nos temas discutidos pelos pesquisadores (Gagné, Lavoie & Hébert, 2005).

Como esse é um estudo piloto eram esperadas limitações, sendo uma das principais o tamanho dos grupos controle e experimental, com um número pequeno de participantes ao compararmos com programas internacionais bem-sucedidos que utilizaram amostras que variaram entre centenas (Foshee et al., 2011; Miller et al., 2013) a milhares (Wolfe et al., 2013). Dessa forma não é possível generalizar os resultados para grupos em ambientes diferentes do pesquisado. Novos estudos com amostras maiores e com maior controle sobre a participação dos adolescentes será realizado para uma clareza das formas de prevenção eficazes com adolescentes brasileiros.

Outra limitação da investigação consistiu na dificuldade dos participantes para responder a algumas questões do CTS-2, em especial, às relativas à resolução de problemas. Esse fato indica a necessidade de adaptação das instruções para futuras aplicações desse

instrumento com adolescentes brasileiros, tendo em vista que uma das grandes vantagens do uso desse instrumento é a possibilidade de avaliação, não somente dos comportamentos agressivos, mas também comportamentos de resolução positiva de conflitos. Importante destacar que o CTS-2 é um instrumento amplamente utilizado em pesquisas sobre violência no namoro em diversos países, contudo adaptações culturais sempre serão necessárias nesse caso, não sendo impeditivas para o uso dessa importante ferramenta de mensuração de comportamentos violentos (Straus, 2004). Apesar dos problemas com a aplicação do CTS-2, sua escolha se mostrou acertada pela quantidade de comportamentos avaliados pelo instrumento e, também, pela qualidade dos dados obtidos com esse instrumento. A possibilidade de analisar diferentes formas de violência ressalta a importância desse instrumento que pode ser ainda mais eficiente com uma adaptação das instruções aos adolescentes brasileiros.

Em suma, o presente artigo traz contribuições ao apresentar uma pesquisa quantitativa e qualitativa inovadora para a realidade brasileira buscando analisar os comportamentos violentos praticados no mundo real, apesar de suas limitações. Futuras pesquisas devem buscar compreender as crenças dos adolescentes sobre a violência em relacionamentos amorosos, bem como buscar modificações efetivas e duradouras para resolução de problemas de maneira não agressiva.

Referências

- Alexandra, C. & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.
- Antle, B. F., Sullivan, D. J., Dryden, A., Karam, E. A. & Barbee, A. P. (2011). Healthy relationship education for dating violence prevention among high-risk youth. *Children and Youth Services Review*, 33, 173-179.

- Avery-Leaf, S., Cascardi, M., O'Leary, K. D. & Cano, A. (1997). Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. *Journal of Adolescent Health, 21*; 11-17.
- Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B., & Monteiro, M. G. (2001). *The Alcohol Use Disorders Identification Test*. World Health Organization, Second Edition.
- Davis, A. (2008). Interpersonal and physical dating violence among teens. *Focus: Views from the National Council on Crime and Delinquency*, September, 1-8.
- D'Affonseca, S.M., Santini, P.M., Laurenti, A.C. & Williams, L.C.A. (2015). Violência no namoro: Pesquisa e intervenção. Em: S.G. Murta, J.S.N.F. Bucher-Maluschke & G.R.S. Diniz (Orgs.). *Violência no namoro: Estudos, prevenção e psicoterapia*. (pp. 309-325). Curitiba: Editora Appris.
- Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Suchindran, C., Mathias, J. P., Karriker-Jaffe, K. J., Bauman, K. E. & Benefield, T. S. (2011). Risk and protective factors distinguishing profiles of adolescent peer and dating violence perpetration. *Journal of Adolescent Health, 48*, 344-350.
- Foshee, V., Reyes, H., Gottfredson, N., Chang, L., & Ennett, S. (2013). A Longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample of adolescents. *Journal of Adolescent Health, 53*(6), 723-729. doi:10.1016/j.jadohealth.2013.06.016
- Gagné, M. H., Lavoie, F. & Hébert, M. (2005). Victimization during childhood and revictimization in dating relationships in adolescent girls. *Child Abuse & Neglect, 29*, 1155-1172.

- Martins, R. A., Manzatto, A. J., Cruz, L. N., Poiate, S. M. G. & Scarin, A. C. C. F. (2008). Utilização do Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) para identificação do consumo de álcool entre estudantes do ensino médio. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(2), 307-316.
- Miller, E., Tancredi, D. J., McCauley, H. L., Decker, M. R., Virata, M.C.D., Anderson, H. A., Stetkevich, N., Brown, E. W., Moideen, F. & Silverman, J. G. (2012) “Coaching boys into men”: A cluster-randomized controlled trial of a dating violence prevention program. *Journal of Adolescent Health*, 51(5), 431-438.
- Miller, E., Tancredi, D. J., McCauley, H. L., Decker, M. R., Virata, M. C. D., Anderson, H. A., O’Connor, B. & Silverman, J. G. (2013). One-year follow-up of a coach-delivered dating violence prevention program. *American Journal of Preventive Medicine*, 45, 108-112.
- Minayo, M., Assis, S., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Nobre, L. A., Araújo, I. F., Miranda, A. A. V., Rodrigues, I. O. & Franco, C. T. P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24(2), 263-288.
- Priolo-Filho, S. & Williams, L. (2016). Child abuse as a predictor of alcohol consumption among Brazilian University students. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626051664077. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260516640775>
- Sanchez, Z. M., Locatelli, D. P., Noto, A. R., & Martins, S. S. (2013). Binge drinking among Brazilian students: A gradient of association with socioeconomic status in five geoeconomic regions. *Drug and alcohol dependence*, 127(1), 87-93.

- Strauss, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D.B. (1996). The Revised Conflicts Tactics Scale (CTS-2). *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.
- Straus, M. A. (2004). Cross-cultural reliability and validity of the Revised Conflict Tactics Scales: A study of university student dating couples in 17 nations. *Cross-Cultural Research*, 38(4), 407-432.
- Swahn, M. H., Bossarte, R. M. & Sullivent, E. E. (2008). Age of alcohol use initiation, suicidal behavior, and peer and Dating Violence victimization and perpetration among high-risk, seventh grade adolescents. *Pediatrics*, 121(2), 297-305.
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R. & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of Dating Violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, 18(7), 923-928.
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., Scott, K., Straatman, A., Grasley, C. & Reitzel-Jaffe, D. (2003). Dating violence prevention with at-risk youth: A controlled outcome evaluation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71, 279-291.

ARTIGO 2

Avaliação de intervenção em escola pública para prevenir violência no namoro com adolescentes brasileiros

Sidnei Rinaldo Priolo-Filho & Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (LAPREV)

Artigo a ser submetido para Revista Científica

RESUMO

A violência no namoro entre adolescentes é um tema de interesse da sociedade brasileira por estar ligada a diversas consequências negativas na vida das pessoas envolvidas. Essa pesquisa buscou avaliar um programa de prevenção com 94 adolescentes, divididos em grupo controle (35) e experimental (59) de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: Critério Brasil, *Alcohol Use Identification Test* (AUDIT), Escala de Tática de Conflitos Revisada (CTS-2) e Questionário de Crenças sobre a Violência em coletas de pré e pós-teste para ambos os grupos. A intervenção consistiu em dez sessões de 50 minutos realizadas na escola durante o horário de aulas, sendo que nas sessões sobre sexualidade temas específicos foram trabalhados com cada gênero. Os resultados indicaram uma diminuição da frequência total de episódios de violência sexual sofrida e praticada para o grupo experimental e do número de adolescentes que praticavam esse tipo de violência. O número de adolescentes que consumiu álcool também apresentou diminuição significativa para o grupo experimental comparado ao controle. Podemos apontar que a estratégia de separação para as sessões de sexualidade se mostrou acertada e deve ser considerada para programas futuros de prevenção, sobretudo considerando a dificuldade de modificação de comportamentos apontados por pesquisas anteriores. A pesquisa sugere a possibilidade de prevenção de comportamentos sexualmente violentos em relacionamentos amorosos de adolescentes brasileiros. A identificação de variáveis associadas a esse fenômeno na cultura brasileira são necessárias para que o programa consiga obter resultados mais amplos, prevenindo outras formas de violência.

Palavras-chave: adolescentes, violência, prevenção, violência entre parceiros íntimos, violência sexual.

ABSTRACT

Adolescent dating violence is a topic of interest in Brazilian society due to its association with diverse negative consequences in the lives of the people involved. This research aimed to evaluate a prevention program with 83 adolescents, divided into control (35) and experimental groups (59) from a city in the State of São Paulo. Participants answered the following instruments: a demographic questionnaire, the Alcohol Use Identification Test (AUDIT), the Conflict Tactics Scale- Revised (CTS-2), and a Brazilian Questionnaire on Violence Beliefs in the pre and post-test for both groups. The intervention consisted of ten 50-minute sessions held in the school during class hours. Males and females were separated in the sexuality sessions and specific themes were worked out with each gender. Results indicated a decrease in total frequency reported of sexual violence experienced and practiced by the experimental group and on the number of adolescents who practiced this type of violence. The frequency of adolescents who consumed alcohol also showed a significant decrease for the experimental group compared to the control group. The strategy to separate students by gender for the sexuality sessions appears to have been correct and should be considered in future prevention programs, especially considering the difficulty previous research had in modifying behaviors. The present study indicates the possibility of preventing sexual violent behaviors in Brazilian adolescents' romantic relationships. The identification of variables associated with this phenomenon in Brazilian culture is necessary for the program to achieve wider results and prevent other modalities of violence.

Keywords: adolescents, violence, prevention, intimate partner violence, sexual violence

A violência contra a mulher é uma das violações dos Direitos Humanos mais frequentes no mundo, sendo também prevalente durante a fase do namoro, o que tem despertado interesse dos pesquisadores nos últimos anos, especialmente em relação a sua prevenção entre adolescentes (Center for Disease Control and Prevention, 2007; Miller et al, 2012; Teten, Ball, Valle, Noonan & Rosenbluth, 2009; Wekerle et al, 2009). A violência no namoro tem sido descrita como forma diferenciada de violência contra o parceiro íntimo por apresentar algumas características únicas em relação a outras formas de violência contra a mulher (Wekerle & Wolfe, 1999; Wekerle et al, 2009).

A violência no namoro possui uma característica fundamental que a diferencia de outras formas de violência contra a mulher: o fato de não haver coabitação entre perpetrador e vítima das agressões, ou seja, os parceiros não residem na mesma casa e, por isso os espaços para a ocorrência da violência, bem como as suas implicações sociais e individuais para a vítima são diferenciadas (*Center for Disease Control and Prevention, 2007; Foshee, Reyes, Gottfredson, Chang & Ennett, 2013; Miller et al., 2013*). Outro fator característico da violência no namoro está relacionado ao grande número de parceiros com que os adolescentes mantêm relacionamentos, bem como com o curto espaço de tempo que estes laços perduram, em especial, para os adolescentes brasileiros (Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Como os adultos, no geral, além de serem mais amadurecidos, residam na mesma residência, tendo mudanças de parceiros menos frequentes e relacionamentos mais longos, há maior probabilidade de acionarem a rede de proteção em situação de violência (Foshee et al, 2011).

A maior porcentagem das pesquisas sobre prevenção da violência no namoro se encontra focada na adolescência e com jovens adultos. Isso se deve ao fato de que programas de prevenção nessa etapa do desenvolvimento têm a possibilidade de atingirem consequências positivas mais duradouras e que, talvez, possam ser ramificadas para outras

áreas da vida adulta (Koker, Mathews, Zuch, Bastien, & Mason-Jones, 2014; Miller et al, 2012; Teten et al., 2009).

Dessa forma, temos que a violência no namoro entre adolescentes é uma forma diferenciada de violência íntima entre parceiros, necessitando de atenção da área da saúde, especialmente no campo da prevenção. A violência no namoro é reconhecida como um problema de Saúde Pública em alguns países do mundo, como os Estados Unidos e o Canadá e, a construção de conhecimento sobre esse fenômeno vem contribuindo para um melhor entendimento sobre o tema (*Center for Disease Control and Prevention, 2007*).

A violência no namoro pode ocorrer de três formas: a) *física* como, por exemplo, bater, estapear, esfaquear, enforçar, entre outras; b) *psicológica*, como isolar o parceiro da família e amigos, comportamentos de controle e atos de dominação que evitem que o outro tome decisões sobre sua vida, entre outros comportamentos; c) *sexual*, que abrange penetração não consensual completa ou incompleta, contato sexual não desejado que não envolva penetração, ou falas sexualizadas indesejadas sem contato físico (*Center for Disease Control and Prevention, 2007, Teten et al., 2009*).

Alguns fatores de risco têm sido apontados com relação a comportamentos violentos durante o namoro, sendo os principais: ter sofrido qualquer forma de violência na infância por parte dos pais (Foshee, Bauman & Linder, 1999, Herrenkohl et al., 2004, Wolfe et al, 2001); ter sido exposto à violência conjugal parental (Chapple, 2003); e a parentagem inadequada e disciplina inconstante (Bank & Burraston, 2001). As pesquisas apontam que a prevalência da violência no namoro ocorre em porcentagens diferentes de acordo a forma de violência estudada e a metodologia da pesquisa. Quanto à violência física, por exemplo, há uma variação entre 28% até 54% de acordo com as pesquisas realizadas nos Estados Unidos (Davis, 2008, Wekerle et al, 2009). Em relação ao gênero que pratica violência, Davis (2008)

apresentou dados indicando que, nos Estados Unidos, as mulheres agrediam em maior frequência do que os homens em relação à violência física. Contudo, deve-se levar em consideração que as formas mais graves de violência física são praticadas contra as mulheres, como socos, tentativas de enforcamento e violência fatal ou femicídio. Novamente apresentando dados americanos, entre as adolescentes que foram vítimas de violência física no namoro, 54% relataram apresentar ferimentos no anterior ano, sendo essa taxa de 8% para os homens, ou seja, as consequências da violência física são mais severas para as mulheres, em comparação aos homens, apesar das taxas de frequência de perpetração das mulheres terem sido maiores (Davis, 2008).

A violência psicológica é, usualmente, mais utilizada pelas adolescentes (Davis, 2008; Foshee et al, 2011; Miller et al, 2012), havendo indicativos de que ela é mais comum do que o abuso físico nos relacionamentos afetivos (Wekerle et al., 2009), sendo esse dado também observado na realidade brasileira (Minayo et al., 2011). As taxas de ocorrência dessa modalidade de violência no namoro são variáveis, seja pela diferença entre os instrumentos utilizados nas pesquisas, seja pela metodologia das mesmas, resultando em taxas que variam de 9% até 68% entre adolescentes norte-americanos (Wekerle et al., 2009; Eaton, Davis, Barrios, Brener & Noonan, 2007; Silverman, Raj, Mucci & Hathaway, 2001).

A violência sexual no namoro é a mais presente na vida das mulheres com taxas de ocorrência em estudos norte-americanos quase quatro vezes maiores do que as dos homens (30% x 8%), o que implica em um tratamento diferenciado para essa forma de violência (Koker et al., 2014; Teten et al., 2009; Wekerle et al, 2009). Alguns autores sugerem que o foco da prevenção da violência sexual esteja nos homens, que são os principais perpetradores, o que propiciaria melhores resultados a curto, médio e longo prazo para esses adolescentes e suas parceiras (Davis, 2008; Koker et al., 2014).

As investigações e o conhecimento sobre violência no namoro em nosso país têm aumentado nos últimos com um aumento das pesquisas publicadas sobre a temática. O trabalho pioneiro no Brasil foi realizado por Aldrighi (2004), que constatou taxas elevadas de ocorrência de violência entre 455 universitários da cidade de São Paulo e, especialmente, identificou a reciprocidade em que ocorriam as agressões, mensuradas por meio da Escala de Tática de Conflitos Revisada (CTS-2) de Strauss, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996). Nascimento e Cordeiro (2011), por sua vez, realizaram entrevistas com 22 casais de namorados do Recife, entre 18 e 29 anos de idade. As entrevistas buscaram compreender como os namorados observavam e agiam em suas relações com o parceiro e possíveis eventos agressivos. Os comportamentos indicados como fundamentais para a violência identificados pelos participantes foram o ciúme e o controle sobre o parceiro, sendo que tais ações permeavam o relacionamento de todos os participantes, indicando que devam ser mais investigadas a fim de se verificar sua abrangência.

O estudo mais abrangente em termos amostrais sobre o tema no Brasil foi realizado por Minayo et al. (2011), com 3205 adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos, do 2º ano do ensino médio, de oito capitais brasileiras. Tanto os adolescentes quanto as adolescentes afirmaram sofrer e perpetrar diversas formas de violência, e a que apresentou a maior ocorrência nos dois gêneros foi à violência verbal (85,0% sofrida e 85,3% perpetrada). Tal dado aponta para uma alta ocorrência dessa forma específica de violência entre os adolescentes brasileiros, especialmente as agressões mútuas entre o jovem casal. A segunda forma de violência mais relatada pelos adolescentes no trabalho de Minayo et al. (2011) foi a violência sexual (43,8% sofreram, 38,9% perpetraram), sendo fundamental destacar a alta porcentagem de jovens que afirmam a ter perpetrado, o que aponta que há uma conscientização sobre quais comportamentos são violentos. No caso da violência física, 24,1% dos participantes relataram ter perpetrado essa forma de violência e 19,6% sofrido.

Outro fator a ser considerado sobre a amostra realizada por Minayo et al. (2011) consiste no estrato social obtido, pois 56,4% dos participantes pertenciam às classes A e B. Tal amostra difere da população brasileira que, em geral, possui a maior parte da sua população concentrada nas classes C e D (ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2012), não sendo assim representativa dos jovens brasileiros. Dessa forma, torna-se imperativa a necessidade de uma maior quantidade de pesquisas sobre violência no namoro em nosso país, possibilitando lidar com uma realidade tão complexa e com as diversas realidades sociais existentes no Brasil.

Os programas de prevenção de Murta et al. (2013) e Murta et al. (2016) apresentam caminhos promissores para a população brasileira. O trabalho liderado pela autora, de 2013, apresenta ganhos promissores com menor número de respostas sexistas e homofóbicas dos participantes do grupo experimental, comparados ao grupo controle, indicando a necessidade de investigar crenças relacionadas à violência e gênero com adolescentes brasileiros. Seu trabalho de 2016 avaliou uma intervenção que buscou modificar comportamentos e pensamentos que favorecem papéis de gênero masculinos ligados à desigualdade com melhoras nesses indicadores. Esses trabalhos de Murta et al. (2013) e Murta et al. (2016), pioneiros no Brasil, visaram investigar e intervir em relação as crenças e escalas de intenção de comportamentos dos adolescentes, sendo passos fundamentais para o planejamento de futuras intervenções.

Na América do Norte, a maior parte dos programas de prevenção da violência no namoro são realizados diretamente em escolas, em atividades fora do horário letivo ou em aulas sobre saúde (Koker et al., 2014). Outro fator que contribui para a realização de pesquisas nas escolas é o fato de que ambos os sexos seriam contemplados pela intervenção, o que mostra ser benéfico uma vez que as violências física ou psicológica ocorrem com alta frequência em ambos os sexos (Teten et al., 2009; Foshee et al., 2011; Wekerle et al., 2004).

Segundo Davis (2008), outro ponto que necessita de discussão é o fato de que as adolescentes que sofreram alguma forma de violência pelo parceiro têm maiores chances de serem revitimizadas em seus relacionamentos, sendo esse mais um indicativo sobre a necessidade da prevenção precoce da violência em relacionamentos afetivos. Segundo Miller et al. (2012), a prevenção deve ter como alvo os adolescentes que possuem crenças e comportamentos danosos, bem como o ambiente em que esses estão inseridos, buscando a modificação não somente das crenças em relação à violência, mas sim uma mudança comportamental, sendo essa forma uma maneira reconhecida de se trabalhar em Saúde Pública e um dos alvos da Organização Mundial de Saúde (2007).

A literatura sugere que as formas de intervenção devem ser avaliadas por instrumentos válidos que apontem dados concretos em relação a mudanças de comportamento, bem como buscar dados empíricos que sejam passíveis de confirmação por meio de replicações (Avery-Leaf, Cascardi, O'Leary & Cano, 1997). O instrumento mais utilizado nas pesquisas sobre violência no namoro é a Escala de Táticas de Conflito Revisada (CTS2) (Strauss, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996), validado no Brasil por Alexandra & Figueiredo (2006). Diversos instrumentos também são utilizados nos programas de prevenção norte-americanos, o que impede uma uniformidade dos dados encontrados. Além disso, vários desses instrumentos não estão validados no Brasil, o que dificulta uma simples replicação de experiências de prevenção. Por exemplo, Avery-Leaf et al. (1997) utilizaram a *Justification of Dating Jealousy and Violence Scale* (Escala de Justificação de Ciúmes e Violência no Namoro), que foi desenvolvida especificamente para a intervenção do grupo e que resulta em uma pontuação final sobre os comportamentos ciumentos. Wekerle et al. (2008), por sua vez, utilizaram o *Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory* (Inventários de Conflitos em Relacionamentos Afetivos de Adolescentes) (Wolfe et al., 2001), que possui itens nos quais os participantes devem marcar

se sofreram ou apresentaram tais comportamentos ciumentos, sendo que o inventário não resulta em pontuação, mas identifica a frequência de comportamentos. Foshee et al. (2011) utilizaram o instrumento denominado *Safe Dates Physical Violence Perpetration Scale* (Escala de Perpetração de Violência Física do Namoro Seguro) (Foshee, Linder & MacDougall, 2001), sendo que essa escala possui uma instrução indicando que comportamentos de autodefesa não devem ser incluídos nas respostas. Essa instrução pode diminuir a frequência das respostas de relatos de violência de acordo com Henning & Holdford (2006), uma vez que agressores tendem a minimizar e justificar seus comportamentos com base nos de seu parceiro, podendo a autodefesa ser uma justificativa socialmente aceita para a prática da violência. Instrumentos próprios para os adolescentes que objetivem lidar com comportamentos específicos dos adolescentes (e.g. uso dos celulares como meio para praticar violência psicológica), têm sido desenvolvidos, porém, de acordo com os pesquisadores, ainda não são abrangentes o suficiente para serem utilizados como a única forma de coleta de dados em pesquisas (Avery-Leaf et al., 1997; Miller et al., 2012).

Tendo como pano de fundo os dados expostos, o objetivo desse estudo consiste em avaliar um programa de prevenção de violência no namoro com adolescentes em situação escolar, de forma a diminuir a prevalência da vitimização e autoria de tal violência. Adicionalmente, espera-se que o programa seja capaz de aumentar a capacidade de resolução de problemas sociais pelos participantes em seus relacionamentos amorosos, como por exemplo, com uma diminuição do consumo de álcool.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 94 adolescentes, divididos aleatoriamente em grupo controle (35) e experimental (59), do ensino médio de uma escola pública situada em bairro de vulnerabilidade social de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A escola possuía 8

turmas no Ensino Médio sendo 3 no primeiro ano, 3 no segundo ano e 2 do terceiro ano, perfazendo um total de 247 alunos matriculados. O grupo controle era composto por 22 adolescentes do sexo feminino e 13 do masculino, com idade média de 15,9 anos de idade (DP = 0,6); o grupo experimental era composto de 30 adolescentes do sexo feminino e 29 do sexo masculino, com média e DP iguais aos do Grupo controle.

Estudo piloto

Um questionário com a compilação dos instrumentos (Critério de Classificação Econômica Brasil, *Alcohol Use Identification Test*, Escala de Tática de Conflitos Revisada e Questionário de crenças sobre a violência) passou por processo de adaptação após a realização de um projeto piloto com 34 estudantes devido ao tempo de aplicação e dificuldade dos alunos (Priolo-Filho & Williams, em preparo). Em função da experiência com o piloto foram realizadas alterações na estrutura do questionário, inserção de novas questões sobre relacionamentos amorosos e, adequação das instruções para a Escala de Tática de Conflitos (CTS-2). A essa nova aplicação foi adicionado o instrumento de “Questionário de Crenças sobre a Violência Intrafamiliar” (Williams, 2010), que foi adaptado e teve sua confiabilidade avaliada por Ferrari, Priolo-Filho & Brino (no prelo). As questões sobre relacionamento amoroso apresentavam novas categorias (e.g. “solteiro”, ficando, ficando sério, namorando, noivo, casado e nunca tive interação amorosa), sendo que o termo “solteiro” era entendido como um indivíduo sem relacionamento amoroso com outra pessoa naquele momento, não relacionado ao estado civil formal.

A nova versão do questionário compilado foi testada em uma segunda aplicação piloto com 15 adolescentes sendo que a média dos adolescentes para completar o questionário foi de 35 minutos, menor que uma hora-aula, facilitando a sua aplicação. Foram também apresentadas menos dúvidas pelos participantes quanto às questões do instrumento, tornando a aplicação mais fluída e simplificada.

Instrumentos

- a) Escala de Táticas de Conflito Revisada (CTS-2) (Strauss, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996). Instrumento validado em português por Alexandra & Figueiredo (2006) contendo um total de 78 comportamentos praticados pelo participante ou por seu parceiro em que deve ser apontada a frequência de ocorrência de cada comportamento. Esse instrumento visa avaliar habilidades de resolução de problemas, bem como a frequência das violências física, psicológica e sexual praticadas e sofridas;
- b) *Alcohol Use Disorders Identification Test - AUDIT* (Babor, Higgins-Biddle, Saunders & Monteiro, 2001) que consiste em 10 questões sobre o consumo de álcool sendo utilizado pela Organização Mundial de Saúde para avaliar consumo danoso e dependência de álcool, com validação realizada no Brasil por Martins et al. (2008) em adolescentes;
- c) *Questionário de Crenças sobre a Violência (QCV)*: questionário adaptado por Ferrari, Priolo-Filho & Brino (2015) que apresenta alpha de Cronbach adequado (0,868), indicando boa mensuração de crenças sobre a violência. O instrumento consiste de 45 afirmações que o participante deve responder como verdadeiro ou falso. Por exemplo, o participante deve apontar se acredita que a afirmação “Briga de marido e mulher não tem solução” é verdadeira ou falsa. Os resultados desse instrumento são analisados quanto ao total de respostas adequadas que cada participante respondeu;
- d) *Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB)* (ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2012): essa ferramenta permite classificar socioeconomicamente os participantes de maneira uniforme, sendo um instrumento adaptado para a realidade brasileira e consiste da avaliação da posse de bens materiais e nível educacional dos pais dos participantes;

- e) *Avaliação da Intervenção*: Tal roteiro foi elaborado pelo autor para que os estudantes avaliassem o programa de intervenção, quanto à forma, apresentação e conteúdo, sendo o com seu preenchimento na última sessão, como modo de sugestões de futuras mudanças e possibilidade de novos temas serem adicionados ao programa de intervenção;
- f) *Diário de campo*: utilizado para anotar dados qualitativos durante a intervenção.

As aplicações dos instrumentos foram realizadas de maneira coletiva nas salas de aula e os alunos não eram identificados na entrega do questionário como forma de garantir o anonimato das respostas.

Procedimento

O programa de prevenção foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade e aprovado em março de 2014 (parecer nº 549.184). Os pais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os alunos um Termo de Assentimento sendo informados sobre a pesquisa anteriormente ao início da coleta de dados. Os alunos com mais de 18 anos não necessitavam da assinatura dos pais e preenchiam formulário próprio.

Anterior às sessões com os adolescentes, foram realizadas duas sessões de 45 minutos com os professores para informar sobre a pesquisa, bem como capacitá-los a respeito de informações sobre violência no namoro e violência contra a mulher. Os professores apresentaram diversas dúvidas e desconforto sobre o tema e como esse poderia impactar os adolescentes. Em geral, as dúvidas estavam, sobretudo relacionadas se os alunos possuíam relacionamentos amorosos, o que indica certo distanciamento da realidade desses jovens. Os coordenadores da escola apresentavam engajamento com a temática e se apresentavam como sensíveis à importância de se prevenir a violência no namoro. Essas sessões foram realizadas para que o professor estivesse devidamente capacitado a fornecer explicações caso os alunos apresentem dúvidas. Adicionalmente, tal estratégia possui a funcionalidade de despertar o

interesse sobre a temática nos profissionais, contribuindo para o êxito do programa (Khubchandani et al, 2012).

As sessões de intervenção foram conduzidas pelo primeiro autor, que teve o auxílio de uma mestra em Psicologia, que atuava no mesmo laboratório, como assistente de pesquisa para as sessões sobre sexualidade com o grupo das meninas. Essa profissional foi capacitada para participar das sessões, bem como responder eventuais questionamentos dos participantes.

A intervenção foi realizada três vezes por semana ao longo de 40 dias, sendo que os professores não estavam presentes na sala de aula nos momentos de intervenção para que os alunos se sentissem livres para debater os temas, conforme sugerido por Davis (2008), Khubchandani et al. (2012) e Miller et al. (2012). Cada encontro teve duração de 50 minutos, sendo realizado em horários liberados de acordo com a disponibilidade da escola.

A intervenção foi baseada nos trabalhos realizados na América do Norte por Avery-Leaf et al. (1997), Foshee et al. (2011), Miller et al. (2012), Teten et al. (2009) e Wolfe et al. (2001), bem como a partir da experiência prévia com o piloto (Priolo-Filho & Williams, em preparo). O programa também busca se aproximar de experiências bem-sucedidas de mudanças de crenças (Avery-Leaf et al., 1997), porém, busca adicionar um elemento de mudança comportamental, isto é, busca ensinar aspectos práticos de como se comportar diante de situações com potencial agressivo de maneira não violenta, assim como se proteger de eventuais situações de risco. A programação foi dividida em módulos, que são apresentados na Tabela 1. As sessões tiveram como eixo a participação dos alunos em relação aos temas, com o envio de perguntas previamente à sessão, uso de *role-playing* e outras atividades lúdicas dentro de sala, nas quais foram debatidos os temas de cada sessão.

Nas atividades relativas à sexualidade ocorreu uma customização do procedimento de acordo com o gênero dos participantes, de forma que os adolescentes masculinos

participaram das sessões em sala distinta das adolescentes. Essa separação buscou aprofundar essa temática, em especial, pela aplicação dessas sessões serem realizadas por pesquisadores do mesmo gênero dos alunos, ou seja, um psicólogo atuou com os adolescentes masculinos e uma psicóloga com as adolescentes femininas. Essa configuração é apontada como a com maiores chances de sucesso por Teten et al. (2009) e, tal estratégia também foi utilizada no trabalho de Padilha & Williams (2007) de maneira bem-sucedida com adolescentes brasileiros em um programa de prevenção de abuso sexual, razão pela qual foi escolhida para esse trabalho.

Durante as sessões, os participantes eram convidados a expressarem suas visões e opiniões sobre os temas, de forma a elaborar um planejamento e mudança de comportamentos subsequentes. As atividades visavam o ensino de comportamentos alternativos à violência (e.g. técnicas de relaxamento e timeout); exercícios de resolução de problemas (e.g. quando alguém briga com você, o que você pode fazer?); bem como atividades que buscassem mostrar soluções não violentas para conflitos em relacionamentos. Por exemplo, as atividades de role-playing envolviam atividades corriqueiras dos adolescentes, como a ida a uma praça da cidade aos finais de semana com amigos, de forma a propiciar uma discussão e elaboração de situações relacionadas aos temas. Dessa forma, o pesquisador buscava ensinar comportamentos não violentos alternativos que poderiam ser generalizados para outros ambientes além da escola.

O pós-teste foi realizado aplicando-se todos os instrumentos novamente ao término da intervenção. Após a coleta de dados do pós-teste, os participantes do grupo controle foram convidados a participar da intervenção, contudo os dados dessas sessões não foram analisados.

Tabela 1

Atividades e temas desenvolvidos durante as sessões de intervenção

Sessões	Atividades e temas
1	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação dos instrumentos • Pergunta da sessão: O que você quer saber sobre a adolescência?
2	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva dialogada com os temas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Adolescência - aspectos psicológicos e físicos ○ Resolução de problemas em situação de raiva • Pergunta da sessão: O que mais pode ser feito em situações de raiva?
3	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva dialogada com os temas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Ciclo da violência ○ Resolução de problemas sociais • Role-playing: <ul style="list-style-type: none"> ○ Timeout e evitação de conflitos • Pergunta da sessão: O que fazer quando se sente irritado/com raiva?
4	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva dialogada com os temas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Álcool e drogas ○ Resolução de problemas sociais • Role-playing: <ul style="list-style-type: none"> ○ Lidando com sentimentos negativos • Pergunta da sessão: Quais dúvidas você tem sobre sexualidade?
5	<ul style="list-style-type: none"> • Divisão por gênero e aula expositiva dialogada com os temas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Sexualidade – ambos os grupos ○ Prevenção de gravidez na adolescência – ambos os grupos ○ Consentimento da parceira - homens ○ Pornografia e vida real – homens e mulheres • Pergunta da sessão: Quais dúvidas você tem sobre sexualidade?
6	<ul style="list-style-type: none"> • Divisão por gênero e aula expositiva dialogada com os temas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Sexualidade – ambos os grupos ○ Direitos reprodutivos e sexuais das mulheres – ambos os grupos ○ Aspectos saudáveis da sexualidade - homens ○ Respeito ao "não" - homens ○ Sinais de risco para violência sexual - mulheres • Pergunta da sessão: O que você pode fazer se tem uma(o) amiga(o) em perigo?
7	<ul style="list-style-type: none"> • Divisão por gênero e aula expositiva dialogada com os temas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Sexualidade – ambos os grupos • Role-playing para ambos os grupos: <ul style="list-style-type: none"> ○ Intervenção com estudantes que presenciam agressões (<i>Bystander intervention</i>) ○ Prevenção de violência sexual • Pergunta da sessão: Como controlar a minha raiva
8	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva dialogada com os temas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Depressão/Ansiedade • Role-playing: <ul style="list-style-type: none"> ○ Pensamentos “quentes” e “frios” – como lidar com pensamentos que geram irritação • Relaxamento muscular progressivo • Pergunta da sessão: Quais outras questões você gostaria que fossem respondidas?
9	<ul style="list-style-type: none"> • Violência e sexualidade – síntese final • Painel colaborativo- planejamento de vida
10	<ul style="list-style-type: none"> • Encerramento, aplicação dos questionários e avaliação da intervenção • Lanche comemorativo final

Resultados

A distribuição dos grupos de acordo com o sexo e a faixa socioeconômica são apresentados na Tabela 2. O grupo experimental apresentou maior número absoluto (respectivamente 29 x 13) e percentual de adolescentes masculinos participantes, comparado ao grupo controle (49,5% x 37,1%). Um participante do grupo controle não respondeu às questões socioeconômicas. Os participantes pertenciam principalmente às categorias B1, B2, C1 e C2 tanto para o grupo controle (94,9%) quanto para o experimental (76,4%) e os grupos não apresentaram diferença quanto a classificação socioeconômica ($t(47) = 0,183, p=0,853$).

Tabela 2

Frequência absoluta da distribuição dos participantes de ambos os grupos de acordo com o sexo e a classe socioeconômica

Sexo	Classe socioeconômica	Grupo	
		Controle	Experimental
Masculino	A2	0	0
	B1	2	9
	B2	1	15
	C1	3	3
	C2	4	1
	D	2	1
Feminino	A2	1	2
	B1	5	6
	B2	5	12
	C1	4	9
	C2	2	1
	D	5	0

No grupo Experimental, 18 participantes relataram estar envolvidos em algum relacionamento amoroso (30,5%) no pré-teste, sendo tal número igual no pós-teste (18 ou

31,0%). No grupo Controle, 18 adolescentes (51,4%) estavam engajados em relacionamentos amorosos no pré-teste e apenas 8 (28,6%) no pós-teste. O número de “solteiros” (sem envolvimento amoroso) no grupo experimental variou de 41 (69,4%) para 40 (68,9%) enquanto no grupo controle essa variação foi de 16 (45,7%) para 20 (71,4%) entre o pré e pós-teste.

A Tabela 3 apresenta o escore total do AUDIT, a pontuação geral do “Questionário de crenças sobre a violência” (QCV) e a frequência de cada tipo de violência sofrida e praticada em suas respectivas médias e desvios padrão. Para comparar a igualdade entre as distribuições dos dados de dois grupos consideramos o teste de Mann-Whitney com o p-valor baseado nesse teste, ou seja, os grupos foram considerados como independentes por não ser possível identificar os participantes entre pré e pós-teste. As análises compararam os dois grupos quanto as suas próprias alterações ao longo do tempo, bem como comparados entre si entre as coletas de dados.

Tabela 3

Médias e desvio padrão para os grupos nos períodos pré e pós-teste referente ao desempenho no AUDIT, QCV e CTS-2.

	Controle			Experimental			Grupos (<i>p</i>)		
	Pré	Pós	<i>p</i>	Pré	Pós	<i>p</i>	Pré	Pós	
AUDIT	4,89 (6,86)	4,82 (6,53)	0,587	2,63 (4,56)	2,53 (4,80)	0,562	0,252	0,022*	
QCV	27,66 (7,76)	27,21 (8,64)	0,537	29,39 (6,85)	29,57 (7,24)	0,819	0,264	0,234	
RPPAR	9,11 (10,28)	15,18 (15,55)	0,436	22,41 (9,26)	15,72 (11,00)	0,067	0,000*	0,652	
RPPR	9,68 (10,07)	16,36 (15,06)	0,342	21,41 (8,92)	15,61 (11,81)	0,117	0,000*	0,964	
VFS	4,89 (8,28)	5,00 (7,39)	0,841	8,47 (14,90)	2,00 (3,96)	0,074	0,233	0,506	
CT	VFP	4,84 (8,13)	6,09 (7,48)	0,613	10,00 (15,41)	3,56 (6,95)	0,252	0,259	0,437
S-2	VPS	4,37 (7,19)	6,18 (9,39)	0,662	5,82 (6,11)	3,78 (4,18)	0,335	0,139	0,766
	VPP	6,47 (9,48)	7,82 (8,51)	0,453	7,94 (7,13)	5,61 (8,49)	0,107	0,158	0,385
	VSS	0,89 (3,21)	1,64 (2,84)	0,423	3,59 (7,52)	0,12 (0,33)	0,030*	0,071	0,231
	VSP	0,32 (1,16)	2,27 (3,20)	0,065	2,65 (4,09)	0,12 (0,49)	0,012*	0,027*	0,035*

RPPAR = Resolução de problemas do parceiro; RPPR = resolução de problemas praticada; VFS = violência física sofrida; VFP = violência física praticada; VPS = violência psicológica sofrida; VPP = violência psicológica praticada; VSS = violência sexual sofrida; VSP = violência sexual praticada.

O consumo de álcool mensurado através do AUDIT apresentou diferença significativa entre os grupos no pós-teste, com menor pontuação para o grupo experimental. A comparação dos grupos indicou que os participantes do grupo experimental apresentaram uma diminuição entre pré e pós-teste da violência sexual sofrida e praticada quando comparados intragrupo. Quando comparados com o grupo controle apresentam uma diminuição significativa exclusivamente para a categoria de violência sexual praticada. Os grupos diferiram no pré-teste em relação a resolução de problemas praticada pelo participante e pelo parceiro, com o grupo experimental apresentando maior pontuação em ambas categorias, contudo essa diferença não foi observada no pós-teste. A Tabela 4 por sua vez apresenta a frequência absoluta e relativa os dados de maneira dicotômica, isto é, número de participantes que afirmaram praticar os comportamentos avaliados na intervenção. As crenças não foram analisadas nesta etapa pelo fato de os dados serem apresentados na forma de escala, não sendo possível sua análise dicotômica. Os dados foram analisados utilizando o teste exato de Fisher (Corder & Foreman, 2009), comparando as variáveis entre e intragrupos.

Tabela 4

Frequência absoluta e relativa para presença das características analisadas em cada grupo no pré e pós-teste

	Controle			Experimental			Grupos (p)	
	Pré	Pós	<i>p</i>	Pré	Pós	<i>p</i>	Pré	Pós
AUDIT	17 (48,6)	18 (64,3)	0,464	25 (42,4)	20 (34,5)	0,464	0,126	0,003*
RPPAR	15 (78,9)	9 (81,8)	0,684	17 (100,0)	18 (100,0)	0,684	0,090	0,157
RPPR	16 (84,2)	9 (81,8)	0,862	17 (100,0)	18 (100,0)	0,862	0,102	0,900
VFS	7 (38,9)	5 (45,5)	0,581	11 (64,7)	8 (44,4)	0,581	0,758	0,506
CT VFP	9 (47,4)	6 (54,5)	0,160	11 (64,7)	10 (55,6)	0,160	0,233	0,103
S-2 VPS	9 (47,4)	6 (54,5)	0,263	14 (82,4)	14 (77,8)	0,263	0,157	0,283
VPP	11 (57,9)	8 (72,7)	0,391	15 (88,2)	12 (66,7)	0,391	0,502	0,097
VSS	3 (15,8)	3 (27,3)	0,380	7 (41,2)	2 (11,8)	0,380	0,032*	0,153
VSP	2 (10,5)	4 (36,4)	0,085	7 (41,2)	1 (5,9)	0,085	0,016*	0,039*

RPPAR = Resolução de problemas do parceiro; RPPR = resolução de problemas praticada; VFS = violência física sofrida; VFP = violência física praticada; VPS = violência psicológica sofrida; VPP = violência psicológica praticada; VSS = violência sexual sofrida; VSP = violência sexual praticada.

O número de adolescentes que consumia álcool indicou uma diminuição significativa comparando o pós-teste do grupo experimental em relação ao controle, ou seja, menos adolescentes do grupo experimental afirmaram ter consumido álcool no pós-teste. A violência sexual sofrida apresentou diferença no pré-teste para os grupos e a praticada mostrou diferenças tanto no pré como no pós-teste na comparação dos grupos, com o grupo experimental apresentando uma diminuição do número de indivíduos que relatavam praticar tal forma de violência.

A satisfação com a intervenção foi avaliada pelos participantes do grupo Experimental a partir de um formulário preenchido ao final da intervenção. Entre os 59 participantes, 55 recomendariam a um amigo participar do programa (93,2%). A nota geral do programa foi de 4,7 em uma escala de 5, sendo que a escolha dos temas teve a menor nota (4,3) e a qualidade das respostas do pesquisador para as dúvidas dos adolescentes teve a maior nota (4,7). Os adolescentes apontaram os temas que mais lhe interessaram sendo que 25 (42,3%) apontaram as discussões sobre sexo; 16 (27,1%) sobre álcool e drogas; 14 (23,7%) sobre violência e 8 (13,5%) sobre aspectos da adolescência. Adicionalmente, 16 adolescentes (27,1%) apontaram que gostariam de obter mais informações sobre outras formas de violência (e.g. exposição à violência doméstica) que não foram abordadas na intervenção por temas interessantes para discussão.

Discussão

O presente trabalho apresenta uma avaliação de um programa de prevenção da violência no namoro entre adolescentes de uma escola pública do interior de São Paulo. Os dados indicam que a violência sexual, tanto sofrida quanto praticada, foi a variável mais afetada pela intervenção com diminuição significativa em frequência e número de participantes que praticavam essa modalidade de violência para o grupo experimental. Esse

resultado positivo sugere que a estratégia de separação dos meninos e meninas nas sessões sobre essa temática como um caminho a ser seguido (Teten et al., 2009). Cabe destacar que tanto a perpetração, quanto a vitimização da violência sexual tiveram uma diminuição significativa fortalecendo o contexto de medidas de proteção para as mulheres e comportamentos sexuais não violentos para os homens como um desenho promissor e que pode ser utilizado em programas futuros com adolescentes brasileiros.

As características socioeconômicas da amostra indicam amostra similar à observada no Estado de São Paulo, com maioria nas classes B e C (ABEP, 2011). Os relacionamentos amorosos, por sua vez, apresentaram uma grande variação entre o pré e pós-teste para o grupo controle, enquanto no grupo experimental foi verificada uma estabilidade. Esse dado é relevante para demonstrar a dificuldade de observar o desenvolvimento dos adolescentes em estudos transversais, devido à velocidade de mudança das relações, bem como a necessidade de compreensão dos processos que ocorrem nas mudanças dos adolescentes (Wekerle & Wolfe, 1999). A intervenção teve uma duração de 40 dias e nesse intervalo o grupo controle apresentou um aumento de 25% do número de solteiros, indicando que o nível de mudanças pode ser mais rápido do que observado por Minayo et al. (2011) que apresentava duração dos relacionamentos por volta de 2 meses.

Em relação aos comportamentos violentos, a análise das habilidades de resolução de problemas e comportamentos violentos, obtida pelo CTS-2, é recomendada por diversas experiências realizadas anteriormente e, indica de forma mais aprofundada os aspectos positivos do programa (Avery-Leaf, Cascardi, O'Leary & Cano, 1997; Foshee, Reyes, Gottfredson, Chang & Ennett, 2013; Miller et al., 2013; Teten et al., 2009). Contudo, foi necessária uma adaptação nas instruções fornecidas aos participantes, bem como na ordem de apresentação dos instrumentos realizada após um piloto (Priolo-Filho & Williams, em preparo) para que o instrumento conseguisse atingir seus objetivos de maneira aprofundada.

A resolução de problemas do parceiro e do participante apresentou diferenças no pré-teste que foram igualadas ao final da intervenção com uma queda do grupo experimental e um avanço do grupo controle. Podemos sugerir algumas hipóteses para essa diferença: a) os participantes do grupo experimental apresentavam autoestima mais elevada e fizeram avaliações mais favoráveis no princípio e ao final retornaram a linha de base real de suas habilidades; b) os participantes do grupo controle subestimaram suas habilidades de resolução de problemas no pré-teste, mas a trajetória de ambos os grupos foi semelhante, conforme os dados do pós-teste; c) ao trazer aspectos sobre a violência, o programa pode ter confundido algumas das habilidades de resolução de problemas dos participantes. Essa última hipótese deve ser considerada, contudo apresenta menos força ao analisarmos que não somente as próprias habilidades dos participantes foram relatadas como menores, mas também as habilidades que os participantes avaliaram de seus parceiros amorosos também apresentou queda. Dessa forma, instrumentos que consigam avaliar de maneira mais específica as habilidades de resolução de problemas sociais devem ser utilizados em pesquisas futuras.

Os dados dicotômicos apresentam que número menor de adolescentes do grupo experimental consumiu álcool comparado ao grupo controle no pós-teste, bem como na pontuação geral do instrumento. Esse resultado aponta para um uso de resolução de problemas sociais para outras áreas além dos relacionamentos amorosos por parte dos adolescentes, sendo esse um dos objetivos do trabalho, que esses comportamentos fossem generalizados para outros locais (Miller et al., 2013; Wekerle & Wolfe, 1999; Wolfe et al., 2001). O consumo de álcool tem como um de seus preditores um histórico de maus-tratos na infância (Priolo-Filho & Willias, 2016), sendo que a intervenção demonstra ter sido eficaz em reduzir o número de adolescentes que consomem e ainda evitar um aumento característico do consumo dessa faixa etária. Dessa forma, podemos hipotetizar que as habilidades de

resolução de problemas sociais aparentam ter sido generalizada para outros contextos para os adolescentes do grupo experimental. Aspectos específicos envolvendo habilidades sociais e resolução de problemas (e.g. uso da assertividade em situações de conflito) em relacionamentos amorosos devem ser abordados em programas futuros como forma de conseguir atingir essas duas variáveis. Ademais, outras variáveis, como relacionamento com os pais, desempenho acadêmico e consumo de substâncias devem ser investigadas em pesquisas futuras para verificar em quais áreas essa generalização ocorre, indicando quais caminhos seriam os mais promissores para prevenções que atinjam uma maior quantidade de comportamentos de risco dos adolescentes (Wekerle & Wolfe, 1999).

Ao contrário do observado nas intervenções realizadas no Brasil (Murta et al., 2013 e Murta et al., 2016), o presente trabalho não observou alterações significativas nas crenças dos participantes após a intervenção. Algumas hipóteses para essas diferenças podem ser relacionadas ao instrumento (“Questionário de Crenças sobre a Violência”) utilizado que avaliava violência em relacionamentos e familiar de modo geral, de forma que uma análise fatorial do instrumento avaliando diferentes fatores poderia auxiliar futuramente ao separar essas categorias. Contudo, a avaliação das crenças dos adolescentes continua a ser uma variável de importância para programas de prevenção devido a sua associação com comportamentos agressivos (Wekerle & Wolfe, 1999).

Os dados sobre a satisfação dos adolescentes com o programa indicam uma boa aceitação ao programa em diversos aspectos. Interessante notar que a violência familiar foi o tema que os adolescentes gostariam que fosse mais abordado indicam a necessidade de programas de prevenção mais longos com tal grupo. O fato de a maior parte dos temas citados pelos adolescentes como que necessitavam de maior discussão terem sido abordados aponta que o trabalho de prevenção deva ser mais perene e frequente, conforme sugerido por

Wekerle e Wolfe (1999), fazendo com que a atividade de prevenção seja uma atividade curricular constante e integrada na vida de jovens.

Esse estudo possui algumas limitações, como a amostra reduzida e a perda de participantes do grupo controle e experimental entre o pré e pós-teste. Outra limitação é o fato de não se ter investigado a história prévia de violência dos participantes, bem como de seus familiares. Ademais, auto relatos sobre violência perpetrada e sofrida pode ter sido subestimada pelos participantes, conforme apontado por Miller et al. (2012) e Wekerle et al. (2009). Por fim, o fato de os participantes poderem responder sem qualquer identificação o questionário, apesar da garantia do anonimato, impediu uma análise sobre o desempenho individual de cada participante ao longo do programa, não possibilitando identificar perfis distintos de perpetração e vitimização.

Em suma, esse trabalho reforça a possibilidade de alteração de comportamentos violentos com adolescentes, bem como a possibilidade de se trabalhar temáticas em grupos e no ambiente escolar com resultados favoráveis. Espera-se que esses resultados subsidiem programas futuros de prevenção da violência em relacionamentos amorosos de adolescentes, e que futuros estudos consigam identificar aspectos que permitam mudanças nas crenças sobre violência e nos comportamentos violentos que essa pesquisa não conseguiu atingir.

Referências

- ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2012). Critério de Classificação Econômica Brasil – CCEB. Dados com base no levantamento Sócio Econômico 2011 – IBOPE.
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*; 6(1): 105-120.
- Alexandra, C. & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.

- Avery-Leaf, S., Cascardi, M., O'Leary, K. D., & Cano, A. (1997). Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. *Journal of Adolescent Health, 21*, 11-17.
- Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B., & Monteiro, M. G. (2001). *The Alcohol Use Disorders Identification Test*. World Health Organization, Second Edition.
- Bank, L. & Burraston, B. (2001). Abusive home environments as predictors of poor adjustment during adolescence and early childhood. *Journal of Community Psychology, 29*, 195-217.
- Center for Disease Control and Prevention. (2007). *Dating abuse fact sheet*. National Center for Injury Prevention and Control: Washington, DC.
- Chapple, C. (2003). Examining intergenerational violence: Violent role modeling or weak parental controls? *Violence and Victims, 18*, 143-162.
- Corder, G. W., & Foreman, D. I. (2009). *Nonparametric statistics for non-statisticians: A step-by-step approach*. Hoboken, N.J: Wiley.
- Davis, A. (2008). Interpersonal and physical dating violence among teens. *Focus: Views from the National Council on Crime and Delinquency*, September, 1-8.
- Eaton, D.K., Davis, K.S., Barrios, L., Brener, N.D., Noonan, R.K. (2007) Associations of dating violence victimization with lifetime participation, co-occurrence, and early initiation of risk behavior among U.S. high school students. *Journal of Interpersonal Violence, 22*, 585–602.
- Foshee, V. A., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Suchindran, C., Mathias, J. P., Karriker-Jaffe, K. J., Bauman, K. E. & Benefield, T. S. (2011). Risk and protective factors distinguishing profiles of adolescent peer and dating violence perpetration. *Journal of Adolescent Health, 48*, 344-350.
- Foshee V.A., Linder F., MacDougall J.E. (2001). Gender differences in the longitudinal predictors of dating violence. *Prevention Medicine, 32*, 128–41.
- Foshee, V. A., Bauman, K. E. & Linder, G. F. (1999). Family violence and the perpetration of adolescent dating violence: Examining social learning and social control processes. *Journal of Marriage and the Family, 61*, 331-342.
- Henning, K. & Holdford, R. (2006). Minimization, Denial and Victim Blaming by Batterers: How much does the truth matter? *Criminal Justice and Behavior, 33*, 110-130.
- Herrenkohl, T. I., Mason, W. A., Kosterman, R., Lengua, L. J., Hawkins, J. D. & Abbott, R. D. (2004). Pathways from physical childhood abuse to partner violence in young adulthood. *Violence and Victims, 19*, 123-126.
- Khubchandani, J., Price, J. H., Thompson, A., Dake, J. A., Wiblishauser, M., & Telljohann, S. K. (2012). Adolescent dating violence: A national assessment of school counselors' perceptions and practices. *Pediatrics, 130*(2), 1-9.
- Koker, P., Mathews, C., Zuch, M., Bastien, S., & Mason-Jones, A. J. (2014). A systematic review of interventions for preventing adolescent intimate partner violence. *Journal of Adolescent Health, 54*, pp. 3-13.

- Martins, R. A., Manzatto, A. J., Cruz, L. N., Poiate, S. M. G. & Scarin, A. C. C. F. (2008). Utilização do Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) para identificação do consumo de álcool entre estudantes do ensino médio. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(2), 307-316.
- Miller, E., Tancredi, D. J., McCauley, H. L., Decker, M. R., Virata, M.C.D., Anderson, H. A., Stetkevich, N., Brown, E. W., Moideen, F. & Silverman, J. G. (2012). “Coaching Boys into Men”: A cluster-randomized controlled trial of a dating violence prevention program. *Journal of Adolescent Health*, 51(5), 431-438.
- Miller, E., Tancredi, D. J., McCauley, H. L., Decker, M. R., Virata, M. C. D., Anderson, H. A., O'Connor, B. & Silverman, J. G. (2013). One-year follow-up of a coach-delivered dating violence prevention program. *American Journal of Preventive Medicine*, 45, 108-112.
- Minayo, M. C. S., Oliveira, R. V. C., Assis, S. G., Njaine, K., Oliveira, Q. B. M., Ribeiro, F. M. L., Avanci, J. Q. & Pires, T. O. (2011). *Amor e violência: Um paradoxo nas relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz.
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Nobre, L. A., Araújo, I. F., Miranda, A. A. V., Rodrigues, I. O. & Franco, C. T. P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24(2), 263-288.
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B., Bezerra, K. L. T. & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381-393,
- Nascimento, F. S. & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525.
- Padilha, M. G. S., & Williams, L. C. A. (2007). *Prevenção primária de abuso sexual: Avaliação da eficácia de um programa com adolescente e pré-adolescentes em ambiente escolar* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- Priolo-Filho, S. R. & Williams, L. C. A. (em preparo). Prevenção de violência no namoro entre adolescentes: Um programa piloto.
- Silverman J.G., Raj A., Mucci, L.A., Hathaway J.E. (2001). Dating violence against adolescent girls and associated substance use, unhealthy weight control, sexual risk behavior, pregnancy, and suicidality. *Journal of American Medical Association*, 286, 572-279.
- Strauss, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D.B. (1996). The Revised Conflicts Tactics Scale (CTS2). *Journal of Family Issues*. 17, 283-316.
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R. & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, 18(7), 923-928.
- Wechsler, H. & Nelson, T. F. (2008). What we have learned from the Harvard School of Public Health College Alcohol Study: Focusing attention on college student alcohol

- consumption and the environmental conditions that promote it. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 69(4), 481-490.
- Wekerle, C., Leung, E., Wall, A., MacMillan, H., Boyle, M., Trocme, N. & Waechter, R. (2009). The contribution of childhood emotional abuse to teen dating violence among child protective services-involved youth. *Child Abuse & Neglect*, 33, 45-58.
- Williams, L. C. A., (2010). Questionário de crenças sobre a violência intrafamiliar. Em: Williams, L. C. A., Maia, J. M. D., Rios, K. de S. A. (2010). *Aspectos Psicológicos da Violência: Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental*. Santo André – SP: ESETEC.
- Wolfe, D. A., Scott, K. Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C. & Straatman, A. L. (2001). Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13, 277-293.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychological Review*, 19(4), pp. 435-456.

ARTIGO 3

O que eles querem saber sobre sexo e relacionamentos? Análise qualitativa de perguntas de adolescentes em uma intervenção sobre violência no namoro

Sidnei Rinaldo Priolo-Filho & Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (LAPREV)

Artigo a ser submetido para Revista Científica

RESUMO

A violência no namoro tem obtido destaque ao redor do mundo, em especial, com a elaboração e avaliação de programas de prevenção com conteúdo diverso e buscando adequação a realidade cultural em que se aplicam. No Brasil poucas pesquisas buscaram compreender quais temas seriam de interesse dos jovens, bem como onde se concentram suas dúvidas e questionamentos sobre as mudanças psicológicas, sociais e físicas da adolescência. O presente estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla que teve a participação de 59 adolescentes de quatro turmas do Ensino Médio de uma escola pública no interior de São Paulo em um programa de prevenção da violência no namoro. Após cada sessão, os participantes depositavam em uma urna localizada na sala de aula suas principais dúvidas e questionamentos a serem discutidos na sessão subsequente. Um total de 117 perguntas ou comentários escritos foram depositados. As perguntas foram categorizadas de acordo com o tema, sendo sexualidade, resolução de problemas sociais e relacionamento amoroso os temas com maior número de perguntas. Os adolescentes do sexo masculino fizeram mais perguntas escritas relacionadas a comportamento sexual comparados às adolescentes que fizeram mais questões sobre relacionamento amoroso e resolução de problemas. Os resultados descortinam os temas de interesse dos adolescentes, bem como diferentes aspectos de interesse por gênero que podem ser úteis para o planejamento de conteúdos de futuros programas de prevenção, considerando aspectos culturais de nosso país.

Palavras-chave: *adolescente, análise qualitativa, violência.*

ABSTRACT

Adolescent dating violence has gained prominence around the world, in particular, with the application and evaluation of prevention programs with a diversity of topics and searching adequacy to the cultural reality in which they apply. Few studies have sought to understand what themes are of interest to youngsters in Brazil, as well as where their doubts and questions about the psychological, social and physical changes of adolescence are concentrated. The present paper is part of a wider research which had the participation of 59 adolescents attending a Public High School in the interior of São Paulo in a dating violence prevention program. After each program session, participants had a chance to indicate in writing their main doubts and comments which were deposited in a closed box situated in the class. A total of 117 questions derived from this procedure. The questions were analyzed and categorized according to the theme, with sexuality, social problem solving and romantic relationships the topics with the highest number of questions. Males asked more questions related to sexual behavior compared to the females who asked more questions about romantic relationship and social problem solving. The results unveil topics of interest to Brazilian adolescents, as well as different aspects of interest by gender that could be useful for the planning of future prevention programs, considering cultural aspects of the country.

Keywords: *adolescent, qualitative analysis, violence.*

A violência na realidade brasileira é um fenômeno comum à vida de milhões de jovens. Com taxas de homicídio elevadas devido à violência urbana poucas pesquisas no Brasil focaram na violência em relacionamentos amorosos dos adolescentes (Wekerle & Wolfe, 1999). Entretanto, levantamentos de dados como o Mapa da Violência de Waiselfisz (2015) e de Minayo et al. (2011) têm mostrado que, na realidade brasileira, a violência possui alta frequência na vida dos jovens, em especial, aquela direcionada contra mulheres (Minayo, Assis, & Njaine, 2011; Waiselfisz, 2015).

Devido a frequências elevadas de tal violência nos últimos anos, pesquisadoras brasileiras têm apontado a necessidade da elaboração e avaliação de programas de prevenção que consigam captar as distintas realidades sociais e culturais de nosso país (Minayo et al., 2011; Murta, et al., 2013; Nascimento & Cordeiro, 2011). Em uma revisão sistemática dos programas de prevenção ao redor do mundo, Koker, Mathews, Zuch, Bastien e Mason-Jones (2014) observaram avanços significativos no planejamento e execução dos mesmos, em especial, no Canadá, Estados Unidos e África do Sul salientando os principais temas a serem abordados (e.g. resolução de problemas sociais, manejo de raiva), bem como estratégias (e.g. role-playing, espaço para discussão e questionamentos) que deveriam ser adotadas em tais países em programas futuros de prevenção.

Considerando esses aspectos, pensar um programa de prevenção para a realidade brasileira deve envolver esforços de diferentes regiões do país para compreender de maneira ampla e abrangente o fenômeno da violência no namoro entre adolescentes em nossa realidade e das distintas culturas presentes dentro do país. Alguns temas podem ser universais devido à utilidade que podem ter para além dos relacionamentos amorosos, como é o caso da resolução de problemas sociais. Contudo, ouvir questões e dúvidas dos jovens brasileiros pode e deve ser um caminho a ser explorado por diversas razões. A principal é que programas de prevenção que tratam de temas distantes da realidade dos participantes, em geral, possuem

pouca eficácia nos comportamentos e atitudes cotidianas, conforme resultados obtidos por Avery-Leaf et al. (1997) e Koker et al. (2014). Ademais, o acesso dos jovens brasileiros a programas de prevenção de comportamentos de risco com uma abordagem não punitiva, seja na escola ou em ambientes sociais, ainda é pequeno (Silva & Gimenez-Paschoal, 2010). Ou seja, pesquisas que desconsideram o contexto social e cultural no qual os participantes estão inseridos apresentam dificuldades nas mudanças de comportamento e crenças pretendidos por não conseguirem captar os desejos, aspirações e necessidades dos participantes (Avery-Leaf et al., 1997; Koker et al., 2014; Wekerle & Wolfe, 1999).

O programa de prevenção mais acessível e com maior participação de crianças e adolescentes brasileiros é o PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), oferecido pela Polícia Militar em todos os Estados brasileiros. Contudo, a partir de análise dos materiais e da didática utilizada no programa, Domingues, (2016), argumenta que a punição e exclusão são as principais ferramentas utilizadas como forma de controle do uso de substâncias pelos adolescentes e, tampouco, o programa oferece espaço para as demandas dos adolescentes, sendo seu currículo definido sem a participação dos mesmos. Domingues (2016) afirma, ainda, que o programa utiliza o medo como ferramenta de mudança em relação às drogas e a violência, questionando se outras ferramentas não punitivas não poderiam ser mais eficientes. Em uma revisão da bibliografia sobre o PROERD, a maioria dos resultados observados não apresentam diferenças no consumo de substâncias e comportamentos violentos entre crianças e adolescentes que participaram do programa com aqueles que não participaram (Silva & Gimenez-Paschoal, 2010). Ou seja, o principal programa brasileiro não tem atingido seus objetivos utilizando uma estrutura hierárquica e na qual os participantes tem pouco papel na tomada de decisões sobre os temas e atividades a serem realizadas. Em contraste, pesquisas realizadas no Canadá apresentam que intervenções de policiais nas escolas tem apresentado resultados positivos ao apontar

comportamentos alternativos ao uso de substância e uma abordagem focada na rede de proteção e em consequências do consumo de substâncias (Jewell & Carolyn, 2014).

Buscando compreender as dinâmicas dos relacionamentos amorosos entre jovens, Nascimento e Cordeiro (2011) estudaram a visão de 22 casais de namorados entre 18 e 29 anos de idade de Recife utilizando análise de conteúdo para verificar as regras dos casais nos relacionamentos, motivos dos conflitos amorosos e rompimentos e o uso da violência. As autoras observaram que os casais estabeleciam um conjunto de regras orientando as condutas no relacionamento amoroso. A traição foi descrita como o principal motivo para um possível término do relacionamento e como precursor das brigas, indicando a necessidade de maior atenção à resolução de problemas nos relacionamentos. Contudo, tanto homens quanto as mulheres percebiam o ciúme como uma demonstração de afeto, cuidado ou ainda de expressão de amor romântico. Com isso, o guia de condutas acabava por se tornar uma forma de controle por meio de conflitos e ameaças do final do relacionamento amoroso. Diversas questões facilitavam o reconhecimento por parte dos participantes da violência no namoro, como o fato de que os participantes restringiam a identificação da violência ao âmbito físico, analisavam a violência como uma demonstração de amor e cuidado criando uma realidade independente das consequências da violência (Nascimento & Cordeiro, 2011). Esses dados apontam que é essencial que os jovens brasileiros, primeiramente, reconheçam as diferentes formas de violência em relacionamentos amorosos, para que consigam enfrentar e se opor as essas práticas, pois conforme apontado por Buss (2000), o ciúme em excesso aumenta a probabilidade de comportamentos agressivos entre parceiros.

Compreendendo as nuances e variações da violência no namoro e suas diferentes manifestações, Murta et al. (2013) avaliaram uma intervenção para prevenção da violência no namoro com foco na promoção de habilidades de vida e direitos sexuais e reprodutivos em adolescentes. Participaram da pesquisa 60 alunos de 4 salas de Brasília entre 15 e 18 anos de

idade, que buscou identificar os interesses desses adolescentes (quais temas queriam discutir), avaliando crenças sexistas e homofóbicas a partir de um instrumento de sentenças incompletas e um formulário para avaliar o quanto a prática cotidiana foi modificada pela intervenção. Os resultados apontaram uma diminuição das respostas sexistas e homofóbicas e aumento das intenções de negociação em situações de conflito. Os temas de maior interesse para os adolescentes de Brasília estavam relacionados a ciúmes, aspectos de tomada de decisão, sexualidade e prevenção da gravidez.

Dessa forma, compreender as questões dos adolescentes brasileiros, analisar os principais aspectos relevantes a vida cotidiana que possam ter consequências positivas na vida dos mesmos é uma das tarefas que os programas de prevenção nacionais devem ter como uma das prioridades que, conforme apontado por Teten, Ball, Valle, Noonan e Rosenbluth (2009), devem envolver homens e mulheres devido à extensão da violência para ambos os sexos.

Considerando essas informações, o objetivo desse trabalho é analisar de maneira qualitativa as questões escritas por adolescentes participantes de um programa de prevenção da violência no namoro (Priolo-Filho & Williams, em preparo), buscando verificar quais as principais categorias de dúvidas, de acordo com o gênero e quais dessas dúvidas têm relação com mais de uma categoria.

Método

Participantes

Participaram do programa de intervenção 59 alunos do Ensino Médio de quatro turmas de escola em bairro de vulnerabilidade social de uma cidade do interior do estado de São Paulo. O grupo era formado por 30 adolescentes do sexo feminino e 29 do sexo

masculino, com média de 15,9 anos de idade para ambos os grupos (DP = 0,65) com as idades variando entre 14 e 18 anos. A classe social dos participantes foi mensurada pelo critério de classificação econômica Brasil (ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2012), sendo a classe mais alta encontrada A1 (n=2); seguida de B1 (n=15), B2 (n=27), C1(n=12), C2 (n=2) e D (n=1).

Como os adolescentes elaboravam perguntas por escrito de forma anônima não se sabe se todos os participantes elaboraram perguntas e assim sendo essas serão analisadas no presente trabalho como documentos resultantes da intervenção.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada durante a aplicação de um programa de prevenção sobre violência no namoro (Priolo-Filho & Williams, em preparo) que possuía dez sessões com duração de 50 minutos cada. Os temas abordados durante as sessões incluíam: aspectos físicos e psicológicos da adolescência, resolução de problemas, violência em relacionamentos íntimos, álcool e drogas, sexualidade e violência sexual, depressão e ansiedade. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade (incluir no. do processo), sendo que apenas participaram do estudo adolescentes cujos pais assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento pelo aluno.

Em cada sala de aula, durante a duração do programa, o primeiro autor deixava uma urna na qual os participantes foram instruídos a colocar dúvidas, afirmações ou pontos que gostariam que fossem discutidos na intervenção. Eram fornecidos papéis que ficavam ao lado da urna para o depósito das questões e a cada dia um aluno era responsável por levar a urna até a sala dos professores e retirá-la no dia seguinte. As urnas recebiam uma fita adesiva para minimizar o risco de serem abertas em sala de aula, garantindo assim a privacidade dos participantes. No final da sessão subsequente as perguntas eram lidas pelo primeiro autor em

sala de aula e as dúvidas respondidas, sendo que o autor das questões não era identificado. Durante as sessões sobre sexualidade, os grupos eram divididos de acordo com o sexo dos participantes e estes foram orientados a indicarem em qual grupo (homens ou mulheres) as perguntas deveriam ser respondidas. Com isso, parte das questões sobre sexualidade tinham a identificação do grupo que havia feito a questão na própria pergunta, isto é, cada grupo escrevia se a resposta deveria ser dada ao grupo dos adolescentes ou das adolescentes ao lado da questão, permitindo uma comparação entre os tipos de pergunta de acordo com o sexo sobre essa temática.

Os participantes eram informados que poderiam fazer qualquer pergunta que desejassem e que não era necessária a identificação na pergunta e, do mesmo modo, não era necessário se identificar quando a pergunta fosse respondida em sala de aula.

Análise dos dados

Para análise dos dados foi utilizado o aplicativo Atlas.ti 7.0 que consiste em um *software* dedicado à categorização e análise de conteúdo, possuindo ferramentas de edição e análise. Todas as perguntas foram digitadas no aplicativo e passaram por três etapas para a realização da classificação em diferentes categorias. A primeira etapa consistiu em uma leitura livre de todas as questões, sem a realização de classificações neste momento. A segunda etapa envolveu a elaboração de categorias de acordo com o conteúdo das perguntas, bem como definições dessas categorias. As categorias que emergiram das questões foram: sexualidade; resolução de problemas sociais; relacionamento amoroso; desenvolvimento; humor; gênero; álcool e drogas e temas homoafetivos. A descrição das categorias e exemplos das mesmas são descritos em maior profundidade na Tabela 1.

Tabela 1

Descrição e exemplos das categorias utilizadas na análise de conteúdo das questões realizada durante a intervenção.

Categoria	Descrição	Exemplo
Sexualidade	Informações sobre o ato sexual, desenvolvimento sexual ou sexualidade em geral	“Idade “apropriada” ou “certa” para iniciar a vida sexual”; “Quantas DSTs tem [sic] cura?”
Resolução de problemas sociais	Perguntas relacionadas a resolução de problemas sociais envolvendo familiares, pares ou outras pessoas ou ao planejamento e organização de atividades e comportamentos	“Como sair da depressão?”; “O que leva uma pessoa a cometer suicídio”
Relacionamento amoroso	Relacionado a aspectos de relacionamento amoroso (paquera, namoro, entre outros)	“ Qual a melhor idade para namorar?; “Podemos se apaixonar por 2 pessoas ao mesmo tempo?”
Desenvolvimento	Direcionado a aspectos do desenvolvimento biológico, cognitivo ou social da adolescência	“Quando a mulher entra na menopausa”
Humor	Frases ou perguntas humorísticas não necessariamente relacionadas a temas do projeto	“ LOL ou Smite?”; “Você joga LOL?”
Gênero	Questões buscando compreender diferenças entre os gêneros ou analisando aspectos distintos	“Por que os homens mentem?”; “Por que os homens são imaturos e por que as mulheres tem [sic] mais maturidade?”
Álcool e drogas	Relacionado a informações ou dúvidas sobre consumo de substâncias	“O que a maconha causa no nosso organismos?”; “O lança perfuma causa problemas mentais?”
Temas homoafetivos	Relacionado a questões sobre relações homoafetivas do ponto de vista biológico, cognitivo ou social	“Pessoas nascem homossexuais?”; “Porque a pessoa vira [sic] gay”

Por fim, os dados foram categorizados de acordo com o tema da afirmação, sendo que uma mesma pergunta poderia ser parte de duas ou mais categorias, por exemplo, “*Brigo com meu namorado diariamente. Isso já está desgastando nosso namoro. Qual a solução das brigas acabarem?*” envolve aspectos de resolução de problemas sociais e relacionamento amoroso. Outro exemplo seria “*Quais são os métodos mais seguros pra se prevenir no sécsu [sic]?*” que envolve a categoria sexualidade e resolução de problemas sociais ao envolver planejamento e organização para a atividade sexual.

Resultados

Um total de 117 perguntas e afirmações foram depositadas pelas quatro turmas envolvidas na intervenção durante as dez sessões. A Figura 1 apresenta a frequência total de perguntas de cada categoria, com destaque para o maior número de questões sobre sexualidade e resolução de problemas.

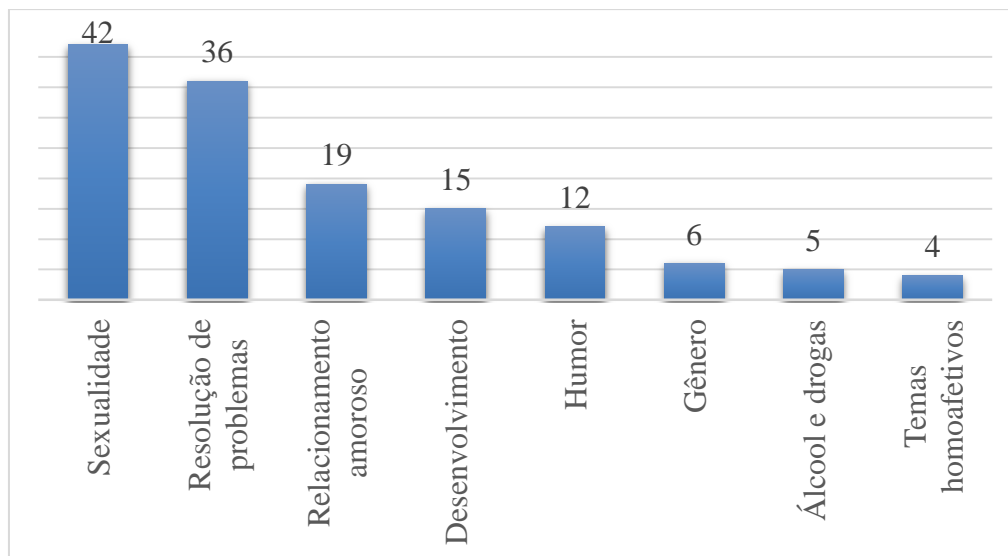


Figura 1. Frequência total de perguntas por tema realizadas durante a intervenção.

O total de perguntas feitas pelos participantes foi de 117, contudo como uma mesma pergunta poderia pertencer a mais de uma categoria o total de classificações realizadas foi de 163, isto é, 46 perguntas pertenciam a mais de uma das categorias indicadas.

A Tabela 2 apresenta a frequência de perguntas de acordo com o sexo do participante quando este o identificava nas sessões sobre sexualidade. Os homens identificaram-se em maior número do que as mulheres [17 (68%) x 8 (32%)]. As questões dos homens estavam relacionadas exclusivamente à sexualidade e desenvolvimento, em especial, com ênfase no crescimento do pênis (“*Quanto tempo demora pra crescer o pênis?*”; “*é possível [sic] aumentar o pênis como fala em site pornô?*” e “*até que idade o pênis cresce?*”) e dúvidas sobre a iniciação sexual e atividade sexual (“*Apartir [sic] de quantos anos é bom fazer sexo?*”; “*como tirar a virgindade?*” e “*qual a melhor posição sexual para a mulher, em média?*”).

Tabela 2

Frequência de perguntas feitas de acordo com o gênero quando houve identificação oral dos participantes (n=25 perguntas).

Tema	Adolescentes	
	Femininos	Masculinos
Desenvolvimento	3	5
Gênero	1	0
Relacionamento amoroso	2	0
Resolução de problemas	0	0
Sexualidade	2	12

As questões das mulheres, por sua vez, não apresentaram uma categoria com maior destaque, com as perguntas distribuídas em quatro categorias distintas. As mulheres apresentaram questões orientadas ao desenvolvimento de maneira global, não tanto direcionadas a aspectos ou comportamentos específicos. Exemplos de questões das mulheres foram: “*Quando entramos na puberdade e quanto tempo dura?*”; “*Como a gente sabe se ainda gosta de uma pessoa?*” e “*Doenças sexualmente transmissíveis tem sintomas?*”.

A Figura 2 apresenta, em um diagrama, a relação entre as questões dos participantes e entre as categorias e os temas das perguntas segundo sexo. Cada linha conectando as diferentes categorias indica uma questão feita pelo participante.

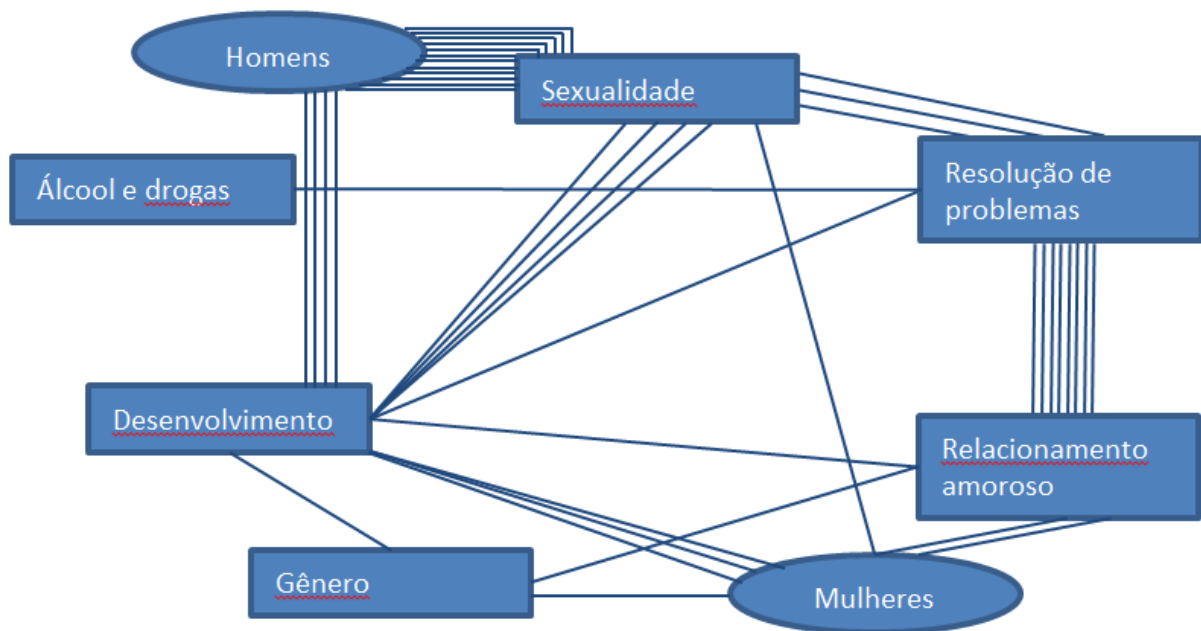


Figura 2. Redes de associações entre os temas das perguntas realizadas.

Analisando-se a Figura 2 constatamos um maior número de conexões dos homens em questões sobre sexualidade e desenvolvimento e uma difusão maior das mulheres para diversas categorias de questões. As mulheres apresentaram questões sobre relacionamento amoroso, desenvolvimento, sexualidade e gênero, enquanto os homens apenas para sexualidade e desenvolvimento.

A Figura 2 permite observar quais categorias possuem questões com temas associados, ou seja, pode-se observar que a maior parte das questões que possuíam mais de uma categoria encontram-se na relação entre resolução de problemas e relacionamento amoroso, destacando-se a seguir as questões sobre sexualidade e desenvolvimento e sexualidade e resolução de problemas.

Discussão

Os resultados dessa pesquisa apontam a aspectos semelhantes a aquelas analisados por Murta et al. (2013) e Nascimento e Cordeiro (2011) em relação aos comportamentos e crenças sobre a resolução de problemas em relacionamentos amorosos. Em especial, os dados apontam para questões sobre a resolução de problemas sociais nos relacionamentos amorosos, indicando uma ausência ou limitações de estratégias e repertórios para uma resolução não conflituosa entre os adolescentes. Essa ausência pode acarretar problemas futuramente, ao considerarmos que a violência pode ter seu início em conflitos não resolvidos que geraram estresse e que vão escalonando em intensidade ao longo do tempo (Wekerle & Wolfe, 1999).

O frequente ciúme do parceiro amoroso observado por Nascimento e Cordeiro (2011), Cecchetto, Oliveira, Njaine, & Minayo (2016) e Buss (2000) como sendo a principal causa de conflitos também foi identificado na presente pesquisa, contudo sob a perspectiva de buscar a

resolução de tal problema (e.g. “*O que eu faço com ciúmes possessivo? Quero saber mais desse assunto*”, “*Como reagir com ciúmes possessivo. Aqueles ciúmes realmente difícil de se lidar*”, “*Pq as pessoas sentem ciúmes?*”). Tais dados sugerem que o ensino de habilidades para lidar com o ciúme dentro do relacionamento amoroso como uma ferramenta para motivar e engajar participantes em programas de prevenção que devem estar presentes com amostras brasileiras. É fundamental a compreensão do ciúme para além dos relacionamentos na adolescência, pois o mesmo é na idade adulta uma das principais causas de diversos problemas conjugais, entre eles a violência doméstica e feminicídio (Buss, 2000). Com isso temos que os programas de prevenção podem ser bem-sucedidos caso consigam modificar comportamentos relacionados a ciúmes no namoro, não somente a curto prazo, mas com ramificações que podem ter consequências positivas durante toda a vida adulta.

Em relação às diferenças das perguntas feitas pelos homens e mulheres, é interessante destacar o fato de os homens terem um foco maior em aspectos do desenvolvimento peniano e do ato sexual e as mulheres em questões mais abertas e gerais sobre desenvolvimento e sexualidade indicam que estratégias diferentes devem ser utilizadas para cada um dos grupos em intervenções (Teten et al., 2009). Essa diferença entre os sexos pode ocorrer porque as mulheres tem um amadurecimento mais rápido do que os homens e assim, possuindo maior conhecimento e crenças mais adequadas sobre violência e sexualidade, não necessitando explorar aspectos práticos desses comportamentos sexuais utilizando os espaços de fala para questões que envolvem elementos mais complexos do desenvolvimento (Foshee, Reyes, Gottfredson, Chang, & Ennett, 2013; Guidi, Magnatta, & Meringolo, 2012). Por outro lado cabe lembrar, como fazem Buss, 2000 e Wekerle e Wolfe, 1999, o fato de as adolescentes não fazerem mais questões sobre

sexo pode ser decorrente das mesmas temerem punições sociais por terem interesse em sexualidade e temas mais específicos

Um aspecto importante que as pesquisas de Murta et al. (2013), Nascimento e Cordeiro (2011) e a presente trazem para a realidade brasileira é o fato de os participantes dos respectivos estudos ter tido a oportunidade de ser ouvidos e apontar os temas de seus interesses. Os programas de prevenção realizados em outros países tem apresentado resultados modestos quanto à mudança de comportamentos em longo prazo (Koker et al., 2014). Uma das possibilidades para esse alcance limitado dos programas de intervenção talvez esteja no fato de que os profissionais e pesquisadores que definem os temas a serem discutidos e, os adolescentes participantes não possuem controle sobre o conteúdo das sessões. Dessa forma, os programas de prevenção da violência no namoro no Brasil podem se beneficiar dos resultados apresentados neste trabalho como forma de avaliar quais temas e categorias são de interesse dos adolescentes da região e cultura em que o programa será aplicado, favorecendo e criando contexto para uma maior chance de sucesso dos mesmo, sendo as características regionais e culturais um dos aspectos apontados por Wekerle e Wolfe (1999) como fundamentais ao sucesso das intervenções.

Essa pesquisa apresenta algumas limitações quanto à forma de coleta de dados e análise. Em primeiro lugar, o fato de os adolescentes serem permitidos de elaborar perguntas anônimas impediu uma análise específica mais rica de quantos alunos se utilizaram dessa estratégia, e informações precisas sobre as características demográficas de quem elaborou as mesmas. Em relação à idade dos participantes é possível que grupos de idade distintos tenham interesses em temas diferentes de acordo com seu desenvolvimento (Wekerle & Wolfe, 1999). Apesar dessa

pesquisa ter uma média de idade (15,9 anos) relativa ao Ensino Médio, pesquisas futuras poderiam investigar os presentes temas por faixa etária.

Outra limitação do estudo encontra-se em relação à amostra do presente trabalho que consiste de adolescentes do interior do Estado de São Paulo com a maior parte das classes B1, C1 e C2, enquanto a população brasileira apresenta 25% da população pertencente à classe D (ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2012). Com isso, podemos hipotetizar que amostras de locais e classes econômicas distintas podem possuir diferenças quanto as categorias de maior interesse quando comparadas ao presente estudo.

Em suma, essa pesquisa buscou analisar qualitativamente quais temas geram mais dúvidas e interesse por parte de adolescentes que participaram de um programa de prevenção da violência no namoro. Os resultados indicam que sexualidade, resolução de problemas sociais e relacionamento amoroso são as categorias com maior número de questões pelos adolescentes e, os adolescentes masculinos têm maior interesse por questões sexuais enquanto as adolescentes buscam sanar dúvidas gerais sobre desenvolvimento, resolução de problemas sociais e sexualidade. Aspectos relacionados a ciúmes e como conseguir lidar com essa classe de comportamentos confirmam outras pesquisas nacionais sobre o mesmo tema, indicando a necessidade de inclusão dessa temática nos programas. Os dados apresentados podem subsidiar a programação de conteúdos para futuros programas de prevenção, indicando aspectos promissores a serem abordados com os adolescentes, em especial, em relação à resolução de problemas e relacionamentos amorosos na adolescência.

Referências

- ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2012). *Critério de Classificação Econômica Brasil – CCEB. Dados com base no levantamento Sócio Econômico 2011 – IBOPE*. São Paulo: ABEP.
- Avery-Leaf, S., Cascardi, M., O’Leary, K. D., & Cano, A. (1997). Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. *Journal of Adolescent Health, 21*, pp. 11-17.
- Buss, D. M. (2000). *A paixão perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Cecchetto, F., Oliveira, Q. B., Njaine, K., & Minayo, M. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes . *Interface (Botucatu), 20*(59), pp. 853-864.
doi:<http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>
- Domingues, V. G. (2016). Educação e guerra às drogas: Uma reflexão sobre o PROERD na escola. *Revista Alabastro, 1*(7), pp. 56-72.
- Foshee, V. A., Reyes, H. L., Gottfredson, N. C., Chang, L. Y., & Ennett, S. T. (2013). longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample of adolescents. *Journal of Adolescent Health, 53*(6), 723-729.
- Guidi, E., Magnatta, G., & Meringolo, P. (2012). Teen dating violence: The need for early prevention. *Interdisciplinary Journal of Family Studies, 17*(1), pp. 181-196.
- Jewell, L., & Carolyn, C. (2014). *An evaluation of the community Cadet Corps Program in Saskatchewan*. Saskatoon: University of Saskatchewan.
- Koker, P., Mathews, C., Zuch, M., Bastien, S., & Mason-Jones, A. J. (2014). A systematic review of interventions for preventing adolescent intimate partner violence. *Journal of Adolescent Health, 54*, pp. 3-13.
- Minayo, M. S., Assis, S. G., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Murta, S. G., Santos, B. P., Nobre, L. A., Araújo, I. F., Miranda, A. V., Rodrigues, Í. O., & Franco, C. P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP, 24*(2), pp. 263-288.
doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>
- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade, 23*(3), pp. 516-525.
- Silva, A. G., & Gimenez-Paschoal, S. R. (2010). Pesquisas sobre o programa educacional de resistência às drogas e à violência (PROERD). *Revista LEVS, 6*, pp. 102-114.
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization

among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, 18(7), pp. 923-927.
doi:10.1089/jwh.2009.1515

Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015. Atualização: Homicídios de mulheres no Brasil*. Brasília: Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais.

Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychological Review*, 19(4), pp. 435-456.

ARTIGO 4

Efeitos de uma intervenção escolar para prevenção da violência no namoro ao longo de um ano

Sidnei R. Priolo-Filho & Lúcia C.A. Williams

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Laboratório de
Análise e Prevenção da Violência (LAPREV)

Artigo a ser submetido para Revista Científica

RESUMO

O desenvolvimento ao longo do tempo dos relacionamentos amorosos dos adolescentes e de comportamentos violentos nestes relacionamentos possui grande relevância para a Psicologia na compreensão da ordem dos eventos e suas trajetórias. Poucas pesquisas foram realizadas com acompanhamentos longitudinais e esse é o primeiro esforço realizado no Brasil. A pesquisa teve a participação de 59 adolescentes no pré-teste que passaram por um programa de prevenção da violência no namoro que foram acompanhados por um ano após o término da intervenção. Foram utilizados o Critério de Classificação Econômica Brasil, o *Alcohol Use Identification Test* (AUDIT), a Escala de Tática de Conflitos – Revisada (CTS-2) e o Questionário de crenças sobre a violência em todas as etapas de coleta de dados. Os resultados apontam para uma diminuição entre pré e pós-teste da intervenção de todas as formas de violência com aumento da frequência das formas de violência no follow-up de um ano, porém sem diferenças significativas. O consumo de álcool apresentou aumento significativo, em especial para as mulheres, no pós-teste. Esses resultados apontam a necessidade de acompanhamento dos adolescentes após intervenções como forma de garantir a manutenção das mudanças comportamentais. Pesquisas futuras podem utilizar esses dados como embasamento para garantir que os padrões de mudanças sejam mantidos.

Palavras-chave: adolescentes, prevenção, estudo de avaliação.

ABSTRACT

Adolescent's romantic relationships and violent behaviors development has great relevance for Psychology on the comprehension of trajectories of those variables in individuals' lives. Few researches were carried out with longitudinal follow-ups and this is the first effort performed in Brazil. The survey had the participation of 59 adolescents in the pre-test then underwent a program of prevention of dating violence that had a follow-up of one year after the end of the intervention with participation of 45 adolescents. The Brazilian Economic Classification Criteria, the Alcohol Use Identification Test (AUDIT), the Revised Conflict Tactics Scale (CTS-2) and the Questionnaire of beliefs about were used at all stages of data collection. The results point to a decrease between pre- and post-test of all forms of violence with increased frequency of at one-year follow-up, but without statistical differences with the pretest. Alcohol consumption showed a significant increase, especially for women, in the post-test. These results point out the need for follow-up of adolescents after interventions as a way to ensure the maintenance of behavioral changes. Future research can use this data as a foundation to ensure that change patterns are maintained.

Keywords: adolescents, prevention, research evaluation.

Introdução

Pesquisas sobre desenvolvimento dos relacionamentos amorosos durante a adolescência tem enfrentado uma barreira metodológica importante: a dificuldade de obtenção de dados longitudinais das populações. Essa preocupação é constante nos programas de prevenção de violência no namoro na América do Norte desde o princípio dessas investigações (Avery-Leaf, Cascardi, O'Leary, & Cano, 1997). Apesar da recomendação de se realizar o acompanhamento dos participantes por ao menos um ano (Koker, Mathews, Zuch, Bastien, & Mason-Jones, 2014; Murray & Graybeal, 2007; Shorey, et al., 2012), a falta de tal acompanhamento tem sido apontada por estes autores como o principal limitador dos resultados obtidos.

Um exemplo de programa que realizou o acompanhamento por esse período é o “*Coaching boys into men*” (*Ensinando meninos a serem homens*, em tradução livre) que buscou intervir com crenças e comportamentos de atletas do Ensino Médio de escolas dos Estados Unidos que participaram do grupo controle e experimental um ano após o final da intervenção (Miller, et al., 2013). Os autores reportaram uma perda de 28% dos participantes do grupo experimental e 14% para o grupo controle e os resultados indicaram que os ganhos na diminuição da perpetração da violência do grupo experimental foram mantidos após um ano, com o grupo controle apresentando aumento da perpetração, indicando que o programa teve efeito a longo prazo. Contudo, muitos dos benefícios reportados imediatamente após a intervenção, como a diminuição dos comportamentos de violência verbal contra a parceira, não foram observados no follow-up, segundo os autores, possivelmente pela falta de consequências positivas para se comportar de maneira não violenta fora da sala de aula.

Um programa que estabeleceu um alto critério de qualidade em relação ao acompanhamento foi realizado por Wolfe et al. (2003), no Canadá, com o *Youth Relationships Project* (Projeto de Relacionamentos de Jovens). Este trabalho verificou diversos comportamentos de risco na adolescência em conjunto com a violência no namoro com 191 adolescentes atendidos pelo Conselho Tutelar na província de Ontário, Canadá que foram aleatoriamente selecionados para participar da intervenção ou do grupo controle. Um dos problemas enfrentado por esse programa é similar ao enfrentado por Miller et al. (2013), com 21% do grupo experimental desistindo do mesmo, fazendo com que a amostra final fosse composta por 96 adolescentes no grupo experimental e 62 no controle. Em média, os follow-ups duraram 16 meses e os resultados mostraram que houve uma redução significativa em abuso físico e emocional contra o parceiro.

A variável gênero teve um papel importante no estudo de Wolfe et al. (2003), ao prever a perpetração de abuso, com as adolescentes reportando níveis mais altos da prática de violência física, abuso emocional e ameaças e quedas mais abruptas do que os meninos na perpetração de violência física e ameaças. Os resultados positivos apontam para a necessidade dos programas de prevenção para além da diminuição de comportamentos indesejáveis, mas também do ensino de estratégias alternativas a violência como indicado por diversos autores, bem como uma atenção aos aspectos de gênero (Koker, Mathews, Zuch, Bastien, & Mason-Jones, 2014; Wekerle & Wolfe, 1999).

Um último exemplo de trabalho longitudinal foi o realizado pelo programa *Safe Dates* (Namoro seguro) (Foshee, et al., 2005). Esse trabalho realizado com adolescentes da zona rural da Carolina do Norte teve a possibilidade de analisar quatro coletas de dados (1 mês, 1 ano, 2 anos e 4 anos após a intervenção) a partir de modelos de imputação múltipla e de regressão que

permitem analisar os efeitos da intervenção ao longo do tempo enquanto considera e controla variações das respostas individuais, imputando valores que se aproximem dos reais e preservando a incerteza dos valores perdidos (Foshee, et al., 2005). O uso de um teste que consiga captar a incerteza dos valores perdidos durante o follow-up se mostra de extrema importância ao considerarmos a dificuldade de se obter amostras substanciais nos follow-ups, que permitiriam uma variação elevada de respostas (Corder & Foreman, 2009). Os resultados do pós-teste após quatro anos demonstraram efeitos significantes da intervenção para crenças sobre a violência, papéis de gênero e crenças sobre pedidos de ajuda em situações de violência e a quedas significativas para a prática de violência psicológica, violência física moderada e violência sexual. Os autores apontam que os efeitos positivos observados a longo prazo do programa podem ter ocorrido porque o programa foi realizado no início da vida amorosa dos adolescentes, entre o 9º e 12º ano escolar, e incluíram informações que puderam ser incorporadas a práticas nos relacionamentos amorosos que continuaram durante os anos do ensino médio. Contudo, os instrumentos desse programa não investigavam a violência psicológica de maneira ampla, isto é, crenças e comportamentos típicos nas práticas dos adolescentes, mas com foco em comportamentos mais relacionados a relacionamentos amorosos de adultos (Foshee, et al., 2005; Koker et al., 2014; Murray & Graybeal, 2007).

Todos os pesquisadores envolvidos em pesquisas longitudinais apontam que os efeitos e impacto dos programas de prevenção somente serão observados em sua totalidade ao analisarmos o desenvolvimento das habilidades ao longo do tempo (Foshee, et al., 2005; Miller, et al., 2013; Wolfe, et al., 2003). Ou seja, um programa de prevenção de violência no namoro com adolescentes sem um acompanhamento que dure ao menos 12 meses não seria capaz de indicar mudanças a longo prazo nos comportamentos violentos, ou ainda, conforme apontado por

Miller et al. (2013), que apresentem estabilidade após a intervenção em frequências inferiores comparadas ao pré-teste.

Uma questão metodológica que permeia são as diferentes ferramentas e instrumentos utilizados que dificultam comparações entre as pesquisas. Nas três pesquisas longitudinais descritas os instrumentos utilizados foram distintos: no trabalho de Miller et al. (2013) utilizou-se a Escala de Tática de Conflitos Revisada (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996), que tem sido a opção mais utilizada pelas pesquisas sobre violência no namoro para avaliar os comportamentos dos participantes devido a sua confiabilidade e extensa lista de comportamentos para análise (utilizada por Avery-Leaf et al., 1997; Koker et al., 2014); Foshee et al. (2005) e Wolfe et al. (2003), por sua vez, utilizaram escalas criadas e validadas para os objetivos das intervenções. Dessa forma, comparar amostras distintas como adolescentes da zona rural da Carolina do Norte com adolescentes sob cuidados dos serviços de proteção de Ontário com instrumentos diferentes se torna uma tarefa complexa. Com isso a escolha dos instrumentos se mostra uma das decisões mais importantes durante o planejamento de um programa de prevenção de violência no namoro, em especial, se considerarmos a escassez de instrumentos criados ou validados no Brasil para tal finalidade.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho é acompanhar adolescentes que participaram de um programa de intervenção sobre violência no namoro (Priolo-Filho & Williams, em preparo) e comportamentos violentos sofridos e praticados nos relacionamentos amorosos durante 12 meses, bem como crenças sobre a violência e o consumo de álcool. Dessa forma, espera-se verificar quais aspectos da intervenção apresentam manutenção de resultados obtidos em uma amostra brasileira e quais necessitam de maior atenção em futuras pesquisas.

Método

Participantes

Os participantes eram adolescentes provenientes de uma escola pública do interior de São Paulo, situada em área de vulnerabilidade social que fizeram parte do Grupo Experimental que recebeu um programa de prevenção à violência do namoro descrito em detalhes em Priolo-Filho e Williams (em preparo).

Inicialmente, havia sido planejado realizar o acompanhamento também com os 35 participantes de Grupo Controle de forma longitudinal durante 12 meses, contudo alguns problemas ocorreram com essa coleta: 26 alunos de tal grupo foram transferidos para diversas escolas ao final do ano letivo após a coleta de três meses devido a uma reorganização ocorrida nas escolas estaduais e, somente 7 estavam presentes na coleta de dados de três meses. Dessa forma, não foi possível realizar a coleta e análise com o grupo controle, de forma que somente os resultados do grupo experimental serão apresentados.

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos participantes do grupo experimental de acordo com o gênero, média de idade e frequência total de participantes no estudo original (pré e pós-teste) e no presente estudo de acompanhamento (após 3, 6 e 12 meses). Pode-se observar retenção de todos os participantes até a coleta 3 meses após a intervenção e diminuição no número de participantes 6 e 12 meses após a intervenção que apresentam perdas de 23,7% e 16,9% respectivamente, taxas semelhantes aos trabalhos de Miller et al. (2013) e Wolfe et al. (2003).

Tabela 1

Gênero, média de idade e frequência total de participantes em cada etapa da coleta de dados.

Coleta	Meninos	Meninas	Média de idade e DP	Total de participantes
Pré-teste	29	30	15,8 (0,78)	59
Pós-teste	29	29	16,0 (0,77)	58
3 meses	29	30	16,3 (0,84)	59
6 meses	27	18	16,2 (0,60)	45
12 meses	29	20	16,3 (0,64)	49

Importante destacar que o número de homens se manteve praticamente estável durante todas as coletas de dados, enquanto as meninas apresentaram maior número de participantes, em especial, na coleta de dados 6 meses após a intervenção.

Instrumentos

Foram utilizados os mesmos instrumentos da intervenção (Priolo-Filho & Williams, em preparação), a saber: Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2012), Alcohol Use Identification Test (AUDIT) na versão validada para o Brasil (Martins, Manzatto, Cruz, Poiate, & Scarin, 2008), Escala de Tática de Conflitos Revisada (CTS-2) também validada em português (Alexandra & Figueiredo, 2006) e Questionário de Crenças sobre a Violência (Ferrari, Priolo-Filho, & Brino, no prelo).

Coleta de dados

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade sob parecer nº 549.184 e a coleta de dados apenas foi iniciada após a aprovação. A aplicação dos instrumentos ocorreu

na sala de aula na qual ocorreu a intervenção em 5 etapas: anterior à intervenção (pré), após a intervenção em uma sessão separada (pós), 3, 6 e 12 meses após o término da intervenção. As instruções sobre sigilo e formas de preenchimento eram repetidas antes de cada aplicação dos instrumentos, sendo que os participantes eram avisados com uma semana de antecedência em relação à coleta de dados do follow-up como forma de maximizar o comparecimento à escola. Em especial, na coleta de três meses após o final da intervenção, os alunos foram avisados, pela coordenação da escola através de mensagens na sala de aula, por duas vezes da participação, por ter ocorrido na penúltima semana do ano letivo.

Resultados

A Tabela 2 apresenta as mudanças de relacionamento dos participantes ao longo do tempo. Pode-se observar que as distribuições permaneceram estáveis durante a coleta, com exceção da última coleta de dados com um aparente aumento do número de participantes namorando, contudo, essas diferenças não foram significativas ($X(28)=18,88, p = 0,90$).

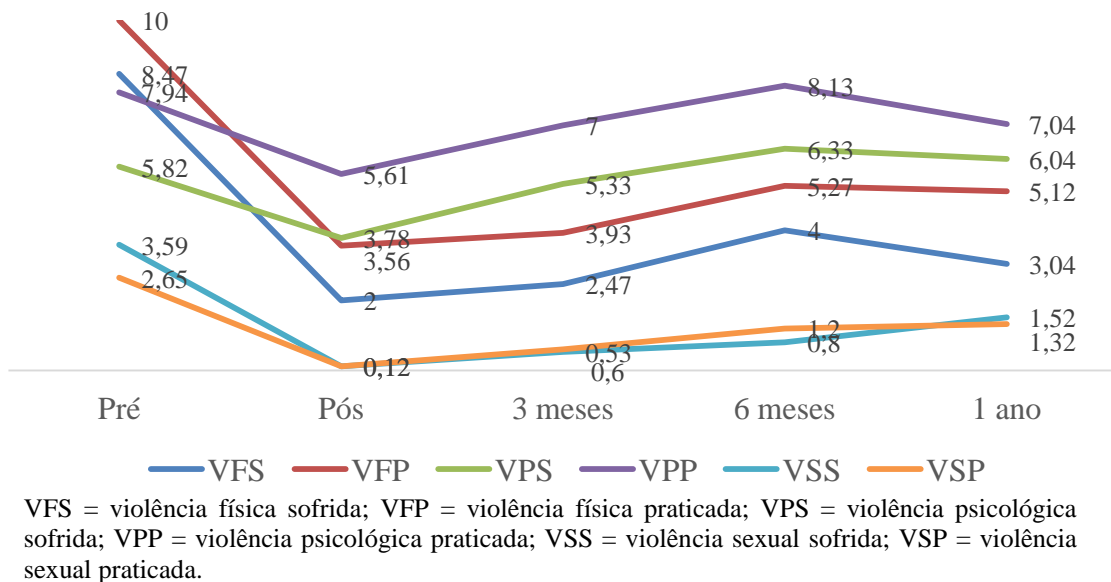
Tabela 2

Distribuição dos participantes de acordo com o relacionamento amoroso em diferentes momentos da coleta de dados.

Coleta	“Solteiro”	Ficando	Ficando sério	Namorando	Noivo
Pré	41	4	1	11	1
Pós	40	4	2	10	1
3 meses	40	5	2	9	2
6 meses	28	4	1	8	2
12 meses	27	5	1	15	1

A Figura 1 apresenta a trajetória da frequência dos escores de auto relato de violência física, psicológica e sexual praticada e sofrida pelos participantes ao longo do tempo medidas pelo CTS-2. Nota-se que as frequências dos escores de violência física e psicológica sofridas e praticadas apresentam uma queda do pré para o pós-teste com aumento até seis meses e mantendo-se praticamente estável entre o sexto mês e um ano. Para a violência sexual sofrida e praticada há uma queda do pré para o pós-teste com aumento das médias a partir do pós-teste. Para verificar se as diferenças observadas entre os períodos são significativas, foi realizado o teste de Kruskal-Wallis para cada uma das modalidades, sendo que apesar das diferenças numéricas não foram observadas diferenças estatisticamente significativas ao longo do tempo para qualquer das variáveis. Todas as formas de violência apresentam queda entre o pré e pós-teste e aumento na frequência da violência após o pós-teste em comparação a coleta de um ano.

Figura 1. Acompanhamento da frequência de diferentes formas de violência através do CTS-2 durante 12 meses.



A Tabela 3 apresenta as pontuações do AUDIT, do Questionário de Crenças sobre a Violência (QCV) e a frequência resolução de problemas sociais praticada pelo participante (RPPAR) e seu parceiro (RPPR) mensurada pelo CTS-2. O AUDIT apresenta baixa variação até os 6 meses após a intervenção e aumento significativo um ano após a primeira avaliação através do teste de Kruskal-Wallis ($p < 0,05$). O QCV apresentou médias com pouca variação com valores entre 29 e 31 pontos de uma pontuação máxima de 45 pontos. Para as medidas de resolução de conflitos, maiores frequências indicam maior uso de estratégias não violentas, sendo que as praticadas pelo participante e pelo parceiro apresentam queda do pré para o pós-teste com aumento para a coleta 3 meses após a intervenção e estabilidade após esse período.

Tabela 3

Valores e desvio-padrão das medidas do AUDIT, QCV e resolução de problemas sociais medido pelo CTS-2.

	Pré	Pós	3 meses	6 meses	1 ano	p*
AUDIT	2,63 (4,56)	2,53 (4,80)	3,03 (4,73)	2,73 (4,67)	6,00 (6,11)	0,01*
QCV	29,39 (6,85)	29,57 (7,24)	30,41 (6,00)	30,16 (7,41)	30,63 (6,94)	0,82
RPPAR	22,41 (9,26)	15,72 (11,00)	18,93 (8,73)	21,07 (9,54)	19,40 (11,38)	0,40
RPPR	21,41 (8,92)	15,61 (11,81)	19,13 (10,03)	20,13 (9,01)	19,68 (12,06)	0,56

* $p < 0,05$.

A Tabela 4 apresenta o número de participantes que relataram consumo de álcool através do AUDIT, bem como qualquer forma de violência sofrida ou praticada e comportamentos de resolução de problemas sociais conforme mensurado pelo CTS-2. A porcentagem de participantes que não consumiam de álcool, com exceção do último período, não atingiu 50% da amostra. Quanto à resolução de problemas do parceiro e praticada ambas atingiram 100% dos indivíduos do pós até o sexto mês.

Em relação a violência física sofrida, nota-se no pré-teste a maioria (64,7%) dos participantes relatou ter sofrido esse tipo de violência, enquanto que no pós-teste a maioria (56,6%) relatou não ter sofrido violência física. Analisando a violência física praticada, em todos os períodos a maioria dos adolescentes relatou ter praticado esse tipo de violência, com porcentagens iguais a 64,7%, 55,6%, 60%, 66,7% e 52% para o pré, pós, 3 meses, 6 meses e um ano, respectivamente.

Tanto para violência psicológica sofrida quanto praticada, verifica-se que em todos os períodos essas modalidades superavam 60% da amostra. Por fim, o número de participantes que relatou ter praticado ou sofrido violência sexual foi menor do que a metade da amostra em todos os períodos, com maior presença no pré-teste, próximo de 40% para ambos. A partir do teste exato de Fisher observamos que há um aumento significativo em relação ao número de participantes que consomem álcool ($p = 0,01$) após 1 ano da intervenção.

Tabela 4

Frequência absoluta e relativa dos comportamentos de consumo de álcool e do CTS-2 para a amostra em cada período.

	Pré-teste	Pós-teste	3 meses	6 meses	1 ano	<i>p</i>
AUDIT	25 (42,4)	20 (34,5)	26 (44,1)	16 (35,6)	32 (65,3)	0,01*
RPPAR	17 (100,0)	18 (100,0)	15 (100,0)	15 (100,0)	24 (96,0)	1,00
RPPR	17 (100,0)	18 (100,0)	15 (100,0)	15 (100,0)	24 (96,0)	1,00
VFS	11 (64,7)	8 (44,4)	8 (53,3)	9 (60,0)	13 (52,0)	0,81
VFP	11 (64,7)	10 (55,6)	9 (60,0)	10 (66,7)	13 (52,0)	0,90
VPS	14 (82,4)	14 (77,8)	11 (73,3)	12 (80,0)	17 (68,0)	0,87
VPP	15 (88,2)	12 (66,7)	9 (60,0)	13 (86,7)	18 (72,0)	0,27
VSS	7 (41,2)	2 (11,8)	2 (13,3)	3 (20,0)	9 (36,0)	0,17
VSP	7 (41,2)	1 (5,9)	2 (13,3)	4 (26,7)	8 (32,0)	0,10

* p-valor baseado no teste exato de Fisher

A Tabela 5 apresenta as médias e desvios padrão de acordo com o gênero para cada um dos períodos e a frequência dos diferentes comportamentos avaliados no acompanhamento. Dessa forma, temos duas formas de comparação entre os grupos, a primeira realizada de forma transversal a cada coleta de dados e uma comparando a trajetória de cada gênero ao longo do follow-up.

Por meio das informações apresentadas na Tabela 5, pode-se observar que a maior diferença das médias entre os gêneros em relação ao consumo de álcool foi observada na última coleta de dados. Avaliando os grupos individualmente, temos que a pontuação média do gênero feminino é crescente até o terceiro mês, com queda do terceiro para o sexto mês e crescimento do sexto mês para um ano, sendo a diferença após um ano significativa em relação ao pré-teste. Por outro lado, a média do sexo masculino cai do pré para o pós e cresce a partir de então.

Analisando as crenças, verificamos que as médias dos escores dos indivíduos do gênero masculino foram maiores em todos os períodos analisados indicando crenças mais adequadas sobre violência. Ao analisar o desempenho referente a cada gênero, nota-se que as médias de escores do grupo feminino oscilam entre os períodos, enquanto que as do grupo masculino, com exceção do terceiro mês, são crescentes.

Para resolução de problemas praticada pelo participante e pelo parceiro, temos que os indivíduos do gênero masculino apresentam maiores valores, ou seja, reportam melhores habilidades de resolução de problemas, em todos os períodos. Adicionalmente, as médias de ambos os grupos para a praticada pelo parceiro oscilam ao longo do tempo com diferença significativa entre as médias no pré e pós-teste, com as mulheres reportando frequências de 11,00 e 8,00, respectivamente, enquanto os homens reportavam frequências médias de 24,86 e 19,58, respectivamente.

Tabela 5

Médias e desvio padrão de escores obtidos nos instrumentos de acordo com o gênero para cada categoria nos períodos analisados.

		Pré	Pós	3 meses	6 meses	1 ano	p^b
AUDIT	Feminino	2,28 (3,70)	2,67 (4,83)	3,30 (5,19)	2,67 (5,08)	7,03 (6,74)	0,01*
	Masculino	2,97 (5,29)	2,32 (4,86)	2,69 (4,15)	2,83 (4,12)	4,37 (4,67)	0,36
	p^a	0,866	0,712	0,737	0,525	0,236	
QCV	Feminino	28,21 (8,41)	28,03 (7,91)	29,52 (6,20)	28,00 (7,33)	28,33 (6,83)	0,96
	Masculino	30,53 (4,77)	32,09 (5,20)	31,54 (5,65)	33,39 (6,45)	34,26 (5,52)	0,04*
	p^a	0,499	0,064	0,201	0,012*	0,002*	
RPPAR	Feminino	11,00 (8,19)	8,00 (7,64)	15,40 (5,46)	14,83 (9,02)	16,08 (11,60)	0,50
	Masculino	24,86 (7,66)	19,58 (10,57)	20,70 (9,74)	25,22 (7,74)	22,46 (10,71)	0,64
	p^a	0,037*	0,038*	0,425	0,039*	0,141	
RPPR	Feminino	13,00 (7,81)	10,33 (9,77)	15,80 (11,50)	14,67 (8,45)	17,92 (11,60)	0,72
	Masculino	23,21 (8,29)	18,25 (12,23)	20,80 (9,40)	23,78 (7,76)	21,31 (12,71)	0,79
	p^a	0,067	0,159	0,462	0,067	0,496	
VFS	Feminino	23,00 (31,19)	1,50 (1,64)	2,80 (2,95)	5,50 (6,53)	1,58 (2,47)	0,13
	Masculino	5,36 (8,03)	2,25 (4,77)	2,30 (4,90)	3,00 (3,50)	4,38 (7,01)	0,60
	p^a	0,138	0,381	0,400	0,540	0,369	
VFP	Feminino	18,33 (29,16)	1,33 (1,37)	1,00 (1,73)	3,83 (4,45)	1,08 (1,62)	0,23
	Masculino	8,21 (11,91)	4,67 (8,35)	5,40 (5,30)	6,22 (8,96)	8,85 (10,96)	0,88
	p^a	0,439	0,961	0,145	0,904	0,078	
VPS	Feminino	8,33 (12,70)	2,83 (2,48)	3,60 (3,78)	8,50 (2,35)	5,08 (6,40)	0,22
	Masculino	5,29 (4,39)	4,25 (4,85)	6,20 (5,51)	4,89 (4,51)	6,92 (8,41)	0,90
	p^a	0,949	0,740	0,353	0,153	0,580	
VPP	Feminino	8,33 (11,85)	1,67 (1,51)	3,80 (5,31)	6,67 (2,34)	3,83 (4,04)	0,21
	Masculino	7,86 (6,40)	7,58 (9,88)	8,60 (8,09)	9,11 (8,12)	10,00 (12,16)	0,96
	p^a	0,705	0,291	0,229	0,554	0,308	
VSS	Feminino	10,33 (17,90)	0,33 (0,52)	1,40 (3,13)	2,00 (2,90)	1,17 (2,62)	0,88
	Masculino	2,14 (2,74)	0,00 (0,00)	0,10 (0,32)	0,00 (0,00)	1,85 (2,67)	0,01*
	p^a	0,944	0,059	0,605	0,029*	0,635	
VSP	Feminino	5,00 (8,66)	0,33 (0,82)	1,80 (3,03)	2,00 (2,90)	1,25 (2,90)	0,79
	Masculino	2,14 (2,74)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,67 (2,00)	1,38 (2,53)	0,03*
	p^a	0,944	0,218	0,049*	0,151	1,000	

^a p-valor baseado no teste Mann-Whitney

^b p-valor baseado no teste Kruskal-Wallis

* $p < 0,05$.

Com relação à violência física sofrida, o gênero masculino apresentou maior média no pós-teste e no primeiro ano após a primeira avaliação, indicando maior prática dessa forma de violência pelos homens. Analisando individualmente os grupos, temos queda na média do pré para o pós-teste em ambos. No entanto, a partir do pós-teste a média masculina tende a crescer com o tempo e do feminino apenas até o sexto mês. Para violência física praticada e psicológica sofrida, novamente, os indivíduos do gênero masculino apresentaram maiores médias com o tempo, e o sexo feminino cresce do pós até o sexto mês, com diminuição em um ano.

Os valores das médias para violência psicológica praticada indicam que, com exceção do pré-teste, em todos os outros períodos as médias do grupo masculino foram maiores do que o feminino. Internamente, as médias dos grupos tendem a cair do pré para o pós, com maior evidência no sexo feminino, e com aumento no acompanhamento.

Para violência sexual sofrida, nota-se que em ambos os grupos as maiores médias foram no pré-teste sendo que a média de vitimização do sexo feminino, assim como um elevado desvio padrão, merecem destaque nesse período. Por fim, com exceção do período de um ano após a primeira avaliação, em todos os demais os indivíduos do sexo feminino apresentaram maiores médias para violência sexual praticada, sendo que a maior diferença é observada no pré-teste, em que as mulheres têm média 5 e os homens 2,14. Além disso, nota-se que a variabilidade dos dados do grupo feminino é relativamente alta nesse primeiro período avaliado com uma frequência média de 5,00 e um desvio-padrão de 8,66 para esse grupo. Adicionalmente, a frequência da violência sexual praticada para o sexo masculino foi nula no pós e terceiro mês, ou seja, nenhum homem reportou ter praticado violência sexual nestes períodos. Analisando os grupos individualmente, temos que em ambos há uma diminuição do pré para o pós e aumento

do pós até o sexto mês. Após esse último período houve queda na média do sexo feminino e aumento no masculino.

Com a finalidade de testar as diferenças entre os grupos, realizamos testes de Kruskal-Wallis para a avaliação longitudinal e testes de Mann-Whitney para comparar os grupos em cada tempo. Dessa forma, ao se comparar os grupos, constatou-se diferenças significativas para a variável crenças no sexto mês ($p = 0,012$) e um ano ($p = 0,002$), cuja média dos indivíduos do sexo masculino foi maior; para resolução de problemas do parceiro no pré ($p = 0,037$), pós-teste ($p = 0,038$) e seis meses ($p = 0,039$), em que novamente os indivíduos do sexo masculino apresentaram maiores valores, e também no terceiro mês de violência sexual praticada ($p = 0,049$) e sexto mês de violência sexual sofrida ($p = 0,029$), com maiores valores para o grupo feminino.

Levando em conta o perfil longitudinal dos grupos, temos que há um aumento significativo para a pontuação do AUDIT do grupo feminino ($p = 0,01$) entre o pré-teste e o follow-up de um ano e para o sexo masculino um aumento significativo de crenças adequadas ($p = 0,04$), diminuição significativa da violência sexual sofrida ($p = 0,013$) e praticada ($p = 0,027$).

Discussão

Esse trabalho apresenta um acompanhamento em longo prazo de uma amostra brasileira que recebeu uma intervenção sobre prevenção de violência no namoro. Os dados apresentam uma diminuição de auto relatos de frequência de comportamentos sexuais violentos entre o pré e pós-teste (conforme descrito em Priolo-Filho & Williams, em preparo), contudo após um ano, apesar de diminuições numéricas nas frequências da violência sexual, essas diferenças não são significativas. Em relação ao consumo de álcool, houve uma diminuição significativa do

consumo após a intervenção, porém seguida de um aumento significativo após 1 ano no consumo total de álcool, bem como do número de adolescentes que começaram a consumir bebidas alcóolicas.

O aumento do consumo de álcool nessa etapa é esperado e demonstrado em alguns estudos longitudinais e transversais realizados ao redor do mundo (Wechsler & Nelson, 2008). É importante destacar, também, que mesmo com o aumento esses adolescentes continuam a ter um consumo abaixo do risco segundo a classificação do AUDIT (Martins et al., 2008). Dessa forma, podemos apontar que apesar do aumento ter sido significativo a maioria da amostra aqui descrita continua a apresentar um comportamento de baixo consumo de álcool.

Os resultados apresentados demonstram que a frequência e o número de participantes mostram uma tendência similar para quase todas as formas de violência. Uma queda numérica entre o pré e pós-teste e aumento subsequente com oscilações em alguns casos, contudo sem diferença significativa entre a avaliação realizada após um ano e o pré-teste. Resultados semelhantes foram observados por Miller et al. (2013) e Foshee et al. (2005) que apresentaram quedas acentuadas logo após os programas de prevenção e estabilização subsequente. Esses resultados indicam que a prevenção deve avançar para além dos adolescentes diretamente afetados pela violência, mas deve envolver outros equipamentos da rede de proteção para garantir que esses resultados positivos alcançados logo após as intervenções consigam ser mantidos mesmo sem a presença dos pesquisadores (Koker et al., 2014; Shorey, et al., 2012; Wekerle & Wolfe, 1999).

Um dos comportamentos violentos apresentou uma diminuição significativa mesmo após um ano que foi a violência sexual praticada pelos homens. Conforme apontado por Priolo-Filho e Williams (em preparo), a intervenção realizada com estratégias próprias para lidar com a

violência sexual, como a separação dos alunos durante as sessões sobre sexualidade, mostrou-se eficaz para essa violência. Em especial, ao considerarmos esse um dos temas apontados pelos pesquisadores, dos Estados Unidos e Canadá, como de maior dificuldade para modificação devido a seu caráter privado e de pouco ensino da compreensão dos conceitos de consentimento e direitos sexuais oferecidos nos programas atuais (Koker et al., 2014; Shorey et al., 2012; Teten et al., 2009; Wolfe, et al., 2003). Dessa forma, podemos apontar que a intervenção conseguiu afetar de maneira positiva a ocorrência de uma forma de violência grave e frequente entre adolescentes brasileiros.

A retenção dos participantes para o follow-up está em consonância com pesquisas realizadas nos Estados Unidos e Canadá que apontam taxas de desistência por volta de 20% (Foshee, et al., 2005; Wolfe, et al., 2003). Contudo, o problema enfrentado em relação ao grupo controle devido a aspectos de organização das escolas no Estado de São Paulo prejudicou análise e conclusões mais aprofundadas desse estudo.

É necessário pensar em estratégias que consigam lidar com dificuldades de participação e manutenção de um grupo controle, sendo que algumas das hipóteses apontadas por pesquisadores fora de nosso país envolvem condições de participação que não poderiam ser replicados em nossa realidade, como o pagamento por preenchimento de questionário (Marshall, Panuzio, Makin-Byrd, Taft, & Holtzworth-Munroe, 2011; McPhie, Weiss, & Wekerle, 2014; Wolfe, et al., 2003). Estratégias adequadas a nossa realidade que garantam a motivação dos participantes em continuar a responder os instrumentos se fazem necessários e devem implicar em estratégias criativas por parte dos pesquisadores brasileiros.

A avaliação de crenças também se mostra um aspecto interessante ao analisarmos que os homens apresentam um aumento significativa das crenças adequadas após a intervenção que

trespassa todos os períodos de coleta de dados, enquanto as meninas apresentam oscilações sem alterações estatisticamente significativas. Essa melhora dos homens está em consonância com os resultados do programa “Coaching boys into men” que utilizava os treinadores, todos do mesmo gênero dos participantes, como facilitadores da intervenção e apresentou resultados positivos relacionados às crenças desses homens (Miller, et al., 2012; Miller, et al., 2013). Contudo, o fato das mulheres não apresentarem mudanças positivas significativas sugere duas possibilidades: a) o programa não conseguiu atingir elementos culturais significativos e transformadores para as mulheres, razão pela qual não foi capaz de obter mudanças com esse grupo ou; b) outros aspectos culturais e sociais possuem maior relevância na avaliação de mulheres e não foram aferidos pelo instrumento. Podemos também apontar que o fato de, excluindo as sessões sobre sexualidade, as outras terem sido conduzidas por um pesquisador do sexo masculino pode ter um efeito maior sobre os homens (Cohen, et al., 2016), em especial, quando o facilitador tem mais idade do que os participantes como foi o caso. Essa avaliação do gênero do condutor dos processos não foi realizada em outros programas e deve ser um dos aspectos a ser considerados em pesquisas futuras (Foshee, et al., 2005; Miller, et al., 2013; Wolfe, et al., 2003).

Esse trabalho apresenta limitações importantes, sendo a mais patente a ausência de grupo controle para efeitos de comparação com o grupo experimental. Essa ausência não é um problema exclusivo dessa pesquisa devido a dificuldades apontadas anteriormente na literatura quanto à manutenção de grupos controle durante meses (Antle, Sullivan, Dryden, Karam, & Barbee, 2011; Murray & Graybeal, 2007; Koker et al., 2014). Uma possível estratégia para minimizar esse problema seria iniciar os programas de prevenção no início do ano letivo, dessa forma, minimiza-se a possibilidade de transferências durante o curso do programa e das coletas de dados do follow-up (Wekerle & Wolfe, 1999). Pesquisas futuras devem considerar essas

estratégias para conseguir manter um grupo controle com número adequado aos propósitos de comparação e possibilitar avaliar de maneira mais profunda os impactos das intervenções em longo prazo.

Outra limitação dessa pesquisa consiste no tamanho da amostra final ao final de um ano o que não permitiu o uso de estratégias de análise de dados que conseguissem captar mudanças mais sutis nos comportamentos, como é o caso de modelos de regressão (Benjamini & Hochberg, 1995). Pode-se também pensar na necessidade de elaboração ou validação de instrumentos sobre violência em relacionamentos amorosos para a realidade brasileira que consigam captar sutilezas culturais e comportamentos no ambiente natural. Apesar do instrumento escolhido para essa pesquisa (CTS-2) ser o mais utilizado, é um instrumento longo com 78 itens a serem avaliados pelos participantes o que torna a sua aplicação cansativa. Em busca de um instrumento mais conciso para avaliar a violência Fernandez-Gonzales, Wekerle e Goldstein (2012) elaboraram um Inventário de conflitos em relacionamentos na adolescência, contudo testes realizados mostram que ao comparado com o CTS-2, esse inventário pode levar a conclusões diferentes sobre a relação da violência com fatores de risco (Cascardi, Blank, & Dodani, 2016). Com isso, reforça-se a importância da busca por instrumentos específicos para essa população brasileira que consigam captar as nuances e dinâmicas dos relacionamentos amorosos na adolescência.

Em suma, a presente pesquisa apresenta um acompanhamento longitudinal inédito para a realidade brasileira. Os dados aqui apresentados demonstram que após a intervenção há uma queda dos comportamentos violentos, contudo ao longo de um ano há um na frequência dos mesmos quando comparados ao pós-teste. Dessa forma, pesquisas futuras devem investigar estratégias de manter as mudanças obtidas, seja por meio de programas de maior duração incorporados à grade curricular capazes de promover mudanças na comunidade, pela inclusão de

outros atores importantes, como profissionais da saúde e organizações não governamentais, família dos estudantes, capacitando-as sobre os desafios e conquistas da adolescência e dos relacionamentos com os filhos e a escola como um todo, que pode ter um papel ampliado com a atuação de professores mediadores capacitados a lidar com a temática da violência. Dessa maneira, pode-se obter maior participação de outros elementos da rede social dos adolescentes e uma efetiva e duradoura diminuição da violência nos relacionamentos afetivos.

Referências

- ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2012). *Critério de Classificação Econômica Brasil – CCEB. Dados com base no levantamento Sócio Econômico 2011 – IBOPE*. São Paulo: ABEP.
- Alexandra, C., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), pp. 14-39.
- Antle, B. F., Sullivan, D. J., Dryden, A., Karam, E. A., & Barbee, A. P. (2011). Healthy relationship education for dating violence prevention among high-risk youth. *Children and Youth Services Review*, 33, pp. 173-179.
- Avery-Leaf, S., Cascardi, M., O’Leary, K. D., & Cano, A. (1997). Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. *Journal of Adolescent Health*, 21, pp. 11-17.
- Benjamini, Y., & Hochberg, Y. (1995). Controlling the false discovery rate: A practical and powerful approach to multiple testing. *Journal of the Royal Statistical Society, Series B (Methodological)*, pp. 289-300.
- Cascardi, M., Blank, S., & Dodani, V. (2016). Comparison of the CADRI and CTS2 for measuring psychological and physical dating violence perpetration and victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, p. online.
- Cohen, A. O., Breiner, K., Steinberg, L., Bonnie, R. J., Scott, E. S., Taylor-Thompson, K., . . . Casey, B. J. (2016). When is an adolescent an adult? Assessing cognitive control in emotional and nonemotional contexts. *Psychological Science*, 27(4), pp. 549-562.
- Corder, G. W., & Foreman, D. I. (2009). *Nonparametric statistics for non-statisticians: A step-by-step approach*. Hoboken, N. J.: Wiley.
- Dallo, L., & Martins, R. A. (2011). Uso de álcool entre adolescentes escolares: Um estudo-piloto. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(50), pp. 329-334.

- Fernandez-Gonzales, L., Wekerle, C., & Goldstein, A. L. (2012). Measuring adolescent dating violence: Development of conflict in adolescent dating relationships inventory short form. *Advances in Mental Health, 11*(1), pp. 35-54.
- Ferrari, I. F., Priolo-Filho, S. R., & Brino, R. F. (no prelo). Questionário sobre violência intrafamiliar: confiabilidade de um instrumento sobre crenças. *Psicologia: Teoria e Prática, 18*(3).
- Foshee, V., Bauman, K., Ennett, S., Suchindran, C., Benefield, T., & Linder, G. (2005). Assessing the effects of the dating violence prevention program "Safe Dates" using random coefficient regression modeling. *Prevention Science, 6*(3), pp. 245-258.
- Koker, P., Mathews, C., Zuch, M., Bastien, S., & Mason-Jones, A. J. (2014). A systematic review of interventions for preventing adolescent intimate partner violence. *Journal of Adolescent Health, 54*, pp. 3-13.
- Marshall, A. D., Panuzio, J., Makin-Byrd, K. N., Taft, C. T., & Holtzworth-Munroe, A. (2011). A multilevel examination of interpartner intimate partner violence and psychological aggression reporting concordance. *Behavior Therapy, 42*, pp. 364-377.
- Martins, R. A., Manzatto, A. J., Cruz, L. N., Poiate, S. M., & Scarin, A. C. (2008). Utilização do Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) para identificação do consumo de álcool entre estudantes do ensino médio. *Interamerican Journal of Psychology, 42*(2), pp. 307-316.
- McPhie, M., Weiss, J., & Wekerle, C. (2014). Psychological distress as a mediator of the relationship between childhood maltreatment and sleep quality in adolescence: Results from the Maltreatment and Adolescent Pathways (MAP) longitudinal study. *Child Abuse & Neglect, 38*(12), pp. 2044-2052.
- Miller, E., Tancredi, D. J., McCauley, H. L., Decker, M. R., Virata, M. C., Anderson, H. A., Silverman, J. G. (2012). "Coaching Boys into Men": A cluster-randomized controlled trial of a dating violence prevention program. *Journal of Adolescent Health, 51*(5), pp. 431-438.
- Miller, E., Tancredi, D. J., McCauley, H. L., Decker, M. R., Virata, M. C., Anderson, H. A., . . . Silverman, J. G. (2013). One-year follow-up of a coach-delivered dating violence prevention program. *American Journal of Preventive Medicine, 45*, pp. 108-112.
- Murray, C. E., & Graybeal, J. (2007). Methodological review of intimate partner violence prevention research. *Journal of Interpersonal Violence, 22*, pp. 1250-1269.
- Priolo-Filho, S. R., & Williams, L. C. (em preparação). Violência no namoro: Avaliação de um programa de prevenção com adolescentes brasileiros.
- Shorey, R. C., Zucosky, H., Brasfield, H., Febres, J., Cornelius, T. L., Sage, C., & Stuart, G. L. (2012). Dating violence prevention programming: Directions for future interventions. *Aggressive and Violent Behavior, 17*, pp. 289-296.

- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*, pp. 283-316.
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health, 18*(7), pp. 923-928.
- Wechsler, H., & Nelson, T. F. (2008). What we have learned from the Harvard School of Public Health College Alcohol Study: Focusing attention on college student alcohol consumption and the environmental conditions that promote it. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs, 69*(4), pp. 481-490.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychological Review, 19*(4), pp. 435-456.
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., Scott, K., Straatman, A., Grasley, C., & Reitzel-Jaffe, D. (2003). Dating violence prevention with at-risk youth: A controlled outcome evaluation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 71*, pp. 279-291.

Considerações finais

Esse trabalho apresentou a elaboração, aplicação e avaliação de um programa de prevenção da violência no namoro com adolescentes de uma escola em local de vulnerabilidade social com um acompanhamento durante um ano dos participantes. Os resultados apontam para uma diminuição significativa da violência sexual após a intervenção, em especial da violência sexual praticada pelos homens após um follow-up de um ano. As estratégias e temas desenvolvidos durante esse trabalho devem servir de subsídios para futuras pesquisas sobre o tema, em especial, adicionar um número maior de sessões sobre temáticas da sexualidade e violência intrafamiliar, aspectos apontados pelos adolescentes como de maior interesse para mais sessões de discussão.

O principal resultado obtido nesse trabalho encontra-se na diminuição significativa da violência sexual sofrida e praticada após a intervenção, tendo essa forma de violência recebido atenção de pesquisadores ao redor do mundo devido à dificuldade de mudanças positivas para essa modalidade de violência. Dessa forma, o planejamento e realização de intervenções com adolescentes brasileiros sobre violência sexual devem considerar as características apresentadas neste trabalho, a saber: a) uso de instrumentos que consigam mensurar comportamentos dessa forma de violência; b) estratégias específicas para a violência sexual, por exemplo, a separação de acordo com o gênero e o condutor da sessão do mesmo gênero dos participantes e; c) objetivos e temas distintos de acordo com o gênero do grupo. Esses elementos se mostram como fundamentais para uma diminuição duradoura e bem-sucedida da violência sexual.

Apesar das limitações apresentadas, como o tamanho amostral no projeto piloto e a ausência de um grupo controle durante o follow-up, esse trabalho apresenta resultados

importantes para futuras pesquisas e investigações a respeito da prevenção da violência do namoro entre adolescentes.

Devemos considerar também que as variáveis relacionadas com esse fenômeno devem ser investigadas na realidade brasileira, para que tenhamos ferramentas de prevenção cada vez mais eficazes para as consequências negativas da violência. Adicionalmente, a criação de instrumentos que consigam captar diferenças culturais presentes em nosso país também é necessária. Pesquisas futuras devem considerar um aumento na duração das intervenções como forma de garantir a discussão de um maior número de temáticas de interesse dos adolescentes, bem como fomentar novas maneiras de participação ativa dos adolescentes na intervenção, seja através do uso de urnas e perguntas anônimas, como foi o caso dessa pesquisa, ou através de estratégias a serem desenvolvidas direcionadas a essa população.

Em suma, essa pesquisa apresentou contribuições para a prevenção de violência em adolescentes brasileiros e seus resultados positivos em relação a algumas modalidades de violência indicam a possibilidade do uso das estratégias e ferramentas utilizadas em intervenções futuras.

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA NO NAMORO: AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO

Pesquisador: Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 24904213.0.0000.5504

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 549.184

Data da Relatoria: 11/03/2014

Apresentação do Projeto:

A violência no namoro é um problema de Saúde Pública recorrente em diversos países. O Brasil possui apenas dois levantamentos e uma pesquisa qualitativa sobre o tema. A prevenção da violência no namoro na adolescência reduz diversos problemas de relacionamento ao longo da vida. O objetivo deste estudo consiste em desenvolver e avaliar um programa de intervenção de prevenção de violência no namoro com adolescentes em

situação escolar, de tal forma que tal programa seja capaz de diminuir a prevalência de violência física e psicológica que os participantes afirmam praticar e sofrer em suas relações de namoro. O total de participantes da pesquisa será de 100 adolescentes, distribuídos em grupo controle e experimental. Para verificação de comportamentos e crenças, serão utilizados os instrumentos Escala de Tática de Conflitos Revisada (CTS-2),

Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) e Inventário de Resolução de Problemas Sociais ao início e término da pesquisa, bem como após o período de um ano no follow-up. Serão realizadas intervenções semanais de 90 minutos de duração durante quatro meses. As intervenções terão como temas: crenças a respeito da violência doméstica e no namoro, papéis de gênero e resolução de problemas sociais. Os dados relativos a todos os instrumentos serão analisados e comparados para ambos os grupos. É esperada uma diminuição dos comportamentos agressivos relatados e um aumento das habilidades de resoluções de problemas de forma não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP **Município:** SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

CEP: 13.565-905

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 549.184

agressiva após a intervenção sistemática.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Visto os dados expostos, o objetivo desse projeto consiste em desenvolver e avaliar um programa de prevenção de violência no namoro com adolescentes em situação escolar, de forma a diminuir a prevalência de violência física e psicológica que os participantes praticam e sofrem.

Objetivo Secundário:

Espera-se que o programa seja capaz de aumentar a capacidade de resolução de problemas dos participantes em diversas esferas da vida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa relevante para a área em questão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado. Após várias solicitações, o pesquisador anexou a autorização da instituição.

Recomendações:

Recomenda-se atentar para ressarcimento dos gastos com transporte aos participantes do estudo visto que, como prevê a resolução 466/12 e o TCLE elaborado, estes não devem ter gasto algum ao aceitar participar da pesquisa e a coleta de dados será na UFSCar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto Aprovado. Atentar Recomendações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-9683

CEP: 13.565-905

Município: SAO CARLOS

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 549.184

SAO CARLOS, 09 de Março de 2014

Assinador por:
Roquelaine Batista dos Santos
(Coordenador)

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa **VIOLÊNCIA NO NAMORO: AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO**
2. Descrição da justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa.
 - a. Você foi selecionado aleatoriamente e sua participação não é obrigatória.
 - b. Os objetivos deste estudo são verificar se um programa de prevenção da violência no namoro entre adolescentes pode diminuir a incidência dessa forma de violência, bem como outros comportamentos agressivos e o consumo de álcool.
 - c. A participação nesta pesquisa consistirá em participar das sessões realizadas em sua escola e responder aos questionários que serão solicitados.
3. Caso algum participante sinta algum desconforto devido aos temas da pesquisa será oferecido encaminhamento para a rede de atendimento do município através do Sistema Único de Saúde ou através da Universidade Federal de São Carlos.
4. O responsável pela pesquisa sempre estará presente em sala de aula e estará disponível ao final das sessões para questionamentos individuais e em grupo dos alunos.
5. A qualquer momento da pesquisa você e os alunos poderão solicitar esclarecimentos quanto a qualquer aspecto. Também deverá ser atendido em outras solicitações quanto a informações a respeito dessa pesquisa.
6. O participante não é obrigado a participar da pesquisa, tampouco terá qualquer punição ou consequência negativa em relação a este pesquisador ou a escola ao não participar.
 - a. “A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.”
 - b. “Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.”
7. Toda e qualquer informação obtida nessa pesquisa será sigilosa e só será fornecida ao participante principal e a seus pais caso ele assim deseje.
 - a. “As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.”
 - b. “Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Sendo fornecido um apelido escolhido por você para a sua identificação”.
8. O participante não terá qualquer ônus em relação a sua participação na pesquisa, bem como não terá qualquer gasto financeiro para tal.
9. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Sidnei Rinaldo Priolo Filho

Avenida Dr Carlos Botelho 2319 – Ap 902 – Centro São Carlos/SP

Telefone (16) 99608-2710

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

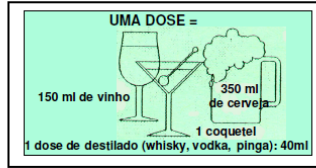
São Carlos, ____ de _____ de 20____

Participante

Pai ou responsável

ANEXO III

**AUDIT – Teste de
Identificação de Desordens
Devido ao Uso de Álcool**



Instruções para preenchimento:

a) escolha uma opção para cada pergunta e passe o número dela para a “caixinha” do lado direito; b) veja na figura o que é uma dose; c) após a última questão some os números que colocou nas “caixinhas”.

- | | | | |
|-----|--|-----------------------------------|---|
| 1) | Com que freqüência você toma bebidas alcoólicas? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Nunca | 3 Duas a três vezes por semana | |
| | 1 Uma vez por mês ou menos | 4 Quatro ou mais vezes por semana | |
| | 2 Duas a quatro vezes por mês | | |
| 2) | Nas ocasiões em que bebe, quantas doses você costuma tomar? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 1 a 2 doses | 3 7 a 9 doses | |
| | 1 3 ou 4 doses | 4 10 ou mais doses | |
| | 2 5 ou 6 doses | | |
| 3) | Com que freqüência você toma “seis ou mais doses” em uma ocasião? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Nunca | 3 Duas a três vezes por semana | |
| | 1 Uma vez por mês ou menos | 4 Quatro ou mais vezes por semana | |
| | 2 Duas a quatro vezes por mês | | |
| 4) | Com que freqüência, durante o último ano, você achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois de começar? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Nunca | 3 Duas a três vezes por semana | |
| | 1 Uma vez por mês ou menos | 4 Quatro ou mais vezes por semana | |
| | 2 Duas a quatro vezes por mês | | |
| 5) | Com que freqüência, durante o último ano, você não conseguiu cumprir com algum compromisso por causa da bebida? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Nunca | 3 Duas a três vezes por semana | |
| | 1 Uma vez por mês ou menos | 4 Quatro ou mais vezes por semana | |
| | 2 Duas a quatro vezes por mês | | |
| 6) | Com que freqüência, durante o último ano, depois de ter bebido muito, você precisou beber pela manhã para se sentir melhor? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Nunca | 3 Duas a três vezes por semana | |
| | 1 Uma vez por mês ou menos | 4 Quatro ou mais vezes por semana | |
| | 2 Duas a quatro vezes por mês | | |
| 7) | Com que freqüência, durante o último ano, você sentiu culpa ou remorso depois de beber? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Nunca | 3 Duas a três vezes por semana | |
| | 1 Uma vez por mês ou menos | 4 Quatro ou mais vezes por semana | |
| | 2 Duas a quatro vezes por mês | | |
| 8) | Com que freqüência, durante o último ano, você não conseguiu se lembrar do que aconteceu na noite anterior por causa da bebida? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Nunca | 3 Duas a três vezes por semana | |
| | 1 Uma vez por mês ou menos | 4 Quatro ou mais vezes por semana | |
| | 2 Duas a quatro vezes por mês | | |
| 9) | Alguma vez na vida você ou alguma outra pessoa já se machucou, se prejudicou por causa de você ter bebido ? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Não | 4 Sim, durante o último ano | |
| | 1 Sim, mas não no último ano | | |
| 10) | Alguma vez na vida algum parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com você por causa de bebida ou lhe disse para parar de beber? | | <input style="width: 40px; height: 30px;" type="text"/> |
| | 0 Não | 4 Sim, durante o último ano | |
| | 1 Sim, mas não no último ano | | |

Total

Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B., & Monteiro, M. G. (2001). *The Alcohol*

Use Disorders Identification Test. World Health Organization, Second Edition.

Escala de Tática de Conflitos Revisada (CTS2)

Strauss, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D.B. (1996). The Revised Conflicts Tactics Scale (CTS-2). *Journal of Family Issues*. 17, 283-316.

Mesmo que um casal se relacione bem, tem vezes que um discorda do outro, chateia-se com o outro, quer coisas diferentes, ou discutem e se agridem apenas porque estão de mau humor, cansados ou outra razão qualquer. Os casais também têm maneiras diferentes de tentar ajustar suas diferenças. Esta é uma lista de coisas que podem acontecer quando existem diferenças ou desavenças entre um casal. Por favor, circule quantas vezes você fez cada uma dessas coisas no ano passado, e quantas vezes seu parceiro (a) as fez no ano passado. Se você ou seu parceiro (a) não fez uma dessas coisas no ano passado, mas já aconteceu anteriormente circule “7”.

1 = uma vez no ano passado

5 = 11-20 vezes no ano passado

2 = duas vezes no ano passado

6 = mais de 20 vezes no ano passado

3 = 3-5 vezes no ano passado

7 = nenhuma vez o ano passado, mas aconteceu anteriormente

4 = 6-10 vezes no ano passado

0 = isso nunca aconteceu

Número	Item	Frequência
1	Mostrei que me importava com ele (a) mesmo quando discordávamos.	1 2 3 4 5 6 7 0
2	Meu parceiro (a) mostrou que se importava comigo mesmo quando discordávamos.	1 2 3 4 5 6 7 0
3	Expliquei a meu parceiro (a) o meu lado durante uma discussão.	1 2 3 4 5 6 7 0
4	Meu parceiro (a) explicou para mim o que ele (a) não concordava comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
5	Insultei ou xinguei o meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
6	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
7	Joguei algo em meu parceiro (a) que podia me machucar.	1 2 3 4 5 6 7 0
8	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
9	Torci o braço de meu parceiro (a) ou puxei seu cabelo.	1 2 3 4 5 6 7 0
10	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
11	Tive torção, contusão, hematoma ou pequeno corte por causa de uma briga com meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
12	Meu parceiro (a) teve torção, contusão, hematoma ou pequeno corte por causa de uma briga comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
13	Mostrei que respeitava seus sentimentos sobre um assunto.	1 2 3 4 5 6 7 0
14	Ele (a) mostrou respeito pelos meus sentimentos sobre um assunto.	1 2 3 4 5 6 7 0
15	Fiz com que meu parceiro (a) mantivesse relação sexual comigo sem camisinha.	1 2 3 4 5 6 7 0
16	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0

17	Empurrei meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
18	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
19	Usei força (como bater, segurar ou usar uma arma) para obrigar meu parceiro (a) a fazer sexo oral ou anal comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
20	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
21	Usei uma faca ou uma arma contra meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
22	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
23	Desmaiei ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
24	Ele (a) desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
25	Chamei meu parceiro (a) de gordo (a), feio (a) ou outra coisa assim.	1 2 3 4 5 6 7 0
26	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
27	Bati em meu parceiro (a) com alguma coisa que podia machucar.	1 2 3 4 5 6 7 0
28	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
29	Destruí coisas pertencentes a meu parceiro (a) de propósito.	1 2 3 4 5 6 7 0
30	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
31	Fui ao médico/serviço de saúde por causa de uma briga com meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
32	Ele (a) foi ao médico/serviço de saúde por causa de uma briga comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
33	Sufoquei ou estrangulei meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
34	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
35	Gritei/berrei com meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
36	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
37	Joguei meu parceiro (a) contra a parede.	1 2 3 4 5 6 7 0
38	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
39	Disse a ele (a) que estava certa de que poderíamos resolver um problema.	1 2 3 4 5 6 7 0
40	Ele (a) disse que estava certo de que poderíamos resolver um problema.	1 2 3 4 5 6 7 0
41	Precisei procurar um médico por causa de uma briga com meu parceiro (a), mas não procurei.	1 2 3 4 5 6 7 0
42	Ele (a) precisou procurar um médico por causa de uma briga comigo, mas não procurou.	1 2 3 4 5 6 7 0
43	Bati em meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
44	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
45	Segurei meu parceiro (a) com força.	1 2 3 4 5 6 7 0
46	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
47	Usei de força (como bater, segurar ou usar uma arma) para obrigar meu parceiro (a) a fazer sexo.	1 2 3 4 5 6 7 0
48	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
49	Saí com raiva e de repente (de casa, de uma sala ou do jardim) durante uma discussão.	1 2 3 4 5 6 7 0
50	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
51	Insisti em fazer sexo quando meu parceiro (a) não queria (sem usar força física).	1 2 3 4 5 6 7 0
52	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0

53	Dei um tapa em meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
54	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
55	Tive um osso quebrado por causa de uma briga com meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
56	Meu parceiro (a) teve um osso quebrado por causa de uma briga comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
57	Ameacei meu parceiro (a) para que fizesse sexo oral ou anal comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
58	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
59	Sugeri um acordo para resolver uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0
60	Ele (a) sugeriu um acordo para resolver uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0
61	Queimei ou derramei líquido quente em meu parceiro (a) de propósito.	1	2	3	4	5	6	7	0
62	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
63	Insisti para que meu parceiro (a) fizesse sexo oral e anal comigo (sem usar força física).	1	2	3	4	5	6	7	0
64	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
65	Acusei meu parceiro (a) de ser “ruim de cama”.	1	2	3	4	5	6	7	0
66	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
67	Fiz coisas para ofender ou perturbar meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
68	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
69	Ameacei jogar ou bater com alguma coisa em meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
70	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
71	Senti dores no corpo no dia seguinte por causa de uma briga que tive com meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
72	Ele (a) sentiu dores no corpo no dia seguinte por causa de uma briga que teve comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
73	Chutei meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
74	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
75	Fiz ameaças para que meu parceiro (a) fizesse sexo comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
76	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
77	Concordei em tentar a solução que meu parceiro (a) sugeriu para resolver uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0
78	Ele (a) concordou em tentar a solução que eu sugeri para resolver uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0

ANEXO IV

LAPREV



Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Fone: (16) 3351-8745 www.ufscar.br/laprev



Questionário sobre Relacionamentos Amorosos¹

Qual é a sua idade? _____ anos.

Assinale seu sexo: Feminino. Masculino.

1 – Assinale abaixo os campos que correspondem ao número dos itens indicados que há na sua casa.

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Máquina de lavar					
Videocassete e/ou DVD					
Geladeira					
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)					

2 - Qual é o grau de instrução do (a) pai/mãe/responsável? Marque a mais alta.

Fundamental Incompleto.

Fundamental Completo.

Médio Incompleto.

Médio Completo.

¹ Trata-se da compilação dos seguintes instrumentos: Critério de Classificação Econômica Brasil, Alcohol Use Identification Test (AUDIT), Escala de Tática de Conflitos Revisada (CTS-2) e Questionário de Crenças sobre a Violência Intrafamiliar.

Superior Incompleto.

Superior Completo.

Gostaria agora de perguntar aspectos relacionados à sua vida em geral e seus hábitos e aspectos de saúde.

Babor, T. F., Higgins-Biddle, J. C., Saunders, J. B., & Monteiro, M. G. (2001). *The Alcohol Use Disorders Identification Test*. World Health Organization, Second Edition.

3 – Com que frequência (quantas vezes por semana) você consome bebidas alcóolicas?

Nunca.

Uma vez por mês ou menos.

2-4 vezes por mês.

2-3 vezes por semana.

4 ou mais vezes por semana.

Se você respondeu **NUNCA**, passe para a questão 18.

4 – Quantas doses de álcool você consome num dia normal? Uma dose de álcool é equivalente a uma lata de cerveja (330 ml) ou uma taça de vinho (100 ml) ou uma dose de destilado (30 ml).



1 ou 2

3 ou 4

5 ou 6

7 a 9

10 ou mais

5 – Com que frequência (quantas vezes por semana) você consome cinco ou mais doses em uma única ocasião?

Nunca.

Menos que uma vez por mês.

Uma vez por mês.

Uma vez por semana.

Quase todos os dias.

6 – Quantas vezes ao longo dos últimos doze meses você achou que não conseguiria parar de beber, uma vez tendo começado?

- Nunca.
- Menos que uma vez por mês.
- Uma vez por mês.
- Uma vez por semana.
- Quase todos os dias.

7 – Quantas vezes ao longo dos últimos doze meses você não conseguiu fazer o que era esperado de você por causa do álcool?

- Nunca.
- Menos que uma vez por mês.
- Uma vez por mês.
- Uma vez por semana.
- Quase todos os dias.

8 – Quantas vezes ao longo dos últimos doze meses você precisou beber pela manhã para poder se sentir bem ao longo do dia, após ter bebido bastante no dia anterior?

- Nunca.
- Menos que uma vez por mês.
- Uma vez por mês.
- Uma vez por semana.
- Quase todos os dias.

Quase todos os dias.

9 – Quantas vezes ao longo dos últimos doze meses você se sentiu culpado ou com remorso após ter bebido?

- Nunca.
- Menos que uma vez por mês.
- Uma vez por mês.
- Uma vez por semana.
- Quase todos os dias.

10 - Quantas vezes ao longo dos últimos doze meses você foi incapaz de lembrar o que aconteceu devido a bebida?

- Nunca.
- Menos que uma vez por mês.
- Uma vez por mês.
- Uma vez por semana.
- Quase todos os dias.

11 – Você já causou ferimentos ou prejuízos a você mesmo ou a outra pessoa após ter bebido?

- Não.
- Sim, mas não no último ano.
- Sim, durante o último ano.

12 – Alguém ou algum parente, amigo ou médico, já se preocupou com o fato de você beber ou sugeriu que você parasse?

- Não.
- Sim, mas não no último ano.
- Sim, durante o último ano.

13 – Um consumo pesado difere em relação ao gênero.

Se você for **homem**: cinco cervejas ou cinco taças de vinho ou duas doses e meia de destilado (cachaça/vodca/rum) em menos de duas horas.



Se você for **mulher**: quatro cervejas ou quatro taças de vinho ou duas doses de destilado (cachaça/vodca/rum) em menos de duas horas.



Quantas vezes você consumiu pesado em sua vida? Circule o número mais próximo.

0 - 1	2 - 3	3 - 5	+ do que 5
-------	-------	-------	------------

14 – Quando foi a primeira vez que fez esse consumo?

Menos de 10 10 11 12

13 14 15 16 17

18 19 20 21 anos ou mais.

15 – Você consumiu mais do que cinco(homem)/quatro(mulher) doses em menos de duas horas nos últimos três meses?

Sim. Não.

16 – Durante os efeitos desse consumo você teve algum problema de saúde (náuseas, vômitos, desmaios, etc.), social (brigou com alguém, discutiu, etc), legal (multas de trânsito, foi assaltado, etc.) ou financeiro (gastou mais dinheiro que previa com seu consumo, gastou dinheiro de outra pessoa, etc.)?

Nunca.

1 ou 2 vezes.

Mensalmente.

Semanalmente.

Diariamente ou quase diariamente.

17 – Assinale quais tipos de bebidas você fez/faz uso.

Vodca Cerveja

Valmuth Tequila

Cachaça Rum

Vinho Saquê

Whisky Licores

Absinto Gin Guarigaba

Gostaria agora de perguntar aspectos relacionados a sua vida amorosa.

18 - Qual foi a relação amorosa mais séria que você já teve ao longo de sua vida?

- “Ficou” apenas uma vez com uma ou mais pessoas.
- “Ficou” mais de uma vez com a mesma pessoa. (“Ficar” esporádico)
- Teve um compromisso. (“Ficou” sério)
- Namorou.
- Morando junto.
- Noivou.
- Casou.
- Nunca teve interação amorosa com outra pessoa.

19 - Qual é a sua relação amorosa atual?

- Solteiro(a).
- “Fica” com alguém sem compromisso.
- Compromisso. (“Ficando” sério)
- Namorando.
- Morando junto.
- Noivo(a).
- Casado(a).

Se você respondeu: **Ficou esporádico, Ficou sério, Namorando; Morando junto; Noivo(a); ou Casado(a)**, passe para a **pergunta 23**.

20 - Se está solteiro(a); ”ficando”, já ficou esporádico/ficou sério/namorou/noivou/casou alguma vez?

- Sim. Não.

Se você respondeu **Não** para a pergunta anterior, **passe para o Questionário sobre crenças a respeito da violência intrafamiliar. Pode entregá-lo ao psicólogo.**

Se você respondeu **Sim** para a pergunta anterior, **continue a responder.**

21 - Se sim, há quanto tempo terminou/divorciou?

Aproximadamente 15 dias a um mês.

De um a três meses.

De três a seis meses.

De seis meses a um ano.

De um ano para mais.

22 - E quanto tempo ficou esporádico, ficou sério, namorou ou casou?

De aproximadamente 15 dias a um mês.

De um a três meses.

De três a seis meses.

De seis meses a um ano.

De um ano para mais.

23 – Se está ficando esporádico/ficando sério/namorando/noivo(a)/casado(a), há quanto tempo está engajado no relacionamento com a mesma pessoa?

De aproximadamente 15 dias a um mês.

De um a três meses.

De três a seis meses.

De seis meses a um ano.

De um ano para mais.

Caso você já tenha **Ficado esporádico, Ficado sério, Namorado; Morado junto, Noivado ou Casado** continue a responder na próxima página.

Mesmo quando as pessoas se dão bem tem vezes que um discorda do outro, fica chateado com o outro, quer coisas diferentes, discutem e brigam apenas porque estão de mau humor, cansados ou outra razão qualquer. Esta é uma lista de coisas que podem acontecer quando existem diferenças ou desavenças entre um casal.

Agora, serão apresentadas algumas frases a você. Sua tarefa será ler essas frases e circular quantas vezes você ou seu parceiro fez (fizeram) o que está escrito na frase, pensando no ano passado.

Se você ou seu parceiro (a) não fez uma dessas coisas no ano passado, mas já aconteceu anteriormente circule “7”.

Por exemplo:

Saí com raiva e de repente (de casa, de uma sala ou do jardim) durante uma discussão.

Strauss, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D.B. (1996). The Revised Conflicts Tactics Scale (CTS-2). *Journal of Family Issues*. 17, 283-316.

35	Gritei/berrei com meu parceiro (a).	2	3	4	5	6	7	0
36	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7

1 = uma vez no ano passado

5 = 11-20 vezes no ano passado

2 = duas vezes no ano passado

6 = mais de 20 vezes no ano passado

3 = 3-5 vezes no ano passado

7 = nenhuma vez o ano passado, mas aconteceu anteriormente

4 = 6-10 vezes no ano passado

0 = isso nunca aconteceu

Número	Item	Frequência							
1	Mostrei que me importava com ele (a) mesmo quando discordávamos.	1	2	3	4	5	6	7	0
2	Meu parceiro (a) mostrou que se importava comigo mesmo quando discordávamos.	1	2	3	4	5	6	7	0
3	Expliquei a meu parceiro (a) o meu lado durante uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0
4	Meu parceiro (a) explicou para mim o que ele (a) não concordava comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
5	Insultei ou xinguei o meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
6	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
7	Joguei algo em meu parceiro (a) que podia me machucar.	1	2	3	4	5	6	7	0
8	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
9	Torcei o braço de meu parceiro (a) ou puxei seu cabelo.	1	2	3	4	5	6	7	0
10	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
11	Tive torção, contusão, hematoma ou pequeno corte por causa de uma	1	2	3	4	5	6	7	0

12	briga com meu parceiro (a). Meu parceiro (a) teve torção, contusão, hematoma ou pequeno corte por causa de uma briga comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
13	Mostrei que respeitava seus sentimentos sobre um assunto.	1 2 3 4 5 6 7 0
14	Ele (a) mostrou respeito pelos meus sentimentos sobre um assunto.	1 2 3 4 5 6 7 0
15	Fiz com que meu parceiro (a) mantivesse relação sexual comigo sem camisinha.	1 2 3 4 5 6 7 0
16	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
17	Empurrei meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
18	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
19	Usei força (como bater, segurar ou usar uma arma) para obrigar meu parceiro (a) a fazer sexo oral ou anal comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
20	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
21	Usei uma faca ou uma arma contra meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
22	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
23	Desmaiei ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
24	Ele (a) desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
25	Chamei meu parceiro (a) de gordo (a), feio (a) ou outra coisa assim.	1 2 3 4 5 6 7 0
26	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
27	Bati em meu parceiro (a) com alguma coisa que podia machucar.	1 2 3 4 5 6 7 0
28	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
29	Destruí coisas pertencentes a meu parceiro (a) de propósito.	1 2 3 4 5 6 7 0
30	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
31	Fui ao médico/serviço de saúde por causa de uma briga com meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
32	Ele (a) foi ao médico/serviço de saúde por causa de uma briga comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
33	Sufoquei ou estrangulei meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
34	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
35	Gritei/berrei com meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
36	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
37	Joguei meu parceiro (a) contra a parede.	1 2 3 4 5 6 7 0
38	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
39	Disse a ele (a) que estava certa de que poderíamos resolver um problema.	1 2 3 4 5 6 7 0
40	Ele (a) disse que estava certo de que poderíamos resolver um problema.	1 2 3 4 5 6 7 0
41	Precisei procurar um médico por causa de uma briga com meu parceiro (a), mas não procurei.	1 2 3 4 5 6 7 0
42	Ele (a) precisou procurar um médico por causa de uma briga comigo, mas não procurou.	1 2 3 4 5 6 7 0
43	Bati em meu parceiro (a).	1 2 3 4 5 6 7 0
44	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
45	Segurei meu parceiro (a) com força.	1 2 3 4 5 6 7 0
46	Ele (a) fez isso comigo.	1 2 3 4 5 6 7 0
47	Usei de força (como bater, segurar ou usar uma arma) para obrigar meu parceiro (a) a fazer sexo.	1 2 3 4 5 6 7 0

48	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
49	Saí com raiva e de repente (de casa, de uma sala ou do jardim) durante uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0
50	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
51	Insisti em fazer sexo quando meu parceiro (a) não queria (sem usar força física).	1	2	3	4	5	6	7	0
52	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
53	Dei um tapa em meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
54	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
55	Tive um osso quebrado por causa de uma briga com meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
56	Meu parceiro (a) teve um osso quebrado por causa de uma briga comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
57	Ameacei meu parceiro (a) para que fizesse sexo oral ou anal comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
58	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
59	Sugeri um acordo para resolver uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0
60	Ele (a) sugeriu um acordo para resolver uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0
61	Queimei ou derramei líquido quente em meu parceiro (a) de propósito.	1	2	3	4	5	6	7	0
62	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
63	Insisti para que meu parceiro (a) fizesse sexo oral e anal comigo (sem usar força física).	1	2	3	4	5	6	7	0
64	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
65	Acusei meu parceiro (a) de ser “ruim de cama”.	1	2	3	4	5	6	7	0
66	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
67	Fiz coisas para ofender ou perturbar meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
68	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
69	Ameacei jogar ou bater com alguma coisa em meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
70	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
71	Senti dores no corpo no dia seguinte por causa de uma briga que tive com meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
72	Ele (a) sentiu dores no corpo no dia seguinte por causa de uma briga que teve comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
73	Chutei meu parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7	0
74	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
75	Fiz ameaças para que meu parceiro (a) fizesse sexo comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
76	Ele (a) fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
77	Concordei em tentar a solução que meu parceiro (a) sugeriu para resolver uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0
78	Ele (a) concordou em tentar a solução que eu sugeri para resolver uma discussão.	1	2	3	4	5	6	7	0

Questionário sobre Crenças a respeito da Violência Intrafamiliar

Ferrari, I. F., Priolo-Filho, S. R., & Brino, R. F. (no prelo). Questionário sobre violência intrafamiliar: confiabilidade de um instrumento sobre crenças. *Psicologia: Teoria e Prática*, 18(3).

Analise cada uma das afirmações abaixo, expressando sua opinião como Verdadeira (V) para aquelas que você estiver de acordo e Falsa (F) se você discordar da mesma.

1. “Se uma mulher apanhou alguma coisa ela fez”. ()V ()F
2. “A mulher em geral não presta queixa na primeira ou segunda vez que apanha do marido”. ()V ()F
3. “O abuso sexual infantil se resume ao ato sexual com penetração vaginal (estupro) ou anal.” ()V ()F
4. “É a crise, o desemprego e a constante falta de dinheiro as principais razões que fazem com que o homem seja violento em casa”. ()V ()F
5. “Não é possível educar crianças sem a utilização de castigos corporais”. ()V ()F
6. “O consumo de álcool é a principal causa do homem bater na mulher e nos filhos”. ()V ()F
7. “Em geral, crianças que chegam aos hospitais e prontos-socorros com fraturas e machucados graves, foram vítimas de acidentes domésticos”. ()V ()F
8. “As crianças que vêm a mãe ser agredida pelo pai, muitas vezes, sentem-se culpadas pela violência”. ()V ()F
9. “Briga de marido e mulher não tem solução”. ()V ()F
10. “A criança que cresce em um lar violento, não necessariamente, torna-se violenta quando crescer”. ()V ()F
11. “Ninguém apanha de graça”. ()V ()F
12. “O homem que bate em mulher é um louco, um desequilibrado: um doente mental”. ()V ()F
13. “Os maus-tratos contra crianças podem ocorrer em qualquer família, seja qual for o nível sócio-econômico da mesma.” ()V ()F
14. “Briga de marido e mulher é como briga de vizinho: não adianta intervir”. ()V ()F
15. “A mulher provoca. Não é a toa que o homem é violento”. ()V ()F
16. “Numa mulher não se bate nem com uma flor”. ()V ()F
17. “A maioria das mulheres gosta de apanhar”. ()V ()F
18. “Mulher que é agredida é suspeita, pois quando um não quer dois não brigam”. ()V ()F
19. “A freqüente ocorrência de maus-tratos intrafamiliares demonstra que nem sempre há harmonia na família.” ()V ()F
20. “É possível identificar indicadores da ocorrência de abuso envolvendo as crianças”. ()V ()F

21. “A maioria das mulheres que procura a delegacia porque apanha do marido não é honesta”.
()V ()F
22. “A violência contra a mulher pode atingir todas as camadas da população”. ()V ()F
23. “Quase nunca a criança mente sobre estar sendo maltratada. Uma pequena porcentagem dos casos é fictícia e, nestes casos, em geral trata-se de crianças maiores que já objetivam alguma vantagem.” ()V ()F
24. “O homem também apanha da mulher, tanto quanto bate nela”. ()V ()F
25. “A divulgação de material erótico com crianças (como textos, fotografia/filmagem de crianças nuas ou fazendo sexo) causa malefícios, pois prejudicam as crianças que são expostas e estimula a aceitação do sexo entre crianças e adultos como algo normal.”
()V ()F
26. “Não é nada fácil para a mulher sair de um relacionamento abusivo”. ()V ()F
27. “Quando o marido bate na mulher, pode saber que ela tem culpa no cartório”.
()V ()F
28. “O abuso psicológico pode ser tão ameaçador quanto o abuso físico”. ()V ()F
29. “O agressor sexual pode ser qualquer pessoa, não há perfil definido.” ()V ()F
30. “A mulher que apronta e deixa o homem bravo encoraja a violência doméstica”.
()V ()F
31. “Ela prestou queixa contra o marido violento na delegacia. É horrível isso de lavar a roupa suja em público”. ()V ()F
32. “As pessoas conhecidas da criança, como pais, tios, avós, vizinhos, representam o maior risco em relação a ocorrência de maus-tratos contra crianças.”
()V ()F
33. “No Brasil, pais e profissionais que lidam com crianças, não estão suficientemente informados sobre os maus-tratos, e, portanto, muitas vezes, inaptos a lidar com o problema.” ()V ()F
34. “Toda agressão deixa marcas físicas aparentes.” ()V ()F
35. “Com ele tem que ser assim: olho por olho, dente por dente; por isso é que a mulher apanha”.
()V ()F
36. “Em geral os maus-tratos contra crianças são repetitivos, sendo que a maioria ocorre dentro de casa facilitando o acesso do agressor à vítima.” ()V ()F
37. “Em briga de marido e mulher não se deve meter a colher”. ()V ()F
38. “A mulher merece apanhar porque azucriona a vida dos homens”. ()V ()F

39. “Muitas vezes, o contato do pedófilo inicia-se de forma virtual através da Internet, mas logo pode passar para a conquista física, levando inclusive a possibilidade de assassinato de crianças.”
()V ()F
40. “Ela é um verdadeiro saco de pancadas do marido, só não larga dele porque não quer”. ()V
()F
41. “Sempre que um jovem vem na delegacia mente, ele não teme ser punido, pois é inimputável (não passível de sofrer pena criminal) perante a lei”. ()V ()F
42. “Mulher precisa apanhar para se manter na linha”. ()V ()F
43. “A mulher também pode ser um agressor físico e/ou sexual de crianças.”
()V ()F
44. “A mulher que apanha do marido pode largar dele, basta querer”. ()V ()F
45. “Quando um casal tem um relacionamento violento a única solução é a separação”.
()V ()F

Avaliação do programa

Idade _____

Sexo () Masculino () Feminino

Marque em cada coluna o quanto você ficou satisfeito com cada um dos seguintes itens das sessões:

	Muito satisfeito	Satisfeito	Ok	Insatisfeito	Muito insatisfeito
Temas abordados					
Forma de organização das discussões					
Formato para fazer perguntas					
Qualidade das respostas fornecidas					
Qualidade do conteúdo das sessões					
Satisfação em geral					

Você recomendaria a algum amigo participar do programa?

() Sim () Não

Quais temas você considerou mais interessantes?

Quais temas você gostaria que tivessem sido abordados? _____

Caso tenha mais alguma dúvida ou pergunta, utilize o espaço abaixo:
